

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

CAROLINA CASARIN PAES

**PROJETOS DE VIDA DE JOVENS MULHERES ATUANTES EM
COMUNIDADES RELIGIOSAS CRISTÃS DE CAMPO MOURÃO-PR:
“você deve buscar e Deus vai proporcionar para você”**

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

CAROLINA CASARIN PAES

**PROJETOS DE VIDA DE JOVENS MULHERES ATUANTES EM
COMUNIDADES RELIGIOSAS CRISTÃS DE CAMPO MOURÃO-PR:
“você deve buscar e Deus vai proporcionar para você”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

Orientadora: Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro.

Co-orientador: Dr. Frank Antonio Mezzomo.

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado por André Luiz Ferreira Vidal - CRB 9/1767

P126p Paes, Carolina Casarin.

Projetos de vida de jovens mulheres atuantes em comunidades religiosas cristãs de Campo Mourão-PR: você deve buscar e Deus vai proporcionar para você/ Carolina Casarin Paes. - Campo Mourão, 2021.

162 f.

Orientadora: Cristina Satiê de Oliveira Pátaro

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Projetos de Vida. 2. Gênero. 3. Religião. I. Pátaro, Cristina Satiê de Oliveira. II. Universidade Estadual do Paraná. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. III. Título.

CDD 21. ed. – 248.8943

CAROLINA CASARIN PAES

**PROJETOS DE VIDA DE JOVENS MULHERES ATUANTES EM COMUNIDADES
RELIGIOSAS CRISTÃS DE CAMPO MOURÃO-PR: “você deve buscar e Deus vai
proporcionar para você”**

BANCA EXAMINADORA

Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Orientadora) – UNESPAR, Campo Mourão

Dr. Frank Antonio Mezzomo (Co-orientador) – UNESPAR, Campo Mourão

Dra. Fabiane Freire França – UNESPAR, Campo Mourão

Dra. Lucimar da Luz Leite – UNESPAR, Campo Mourão

Data de Aprovação

22/09/2021

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Às mulheres, que todos os dias me ensinam o feminismo, o respeito e a sororidade.

AGRADECIMENTOS

Estudar sempre foi um grande prazer, por isso eu considerava natural ou inevitável seguir carreira acadêmica e ser professora. Ser admitida no mestrado foi como um atestado de que, com empenho e estudo, eu conseguiria cumprir esse projeto. Em 2019 tive um ano de muito comprometimento, dedicação e produção, com amplas publicações e leituras, fui além dos créditos exigidos, cumpri as disciplinas e me envolvi com tudo que podia visando aprender o máximo possível e desfrutar da experiência que tantos pesquisadores consideram “traumática”. Mas 2020 e a pandemia do Corona vírus vieram para bagunçar tudo e criar o adiado trauma: surgiram novas demandas e necessidades, *homeoffice*, suspensão das aulas presenciais, escolas fechadas, trabalhos cancelados, uma nova rotina familiar... e tudo isso impactou meus planos e projetos, alguns precisaram ser adiados, outros revistos ou modificados. Isso está relacionado à essência dessa dissertação, que fala sobre projetos de vida, pois uma pandemia é capaz de desorganizar o planejamento de qualquer pessoa.

Felizmente não houve prejuízos para minha coleta de dados, pois havia feito as entrevistas antes da pandemia, mas as necessidades [materiais e práticas] desse período e a impossibilidade de utilizar os espaços físicos da universidade para estudar e escrever atrasaram o processo de pesquisa e de escrita do texto final. Diversas intempéries me prejudicaram na escrita de um texto que eu julgasse minimamente coerente e adequado à minha trajetória até aqui. Parece que, se até 2019 dei o melhor de mim, na reta final de 2020 havia apenas dúvidas e dificuldades. Não me orgulho da aluna que fui, mas não posso deixar de citar esse processo para contextualizar onde está esta minha produção, concluída apenas no final de 2021 e entregue na versão definitiva, com algumas dificuldades, já em 2022.

Na aula inaugural, ouvimos o professor que dizia que “não se faz pesquisa sozinho”, e que boas dissertações eram escritas por aqueles que não tiveram a ânsia de se isolar em casas de campo onde supostamente poderiam se inspirar. A pandemia nos obrigou a transformar toda casa em um recanto, cada um à sua maneira: um espaço de trabalho, produção, vídeochamada, escrita ininterrupta, e que também precisaria ser um lugar de descanso, yoga, meditação, prazer. O sono tranquilo não veio. Porém, mesmo à distância, e mesmo sabendo que vivenciar uma pesquisa científica é um processo árduo e solitário, porque exige exaustivas horas de leitura, estudo e reflexões, hoje mais do que nunca é fundamental agradecer as pessoas que, mesmo à distância, se fizeram presentes, me acompanhando e tornando um pouco mais leve todo esse processo.

Agradeço primeiramente à minha maravilhosa orientadora Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, que acreditou que eu “daria conta” mesmo quando eu aparecia com mais afazeres que atrasavam as análises. Agradeço a oportunidade, a confiança, a gentileza e a inteligência com que me orientou em todo o processo, junto com o querido e inteligentíssimo professor Frank Mezzomo, que em todos os seus comentários e sugestões foi tão certo, objetivo e necessário. Agradeço, sobretudo, por terem respeitado meu tempo de produção e escrita e por terem seguido comigo até onde foi possível, mesmo com tantos percalços. Peço desculpas por todos os meus sumiços e atrasos. Vocês são professores incríveis e tem toda a minha admiração!

À Dra. Caroline Jaques Cubas, Dra. Daniela Medeiros de Azevedo Prates e Dr. Ricardo Fernandes Pátaro, que fizeram ricas contribuições para esta pesquisa em seus pareceres de qualificação. Sinto muito por não termos nos conhecido pessoalmente neste momento, mas mesmo à distância vocês me deram excelentes direcionamentos, que muito contribuíram para a sequência e finalização deste texto. Às professoras Dra. Fabiane Freire França e Dra. Lucimar da Luz Leite, da Unespar, pela presença e arguição na banca de defesa, por questionar, argumentar e me auxiliar a lapidar a versão final agora entregue.

Aos colegas e professores que participaram desses mais de dois anos do Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento - PPGSeD, que choraram juntos nos grupos de *WhatsApp*, que discordaram, opinaram e elogiaram. Espero vê-los com muito sucesso (e em algumas hamburgadas, por favor)! Em especial à minha companheira Lara, que apostou em várias das minhas ideias e foi o *melhor presságio* de que esse período de apocalipse passaria. Após tantas madrugadas de crises, dores de cabeça e frustração, acho que sobrevivemos. Espero que ainda possamos publicar muito, trocar muitas figurinhas de gatos, e que você nunca mais saia da minha vida.

Ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, pelo debate dos textos teóricos, pelas ideias, sugestões e indicações de leitura, e também pelas confraternizações alegres, centenas de salgadinhos e o sofrimento compartilhado. Sinto falta dos nossos encontros (e deixo um agradecimento particular e especial ao subgrupo – ou grupo secreto – dos melhores *coachs* de cultura e poder desse país, pois me renderam boas risadas e muito acolhimento nesse período de atrasos e autocobrança).

À Unespar, que segue sobrevivendo aos ataques políticos, à falta de verbas e às dificuldades, que proporciona aos alunos um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento e que me aceitou tanto na graduação quanto na pós-graduação com professores, orientadores e eventos maravilhosos. Espero que em breve possa te frequentar novamente.

Às jovens que tornaram essa investigação possível, pela disponibilidade e pela confiança em me relatar suas experiências, sonhos e projetos. Obrigada por se abrirem comigo, por compartilhar suas vidas e me deixar relatá-las com tanto cuidado e verdade. Essa pesquisa é para vocês e espero que faça jus às suas vidas. A parte mais difícil com certeza foi selecionar os dados que compuseram a versão final deste texto, porque tudo o que vocês me disseram pareceu essencial. Vocês são maravilhosas!

Aos meus pais, que me deram caronas, marmitas, colo, blusinhas e o suporte material necessário para passar por esse período em segurança. Aos meus amigos e irmãos de alma, que compreenderam minhas ausências, meus silêncios e vácuos nas redes sociais – deixo meu agradecimento e meu amor pela insistência da companhia, tererês e cafés. Vocês são meus *meninos perdidos* anões geniais e favoritos no mundo, e com certeza me inspiram bastante. Ao grupo *criador de problemas*, que animou minhas sextas-feiras de estudo e me mostrou que orientadores e mestres são para a vida toda. À Jussara pela conversa constante e apoio incondicional. À Raquel, melhor parte de mim, por opinar e me salvar com seus brownies e comentários ácidos.

Will, meu melhor amigo, minha força, meu colo e meu amor. Te amo e sou muito grata por todo o suporte. Obrigada por sempre acreditar em mim e por me acompanhar. Espero que eu consiga cuidar de você tão bem quanto você já cuidou de mim.

Podem tentar,
Eu não vou me silenciar
Ninguém me tira a fala
Ainda que alguém me oprima
Mais ninguém me subestima
Eu cansei, ninguém mais me cala

Não vou chorar
Eu tenho que ser firme
E podem até tentar me silenciar
Mas agora ninguém me cala!

Eu cansei, ninguém mais me cala
Chegou a hora do mundo mudar
Essa história é antiga
De que uma princesa não deve falar
Mas não há o que eu não consiga!

♪ *Ninguém me cala – filme Aladdin (2019)*

RESUMO

PAES, Carolina Casarin. **Projetos de vida de jovens mulheres atuantes em comunidades religiosas cristãs de Campo Mourão-PR**: “você deve buscar e Deus vai proporcionar para você”. 2021. 162f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

A pesquisa tem por objetivo identificar as possíveis articulações ou influências da religião nos projetos de vida de jovens mulheres cristãs participantes das comunidades religiosas Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Católica e Luterana Livre. O referencial teórico articula noções de religião, juventude e gênero, e projetos de vida, a partir de contribuições de diversas áreas do conhecimento, como Psicologia, Antropologia, Ciências da Religião, História e Sociologia, configurando assim uma pesquisa interdisciplinar. Destaca-se, na literatura científica brasileira, um aumento nas publicações sobre o tema, que descrevem um ambiente religioso essencialmente masculino, no qual as mulheres tendem a ser invisibilizadas, o que parece justificar investigações que tenham mulheres como pesquisadoras e participantes. A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas, nas quais se questiona sobre identidade, trajetórias, escolhas e planos de 10 jovens na faixa etária de 18 a 22 anos e que frequentam quatro denominações religiosas cristãs em Campo Mourão, Paraná: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Católica e Igreja Luterana Livre. Os dados, de natureza qualitativa, dizem respeito às compreensões das próprias jovens e, para a análise, foram organizados em dois eixos centrais: o primeiro relacionado às identidades e trajetórias religiosas, e o segundo sobre os planos para o futuro. Quanto às identidades, as jovens relatam conflitos geracionais e uma criação machista que influencia na maneira como percebem e organizam a própria vida, especialmente no sentido de buscar mais liberdade por meio do trabalho e estudo. A religiosidade é integrada à cultura familiar, demonstrando o apego das jovens às tradições, ao mesmo tempo em que representa uma jornada de autoconhecimento e contato com o divino, este entendido como fonte de conforto e sucesso, de forma que, ao falar de religião, as jovens a relacionam ao cuidado com o próximo e à própria saúde mental. No segundo eixo, destaca-se que os principais planos para o futuro incluem o casamento, a conclusão do curso superior e a inserção no mercado de trabalho na área específica de sua formação. Observa-se uma trajetória e um posicionamento complexos por parte das jovens, que podem ser entendidos como contraditórios ou ambíguos, pois, ao mesmo tempo em que a religião é fonte de críticas, questionamentos e afastamentos, em especial na adolescência, também se apresenta como fator de orientação, no presente e no futuro. Conclui-se que, para as jovens entrevistadas, o cuidado e aceitação divinos figuram como elementos essenciais para a formulação e aceitação de um projeto de vida; embora outros elementos sociais e econômicos tenham maior influência na sua definição. Entende-se ainda que o projeto de vida é organizado a partir do horizonte de possibilidades identificado pelas jovens, como na escolha por profissões mais acessíveis e/ou que podem gerar retorno financeiro mais imediato, ao mesmo tempo em que aciona a religião no que se refere à identificação, pertença e valorização da espiritualidade.

Palavras-chave: Projetos de Vida; Juventudes; Gênero; Religião.

ABSTRACT

PAES, Carolina Casarin. **Projetos de vida de jovens mulheres atuantes em comunidades religiosas cristãs de Campo Mourão-PR**: “você deve buscar e Deus vai proporcionar para você”. 2021. 162f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

The aim of the present study is to identify articulations or influences of religion in the life projects of young christian women who participate in the religious communities Assembleia de Deus (God's Assembly), Congregação Cristã do Brasil (Brazilian Christian Congregation), Igreja Católica (Catholic Church) and Igreja Luterana Livre (Free Lutheran Church). The theoretical frame of reference conceives concepts of religion, youth and gender, as well as projects of life, which are conceived from contributions of diverse areas of knowledge, such as Psychology, Anthropology, Sciences of Religion, History and Sociology, thus configuring an interdisciplinary study. It stands out, in Brazilian scientific literature, an increase of researches regarding the subject, describing a religious environment essentially male, where women tend to be made invisible, which justifies investigations that have women as researchers and participants. The study was carried through semiestructured interviews, with questions regarding identity, trajectories, choices and plans of the ten young women from 18 to 22 years of age, who attend four Christian religious denominations in Campo Mourão, Paraná. The qualitative data regards the comprehensions of the young women themselves and, for the analysis, it was organized in two main clusters: the first related to identities and religious trajectories, and the second regarding plans for the future. Concerning identities, the young women tell about generational conflicts and about a sexist upbringing, which influences the manner they perceive and organize their own life, especially in concerns of aiming for more freedom through work and education. Religiosity is integrated to family values, which demonstrates the commitment these young women have to tradition, at the same time it represents a journey of self-knowledge and relationship to the Divine, which is understood as a source of comfort and success, so that when speaking of religion, the young women associate it with taking care of people and with their own mental health. The second cluster highlights that the main plans for the future include marriage, the achievement of a college degree and the insertion in the work field related to the degree achieved. One can observe that the young women's complex trajectory and statements can be understood as contradictory or ambiguous, for that at the same time that religion is a source of criticisms, questionings and departures, especially during teenage years, it also appears as a source of orientation, in the present and in the future. In conclusion, for the young women interviewed, the divine care and acceptance appear as essential elements for the formulation and acceptance of a life project; although other social and economic elements might have a higher influence in its definition. One can understand that the life project is organized from the horizon of possibilities identified by the young women, such as in the choice of one accessible work path and/or one that might give a more prompt financial return, at the same time that religion enters when it comes down to identification, feeling of belonging and the valorization of spirituality.

Keywords: Life Projects; Youth; Gender; Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: JOVENS VIRTUOSAS EM UMA SOCIEDADE GLOBALIZADA E COMPLEXA	14
1.1 Religião e experiências religiosas de mulheres jovens	15
1.2 Reflexões sobre as juventudes femininas	29
1.3 Projetos de vida e campo de possibilidades	40
CAPÍTULO 2: CONHECENDO AS PARTICIPANTES E O PERCURSO DA PESQUISA	46
2.1 Procedimentos metodológicos de produção e análise dos dados	46
2.2 Aspectos éticos, limites e tensões no fazer pesquisa	52
2.3 Considerações sobre o corpus empírico: as participantes de comunidades religiosas de Campo Mourão	53
2.3.1 Assembleia de Deus	55
2.3.2 Congregação Cristã no Brasil	61
2.3.3 Igreja Católica	67
2.3.4 Igreja Luterana Livre	70
2.4 Considerações sobre as denominações religiosas cristãs	74
CAPÍTULO 3: IDENTIDADES, RELIGIOSIDADES E PROJETOS DE VIDA	77
3.1 Ser uma jovem mulher religiosa	78
3.1.1 Uma criação machista e os conflitos geracionais	79
3.1.2 Expressões de religiosidade, trajetória religiosa e fé	89
3.2 Ser uma mulher que planeja seu futuro	98
3.2.1 Relacionamentos e constituição da família	100
3.2.2 Escolarização, profissionalização e trabalho	110
3.2.3 A busca por uma vida melhor	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
FONTES	144
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE A	157
APÊNDICE B	159

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como tema os projetos de vida da juventude feminina cristã, a fim de investigar as articulações ou influências da religião nos projetos de vida de jovens mulheres que participam de comunidades religiosas em Campo Mourão, no Paraná.

Trata-se de um estudo analítico vinculado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, entendendo que sociedade e desenvolvimento são dimensões da formação humana relacionadas às condições de vida e possibilidades de escolha dos sujeitos em determinados contextos. Ligada também à linha de pesquisa Formação Humana, processos socioculturais e instituições, nossa pesquisa estuda as formas de sociabilidade e constituição das identidades nas esferas institucionais como a família, a política e a religião, bem como os processos educativos, trajetórias e projetos de vida que são constituídos nas relações com essas instituições.

Vincula-se, ainda, ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder da Unespar, que desenvolve estudos interdisciplinares relacionados às relações de poder presentes nas definições culturais e sociais, levantando e explorando hipóteses explicativas da formação histórico-social e levando em consideração as intersecções entre cultura, poder e identidades (outras informações podem ser acessadas em: <http://culturaepoder.unespar.edu.br/>). Neste sentido, nossa investigação busca tematizar as relações de gênero, que são um dos tipos das relações de poder encontrados na sociedade e que, conseqüentemente, perpassam as comunidades religiosas, observando de que forma as mulheres compreendem suas identidades e projetos de vida estabelecidos, entre outros aspectos, a partir da educação e das vivências na religião.

Consideramos que a sociedade contemporânea possui formas específicas de organização e processos de subjetivação, decorrentes da globalização e de mudanças nas estruturas e instituições sociais, que vão se tornando cada vez mais fluídas e móveis. As mudanças são repentinas e os estímulos são constantemente renovados, de forma que a incoerência e a surpresa se tornaram condições comuns. Bauman (2001) descreveu nosso tempo como uma modernidade líquida, moldada a partir das diversas crises sociais, econômicas, políticas, entre outras, que possuem alcance ou repercussão global. No geral, essas crises questionam a legitimidade da institucionalização e dão ênfase no sujeito e, se por um lado, trouxeram a ideia de leveza, igualdade e liberdade, também favoreceram

relacionamentos fugidios e transitórios, mobilidade, inconstância e o enfraquecimento dos laços de sociabilidade.

Nesse cenário, a religião, a despeito de suas constantes reconfigurações, continua a ser uma das instituições basilares e pode ser entendida como uma alternativa para a insegurança e as crises sociais da contemporaneidade. Embora funcione como mecanismo de disciplina e controle, também é responsável pela transmissão de valores e tradições e evoca uma sensação de comunhão e pertencimento, além de possibilitar a construção de identidades e identificações (HERVIEU-LÉGER, 2015). Observamos ainda que a religião se expressa em instituições e processos socioculturais que promovem formas características de sociabilidade e constituição das identidades das pessoas, estando presente tanto na vida pública quanto na privada.

Em minha trajetória pessoal¹, o espaço religioso é significativo: por duas décadas, frequentei uma igreja luterana junto com meus familiares e sei o quanto essa instituição foi importante e influenciou certas formas de pensar e organizar a vida, a rotina e os relacionamentos que tive. Nos últimos anos, porém, comecei a questionar alguns dogmas e posicionamentos, principalmente em decorrência dos meus objetivos e planos para o futuro: sempre quis estudar, viajar pelo mundo, namorar, e não planejava casar ou ter filhos. Construí críticas à religião e ao seu papel na manutenção de uma sociedade patriarcal e machista; me aproximei do ateísmo, tive dúvidas e questionamentos e até agora não consegui definir *se* e *em que* eu acredito. Além disso, frequentemente converso com pessoas que transitam nos extremos da fé ou da falta dela, e procuro explicações para as coisas que acontecem comigo e com o mundo.

Passei por um período de estudos e de descobertas que, de alguma forma, dizia respeito apenas a mim, mas que recebeu novos contornos quando fui admitida no processo seletivo do Mestrado e orientada a pesquisar “algum fenômeno relacionado à religião”. Não havia dúvidas de que esse fenômeno deveria perpassar minhas experiências, sobretudo em *ser mulher* dentro deste espaço. Quando pensei em mim, pensei também nas outras jovens que frequentam ou frequentavam alguma instituição religiosa, que possuem suas crenças e fé na divindade cristã, e que acreditam nos ensinamentos religiosos, utilizando-os na vida cotidiana ou para projetar o futuro. É sobre essas jovens mulheres que desejo falar. Mais

¹ Para entendimento da coerência deste texto, cabe explicar por que sua redação conta com duas linhas narrativas: as passagens em terceira pessoa estabelecem os aspectos mais objetivos e relacionados aos dados teóricos e aos caminhos da pesquisa; enquanto a redação em primeira pessoa marca a subjetividade e a presença da pesquisadora na contextualização e observações realizadas. Concordo ainda com Corazza (2002, p. 119), ao dizer que o problema de pesquisa não é descoberto, mas nasce de “atos de rebeldia, insubmissão e desassossego” frente aos sentidos já conhecidos.

especificamente, quero abordar como as identidades dessas jovens, religiosas participantes, foram se constituindo e de que forma elas concebem seus projetos de vida.

De acordo com algumas discussões trazidas por Hall (2006) e Velho (1994), há uma correlação entre as identidades e os projetos futuros, visto que a história de vida e as experiências anteriores, que ajudam a constituir a identidade, também influenciam as perspectivas e objetivos que a pessoa traça para si. Nesse sentido, essa investigação foca na constituição dos projetos de vida específicos da população de mulheres jovens.

De início, assumimos que a juventude precisa ser entendida como categoria multideterminada, uma condição social, histórica e cultural, uma etapa do ciclo da vida que ocorre de maneira muito particular a depender dos cenários, experiências anteriores e campos de possibilidades de cada pessoa (VELHO, 2003). Além disso, há as influências específicas da contemporaneidade líquida, que traz como marcas, entre outras, a perda da estabilidade e da segurança (BAUMAN, 2001), inclusive no âmbito religioso aqui discutido.

A compreensão dessa fase da vida pode ser enriquecida se partirmos dos olhares das próprias jovens, para que elas atribuam significados às suas vivências e falem sobre suas ações e sobre seus projetos presentes e futuros. Por isso, definimos que os dados empíricos seriam coletados a partir de entrevistas com jovens, e buscamos contato com algumas instituições religiosas da cidade que nos eram familiares e nas quais tivemos mais receptividade. Optamos ainda por falar das religiões cristãs, pois o cristianismo é “a matriz da religiosidade da maioria dos brasileiros” (MATOS; LOBO; GARCIA, 2018, p. 3), apresentado pelo Datafolha (2016) como a manifestação religiosa de 79% da população com mais de 16 anos de idade, da qual 50% é católica, 22% de denominações evangélicas pentecostais como Assembleia de Deus, Congregação Cristã e Universal do Reino de Deus, e 7% de evangélicos não pentecostais, como das igrejas Luterana, Presbiteriana, Batista, entre outras.

Nos contornos dessa pesquisa, as comunidades religiosas são vistas como campos de possibilidade muito singulares e com problemáticas próprias, o que nos leva a questionar: de que maneira as jovens mulheres articulam as religiões cristãs aos seus projetos de vida? Ou, ainda, de que maneira as jovens mulheres elaboram seus projetos de vida tendo em vista as influências da religião da qual participam?

Para responder ao problema proposto, temos como objetivo identificar as possíveis articulações ou influências da religião nos projetos de vida de jovens mulheres que participam de comunidades religiosas cristãs no município de Campo Mourão, Paraná. Neste percurso, nossas propostas mais específicas são: 1) investigar as características de identidade de jovens

mulheres cristãs, visando compreender de que forma a dimensão religiosa se articula aos valores e identidades dessas jovens; 2) examinar as experiências e trajetórias das jovens mulheres nas comunidades religiosas de que participam; e 3) analisar a forma pela qual as jovens mulheres cristãs elaboram seus projetos de vida, a partir de seus relatos e planos, a fim de observar o que essas jovens planejam para seu futuro, como estão agindo para alcançar tais projetos e quais os limites e possibilidades articulados pela religião. Tais objetivos serão melhor descritos no tópico metodológico, no segundo capítulo.

Tentamos criar um diálogo entre teoria e empiria e organizamos o texto em três capítulos. No primeiro, abordamos conceitos que podem ajudar na compreensão dos dados: apresentamos algumas discussões teóricas sobre religião (FREUD, 1913, 1927; GIDDENS, 2002; HERVIEU-LÉGER, 2015), juventude religiosa (CARRANZA; MARIZ; CAMURÇA, 2009; FEIXA; LECCARDI, 2010; VELHO, 2003) e manifestações religiosas de mulheres jovens. Intercalamos tais conceitos com publicações e teses de doutoramento que tratam da juventude religiosa no Brasil, nas quais destacam-se a constituição da identidade feminina, o termo “resistência” e a abordagem do campo religioso como espaço de convivência com dogmas essencialmente masculinos. Falamos sobre juventude feminina, realizando os dois recortes da definição utilizada na pesquisa: o temporal e o de gênero, abordados a partir de Abramo e Branco (2008), Hall (2006), Velho (1994; 2003), Erik Erikson (1976), Butler (2015), entre outros. Em seguida, definimos projetos de vida e campo de possibilidades, trazendo reflexões de autores como Velho (1994, 2003), Machado (2006), Prigogine (1996; 2003) e Sartre (1973; 2011).

O segundo capítulo contempla os procedimentos metodológicos que adotamos: os caminhos da pesquisa, o plano de investigação, as participantes e os instrumentos utilizados tanto para a coleta quanto para a análise dos dados. Caracterizamos e apresentamos as participantes – que foram escolhidas pelo critério de acessibilidade e disponibilidade para as entrevistas, bem como em decorrência de suas participações e assiduidade nas instituições –, a partir de uma breve biografia sobre cada uma. Buscamos, assim, conhecer essas mulheres, apresentando quem são, de onde são e o que pensam sobre o futuro e a comunidade religiosa de que participam. Neste momento também explicamos o que compreendemos por cristianismo e quais os critérios para englobar as quatro denominações (Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Católica e Igreja Luterana Livre), além das especificações teóricas sobre o tratamento qualitativo dado à empiria, por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

No terceiro capítulo, apresentamos os resultados obtidos, bem como a análise desses dados. As transcrições foram lidas exaustivamente, buscando identificar as categorias de análise, temas mais recorrentes, aproximações e distanciamentos entre as jovens. Criamos dois grandes eixos: o primeiro, relacionado a “ser jovem, ser mulher e ser religiosa”, no qual exploramos os conflitos geracionais, a criação machista que a maioria das jovens recebeu, admirações e problemas com as figuras parentais, além das experiências de religiosidade, a começar pela fé em Deus para além das exigências familiares, as relações que as jovens estabelecem entre fé e saúde mental, e as inter-relações entre evangelização e cuidado com o próximo. Tal cuidado é retomado no segundo eixo, quando abordamos mais especificamente os planos de estudo e trabalho das jovens, sendo este um tópico mais específico para apresentar os projetos de vida das jovens, subdivididos em vida financeira e profissão, casamento, e a busca por melhor qualidade de vida.

Também buscamos trazer algumas considerações sobre os possíveis impactos da pandemia para os projetos de vida das jovens – sendo este um tema que julgamos interessante abordar por ter impactado a vida das pessoas de todo o mundo, sobretudo das mulheres (MACÊDO, 2020). Trata-se de um adendo às correlações realizadas ao longo do terceiro capítulo, visto que nele identificamos possíveis influências para os projetos de vida, no âmbito religioso ou fora dele.

Caminhamos por um percurso interdisciplinar, visto que minha formação em Psicologia será articulada a conhecimentos de outras áreas, como Educação, História e Sociologia. Isso porque consideramos que as identidades são complexas e multideterminadas e que os projetos de vida se relacionam não apenas com o sujeito, mas também com as possibilidades do ambiente, da cultura e das relações sociais estabelecidas por cada pessoa. Mais do que isso, os projetos expressam as metas e os objetivos futuros que orientam as ações desde o momento presente, dando significados à vida do sujeito e lançando-o para o mundo (SARTRE, 1973), ao mesmo tempo em que recebem influências da realidade externa, que se organiza em um campo de possibilidades (VELHO, 2003) que age sobre os projetos que a pessoa traça para si.

CAPÍTULO 1

JOVENS VIRTUOSAS EM UMA SOCIEDADE GLOBALIZADA E COMPLEXA

Neste primeiro capítulo, apresentamos as concepções teóricas que orientam nossa pesquisa. O título escolhido expressa as principais reflexões produzidas pelo estudo teórico sobre o tema, visto que os autores citados abordam a juventude contemporânea como uma categoria específica que se desenvolve em uma sociedade líquida e globalizada, na qual, ao mesmo tempo em que as instituições perdem força, a religião encontra novas formas de se organizar e de alcançar a subjetividade dos sujeitos, principalmente por meio do apelo à vida comunitária e à tentativa de manutenção de valores e virtudes.

Ao iniciar uma pesquisa, o pesquisador já possui algum tipo de conhecimento prévio sobre seu objeto, ainda que esteja ligado ao senso comum, vivências pessoais ou conceitos pré-concebidos (preconceitos?). No meu caso, isso também acontece: quando me foi proposto incluir a dimensão religiosa como elemento articulado aos projetos de vida de jovens mulheres, dezenas de experiências me vieram à mente e pude revisitar memórias da infância e adolescência passadas em clubes missionários, acampamentos e escolas bíblicas dominicais – as quais identificam e marcam meu lugar de fala.

Mas é preciso trazer cientificidade e objetividade, explorando definições teóricas, além de apresentar aspectos e abordagens já discutidas e/ou apresentadas por outros pesquisadores. Por isso, neste capítulo, compilamos e refletimos sobre as escolhas teóricas que embasaram a construção de nossa investigação, bem como as análises, apresentando alguns apontamentos sobre a relevância da pesquisa e considerações sobre os conceitos de juventude feminina, projetos de vida e religião.

De início, chama atenção a compreensão de Bujes (2007, p. 31) sobre “a necessidade de buscar autores [...] e ideias pós-modernas, [...] para *desconstruir* verdades que nos haviam constituído, mas especialmente educar o olhar e a sensibilidade” (grifos da autora). Neste caso, a afirmação está relacionada à possibilidade de ir além das teorias da Psicologia já conhecidas pela pesquisadora, principalmente porque, em muitos casos, essas são bastante deterministas. Por isso, damos ênfase às contribuições do pensamento complexo e ao olhar interdisciplinar na definição dos conceitos, por meio de autores como Bauman (2001, 2003), Butler (2015), Giddens (2002), Hall (2006), Hervieu-Léger (2015), Morin (1996, 2005), Sartre (1973), Velho (1994, 2003), entre outros de diversas áreas do conhecimento.

Corazza (2002) explica que há conceitos considerados universais porque a ciência moderna defende a existência de uma essência ou uma realidade intrínseca para todas as coisas; logo, quando se usa um determinado termo, as pessoas compreendem o que ele quer dizer, ainda que suas concepções sejam diferentes e, às vezes, até antagônicas. Porém, esse suposto consenso linguístico é produzido por mecanismos de poder-saber-verdade, dado por coordenadas sociais e culturais que possibilitam que as pessoas se entendam quando se fala de determinada coisa. Por isso Veiga-Neto (2002) alerta que aquilo que se toma como realidade geralmente é apenas um *modo de pensar* sobre essa realidade.

Assim sendo, apresentamos alguns modos de pensar sobre juventude feminina, projetos de vida e religião – porque essas palavras, por si, já evocam significados na mente do leitor, mas é importante categorizá-los a partir dos sentidos que utilizamos. Ao dizer que as coisas são constituídas pela maneira como se fala delas, Veiga-Neto (2002) aborda a importância da linguagem para a constituição da ciência, ao mesmo tempo em que nos leva a refletir sobre quais conceitos são utilizados na pesquisa, quais significados sociais eles possuem e de que maneira pretendemos articulá-los nesta investigação. Vamos a eles.

1.1 Religião e experiências religiosas de mulheres jovens

Apresentamos aqui uma discussão inicial sobre o que entendemos por religião, a partir dos teóricos Giddens (2002), Hervieu-Léger (2015), Bauman (2001, 2003), Freud (1913, 1927) entre outros; em seguida afunilamos para as manifestações ou experiências religiosas de jovens mulheres, a partir do que encontramos ao realizar um mapeamento das publicações e pesquisas sobre religiosidade feminina no Brasil. Cabe dizer que não pretendemos trazer uma definição precisa ou esgotar a discussão, pois trata-se de um termo abrangente e bastante relacionado às compreensões grupais e vivências individuais; logo, as generalizações aqui propostas têm caráter didático, no sentido de permitir ao leitor uma identificação com aquilo que chamamos religião.

Morin (1996) explica que o ser humano, visto por uma perspectiva complexa, possui uma dimensão simbólica, mitológica ou mágica na qual se inserem mitos, aspirações, sonhos e fantasias. Para este autor, as crenças estão na base dos costumes e podem enriquecer e criar variadas formas de vida e soluções de problemas, porque “referem-se ao ser humano em sua natureza. Há relação manifesta ou subterrânea entre o psiquismo, a afetividade, a magia, o mito e a religião” (MORIN, 2000, p. 59). Assim, o ser humano, na perspectiva complexa, possui uma dimensão simbólica ou religiosa na qual também estão contidos afetos, aspirações e sonhos.

Nesse mesmo sentido, o escritor Goethe (1992) descreve a religião como uma mistura entre ciência e arte, entre a explicação racional e a utilização de elementos místicos, e estes devem necessariamente existir para garantir a motivação, a proteção e o padrão moral dos indivíduos. Já Freud² (1913), ao levantar hipóteses sobre a origem das instituições sociais e culturais, apresenta algumas possibilidades de se pensar os fenômenos religiosos, descritos por ele como aspectos da Antropologia Social. A formação de uma religião seria uma reação ao reconhecimento do desamparo, e por isso os deuses assumem características humanas que foram, nas sociedades ocidentais, gradualmente condensadas até chegar à concepção do Deus uno, associado à figura paterna, que proporciona intimidade, cuidado e segurança caso os sujeitos obedeçam a suas leis.

A religião se configura então como processo grupal e exclusivamente humano, no qual um coletivo de pessoas expressa ritos, dogmas e crenças específicos que convergem para uma ou mais divindades. O elemento comum a todas as religiões é a existência de uma narrativa cosmogônica, que explica a origem e o funcionamento do universo, além da criação de uma visão de mundo e da adoção de sistemas culturais e práticas sociais relacionadas à noção de “sagrado”. Este, por sua vez, possui força sobrenatural, merece devoção e respeito e exige a fé dos seus seguidores (KRISTEVA, 2010).

As religiões têm se organizado ao longo da história da humanidade, de forma que, em diferentes épocas e localidades, as pessoas elaboram ritos, elaboram práticas e leis, e se conformam a dogmas e crenças que lhes ajudam a explicar a realidade, a natureza e a própria vida. Especialmente no Ocidente, as religiões se constituem como sistemas de força que influenciam os modos de viver, ao mesmo tempo em que garantem possibilidades de alcançar o transcendental e o espiritual e de suprir determinados anseios e angústias (FERREIRA, 2012).

O desamparo do homem permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impõe (FREUD, 1927, p. 11).

² Entendemos que Freud é considerado pessimista nos estudos religiosos, pois vincula a religião aos atos obsessivos e às necessidades sociais de repressão e moralidade (FREUD, 1907). Em um primeiro momento, ele foi escolhido justamente por trazer essa concepção, visto que marca o lugar do qual a própria pesquisadora está partindo nas suas reflexões e vivências religiosas. Ao mesmo tempo, trata-se do primeiro psicólogo a abordar o tema da religiosidade e das crenças e suas influências no psiquismo, tendo inclusive abordado que a religião atua como uma das principais instituições promotoras do superego – instância psíquica fundamental para a organização do *eu* e para a vida em sociedade (FREUD, 1927).

Assim, o desenvolvimento da civilização fortaleceu a necessidade de renunciar aos instintos considerados primitivos em prol da sobrevivência da coletividade. Segundo Freud (1927), os desejos que precisam ser dominados estão relacionados a vontades egoístas ou individualistas, o que Bauman (2003), por sua vez, destaca como um dos principais problemas da sociedade contemporânea e que pode estar associado tanto à procura quanto ao afastamento das instituições religiosas. Assim, como diz Freud (1927), a religião atua como organizadora de dogmas e renúncias, por meio de ações de obediência e tentativas de expiação dos pecados, e concomitantemente evoca um sentimento de cumplicidade, crença e esperança, sendo, por isso, um componente de estruturação psicológica que permite compreender ou interpretar a realidade.

Os estudos de Freud, situados no começo do século XX, apresentam uma configuração histórica e social bastante diferente da atualidade, e na qual a religião era vista basicamente como repressora, mas necessária à manutenção da ordem. A partir da década de 1980, os autores que pesquisam sobre religião passam a contemplar também a perspectiva da instabilidade social e a globalização, além de trazer críticas às sociedades tradicionais e buscar formas de romper com o passado – passado este que se constitui fortemente com o apelo religioso, quando se observa a presença da religião na constituição do social, como nas Cruzadas, na caça às bruxas, as guerras santas, as religiões no espaço público/político e nas legislações.

Neste cenário de instabilidades e dúvidas sobre o espaço da religião na vida social, ocorre um movimento que Berger (1985) denomina de secularização, que compreende uma espécie de flexibilização nos dogmas, na medida em que a autoridade religiosa é questionada ou limitada em prol de um novo discurso técnico e científico. Exemplo disso é que a Constituição Brasileira garante a separação entre Igreja e Estado, propondo uma sociedade laica na qual haja liberdade e tolerância religiosas. Para Mariano (2003), tal movimento não exclui as igrejas, sobretudo a Católica, dos espaços políticos e públicos, mas possibilita a expansão do pluralismo religioso e a desinstitucionalização dessas religiões.

Esse contexto cada vez mais dinâmico e instável atinge as igrejas, que acabaram perdendo sua centralidade e que, para manter seus membros ou angariar novos fiéis, modificam seus processos de subjetivação e rituais. As igrejas adotam estratégias para manter ou alcançar membros, principalmente por meio da assimilação de diferentes culturas e manifestações de crenças. Com isso, cada pessoa acaba assumindo uma forma específica de crer e de pertencer a determinada religião (HERVIEU-LÉGER, 2015).

As discussões feitas por Hervieu-Léger (2015) e também Carranza, Mariz e Camurça (2009) apontam para uma resignificação das instituições, que passam a focalizar o sujeito e suas emoções, dando espaço e valorizando a autonomia individual. Nesse sentido, os novos contornos da religião contemporânea possibilitam maior liberdade para que o sujeito desenhe seus projetos de vida a partir das interpretações que faz dos dogmas religiosos. Desta forma, não nos parece plausível definir a religião de maneira universal, mas sim considerá-la como elemento histórico constituído por relações específicas, reinterpretada pelos seus membros a partir da mobilidade e fluidez de identificações e subjetivação das crenças (HERVIEU-LÉGER, 2015).

Para Prates (2014, p. 398), há “um deslocamento das grandes narrativas religiosas sustentadas na promessa de salvação [...] para articular as questões do cotidiano, [...] bênçãos e vitórias do dia a dia”, em um processo que Hervieu-Léger (2015) chama de desregulação institucional, pois as formas institucionais dominantes são deixadas de lado em prol da expansão das possibilidades de inserção particular, que respondem aos anseios individuais até então ignorados ou não contemplados pela ciência e pelo desenvolvimento moderno. Logo, como resume Novaes (2013), a religião diminui o enfoque dado ao destino após a morte, para valorizar também as identificações, crenças individuais e possibilidades de projetar a vida no momento atual.

No contexto brasileiro, a dimensão religiosa é vista como relevante na constituição das identidades e no sentimento de pertencimento, o que pode explicar o elevado número de pessoas que dizem acreditar em Deus e possuir uma religião: 92% da população brasileira, especialmente nas áreas urbanas mais pobres e nas regiões do Nordeste e do Sul do país (MATOS; LOBO; GARCIA, 2018).

A instabilidade nos campos da educação formal, mercado de trabalho e atuação do Estado geram insegurança, de modo que a religião, embora também marcada por novos tipos de pertencimento e vínculo, continua a ser relevante como ponto de ancoragem e instituição importante para a constituição das identidades (PÁTARO; MEZZOMO, 2018). Assim, a associação religiosa pode ser vista como um contraponto à solidão e ao individualismo, característicos da sociedade contemporânea (BAUMAN, 2003).

Neste cenário, a religiosidade deixa de ser exclusivamente um processo grupal e tradicional relacionado ao controle e à conversão, tal como analisou Freud no início do século XX, e passa a ser vista também como elemento vinculado ao campo privado, associando-se às escolhas individuais e peregrinações, expressando uma mescla entre o novo e o tradicional (HERVIEU-LÉGER, 2015). Pode então figurar tanto como objetivo primeiro da vida do

sujeito – sendo um elemento de influência na constituição de seus projetos de vida ao apresentar perspectivas e possibilidades – quanto um espaço de socialização, aprendizagens e engajamento em movimentos sociais. Observamos aqui que a religião atua e influencia tanto na esfera privada (GOMES, 2015) quanto na pública (CUBAS, 2014), porém, estes campos não se separam, mas se mesclam, se articulam e se retroalimentam.

Conforme observamos até aqui, a complexidade da religião e do fenômeno religioso se expressa nas suas práticas, manifestações e também nos públicos que atinge. Se não trouxemos uma definição específica do que seja a religião, buscamos conceituá-la de forma ampla, considerando-a como um conjunto de dogmas, crenças e atitudes relacionados às formas de vida de determinada comunidade. Nos contentamos em explicar que a religião existe em contextos históricos e sociais que permitem essa existência, logo, trata-se de um fenômeno complexo que tanto alimenta quanto é alimentado pela sociedade na qual se desenvolve, sendo, por isso, uma instituição social de grande força e relevância.

A partir daqui, afunilaremos a compreensão para as características da religiosidade e/ou da religião na vida de mulheres jovens, principalmente por meio de alguns³ dos resultados obtidos em mapeamento realizado a partir de teses defendidas em Programas de Pós-Graduação no Brasil.

Nas publicações, observamos, primeiro, um crescimento exponencial, nos últimos anos, de pesquisas sobre o tema da juventude religiosa que reflete, entre outras coisas, as mudanças institucionais pelas quais as igrejas têm passado, como o aumento nas denominações evangélicas (OLIVEIRA, W. 2017; PRATES, 2014), rearticulação das forças católicas (FURLIN, 2014) e inserção da religião em aspectos da vida pública e privada (NASCIMENTO, 2017; OLIVEIRA, W. 2017; RODRIGUES, 2019; ROSAS, 2015), que justificam pesquisas relacionadas à religião e religiosidade em diferentes esferas.

Alves et al. (2017) e Matos, Lobo e Garcia (2018) indicam que 65% da população brasileira se identifica como católica, 22% como evangélica, 3% espírita, do candomblé e umbanda, 1% é atea e 10% diz acreditar em Deus, mas não seguir uma religião.

³ Para a composição deste texto de dissertação, selecionamos os resultados considerados mais relevantes para a discussão aqui realizada; porém, o texto integral pode ser disponibilizado ao entrar em contato com a pesquisadora. Produzimos um estado da arte sobre jovens mulheres religiosas no Brasil, a partir das teses defendidas a nível de doutoramento, entre 2014 e 2020, em Programas de Pós-Graduação brasileiros e publicadas no catálogo de teses da CAPES. Entre as 33 teses analisadas, que foram escolhidas a partir da similaridade de tema (utilizando os descritores: juventude, religião, mulheres, gênero e projetos de vida) e da acessibilidade no portal, observamos dois eixos de análise: as juventudes religiosas e as experiências de religiosidade das mulheres. Entendemos ainda que se trata de um exercício parcial e seletivo, que não contemplou, por exemplo, as publicações em periódicos; porém, este cobre parte significativa do que vem sendo produzido nos programas de pós-graduação das universidades brasileiras.

Especificamente no sul do país, o número de católicos sobe para 69% e o de evangélicos cai para 17%, enquanto as demais denominações e expressões de crença se mantêm na média nacional. Em todos os casos, percebe-se que a religião é fator de influência nos estilos de vida e organização dos valores, pensamentos e comportamentos e que possui caráter de “tradição”, pois a maioria dos indivíduos segue as religiões ensinadas e perpetuadas por suas famílias ao longo do tempo.

Quando se considera a quantidade total de publicações sobre mulheres religiosas, observamos que as juventudes aparecem em um número reduzido de pesquisas (COSTA, 2015; FERREIRA, 2014; NASCIMENTO, 2017; OLIVEIRA, W. 2017; PRATES, 2014; RODRIGUES, 2019). Destas, apenas Costa (2015) traz o enfoque de gênero e ouve, por meio de entrevistas, o que as jovens têm a dizer. Nas demais pesquisas, não há uma divisão entre as percepções de mulheres e homens. Logo, pesquisas nessa área têm relevância devido ao crescente interesse pelo tema, pelas variadas dimensões em que as juventudes se inserem – incluindo o espaço religioso, que tende a ser esquecido ou minimizado quando se fala dessa faixa etária (PRATES, 2014) – e pela necessidade de fortalecer, entre essa população, valores éticos e morais em uma sociedade cada vez mais violenta e corrupta (BELLO, 2014; CACERES, 2019). Prates (2014, p. 10) explica que “os sentidos de vivenciar a condição de ser evangélico não remetem a formas de resistência juvenil, mas novos modos de existência evocados pela condição de ser/estar jovem”.

Já a religiosidade das mulheres é estudada no que se refere à feminilidade e identidade feminina (ARAÚJO, 2017; ARBUÉS, 2015; AUGUST, 2018; CUBAS, 2014; GOMES, 2015; MIGUENS, 2018; OCUNI CÁ, 2015; OLIVEIRA, D. 2017; PACHECO, 2019; SANTANA, 2018; SILVA, 2017), violência de gênero (BELLO, 2014; CACERES, 2019; LIRA, 2014; MAGNANI, 2018; PEREIRA, 2019) e à vida de mulheres adultas (ARBUÉS, 2015; AUGUST, 2018; CAMPANARO, 2018; FURLIN, 2014; IDÁRRAGA, 2016; LIRA, 2014; MAGNANI, 2018; ROSAS, 2015; SANTOS, 2014; SOBREIRA, 2018; TENCHENA, 2016) e idosas (BERTO, 2015; OLIVEIRA, 2014; SILVA, 2017), sendo que em metade das pesquisas utiliza-se a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Uma das pesquisas contempla ainda a percepção de homens religiosos frente ao protagonismo e à independência alcançadas pelas mulheres em sua igreja (MARQUES, 2020).

Pode-se observar um aumento no interesse pelo tema específico da religiosidade feminina devido às transformações que as igrejas têm sofrido nas últimas décadas em suas múltiplas manifestações (BERTO, 2015; CUBAS, 2014; OLIVEIRA, 2014) e à emergência de compreender os posicionamentos pessoais das jovens mulheres frente aos valores ditos

universais que as igrejas tendem a divulgar (CACERES, 2019; MARQUES, 2020). Estes valores religiosos parecem colaborar com o patriarcado e com a manutenção de uma sociedade conservadora (FURLIN, 2014; LIRA, 2014), ao mesmo tempo em que são um elemento de subjetivação e constituição da identidade (MAGNANI, 2018; PACHECO, 2019; SILVA, 2017; SOBREIRA, 2018).

Santos (2014) afirma que cada localidade possui sua maneira de desenvolver atividades religiosas. Para a autora, o que acaba garantindo a adesão dos membros, especialmente as mulheres, é a vida comunitária, visto que a religião é um dos maiores expoentes da cultura local. A religião é vista ainda como fonte de conforto, afinidade e elaboração de um sentido de vida, sendo este especialmente importante quando o indivíduo passa por alguma situação de violência pessoal ou com alguém da sua família (CACERES, 2019). Caceres (2019) explica que, no momento de enfrentamento da dor, da dúvida e do desespero, a religião tem mecanismos simbólicos eficientes que podem combater ou amenizar medos, inseguranças e a sensação de vazio característica da sociedade contemporânea, pois permite atribuir para si um projeto de vida para o futuro.

Arbués (2015) cita que a crença fortalece os fiéis, dando-lhes motivação para viver. Já Berto (2015) indicia que a experiência religiosa é um exercício de liberdade estreitamente relacionado às trajetórias de vida e às escolhas que as pessoas fazem. Isso se explica, de acordo com Costa (2015), pelos mecanismos de influência que as instituições religiosas possuem, os quais incluem normas, experiências espirituais, modelos de comportamento, coação e a construção de redes e habilidades comunitárias. O indivíduo age sobre sua religiosidade e a instituição age sobre o indivíduo, realizando o que Morin (2005) chama de ciclo ou princípio retroativo.

Embora Ferreira (2014), Pacheco (2019) e Prates (2014) observem que, no processo de formação e constituição identitária dos sujeitos, há outros espaços educativos para além da Igreja, como a escola, a família, trabalho, outros grupos de amigos, redes sociais etc., configurando múltiplas influências e relações para cada indivíduo, Hervieu-Léger (2015) e Giddens (2002) explicam que a religião faz investimentos específicos para que a crença perpasse as outras instituições. A identidade é um marco conceitual relacionado às identificações e performances de um indivíduo materializado no mundo, que carrega a polissemia do que é particular e íntimo com o público, o político e o religioso, nos quais se enquadram aspectos morais, tensões e aprendizagens específicas (PACHECO, 2019). Como exemplo desta afirmação, Ocuni Cá (2015) discute especificamente sobre a influência dos espaços educativos religiosos para a sociedade e, por meio da análise documental de relatórios

e jornais, conclui que se trata de espaços de socialização e de manutenção das tradições consideradas sociais e, portanto, muito valorizados pela sociedade – vide o reconhecimento que os colégios vicentinos católicos possuem no Brasil.

Neste exemplo, Santana (2018, p. 226) analisa que a educação é um caminho “para melhor servir a Deus”, já que prepara os fiéis para lidar com as exigências seculares, além de fortalecer a fé, a disciplina e a convivência no grupo religioso. Porém, as reformas institucionais pelas quais as Igrejas passaram nas últimas décadas para adaptarem-se às demandas da sociedade capitalista contemporânea, levam também a diferentes formas de manifestação da religiosidade e da crença entre as pessoas, que a pesquisadora Berto (2015) analisa como um exercício de liberdade que leva ao mérito pessoal do indivíduo de ser considerado fiel, esforçado, dedicado e merecedor do amor e da proteção divina. Já Marques (2020) analisa que a obediência e a submissão são requisitos cruciais para a manutenção da vida em consonância com o divino. O mesmo é dito por Santana (2018), que observa a Pedagogia do Convento como um processo de aprendizagem marcado pela disciplina, rigidez de rotina e práticas de confissão – tal como analisou Foucault (2015) na obra “A história da sexualidade” – o que implica em rotineiramente revelar-se à instituição, de forma a aumentar o controle e o conhecimento desta sobre o indivíduo, ao mesmo tempo em que este, ao se expor, se sente cuidado, protegido e amparado.

Por outro lado, alguns temas expressam conflito entre os preceitos religiosos e os conteúdos escolares científicos (como a evolução e a origem da vida), principalmente entre o público jovem. Nascimento (2017), ao avaliar a aprendizagem significativa de jovens, observou que os alunos de igrejas protestantes⁴ tendem a rejeitar teorias científicas que se contrapõem aos ensinamentos bíblicos, enquanto em outras denominações tradicionais geralmente ocorre a mescla de informações. Na perspectiva do autor, tanto a escola quanto as igrejas constituem-se em espaços de socialização que oportunizam o acesso à conhecimentos, o que não implica na obrigatoriedade de se acreditar nos conteúdos escolares, mas apenas saber administrá-los nas avaliações. O mesmo é concluído por Rodrigues (2019), ao analisar jovens espíritas. Já Oliveira, W. (2017) diz que as jovens assembleianas se posicionam contra os preceitos religiosos quando observam incoerências, se comparados ao conhecimento científico secular, mas os aceitam em áreas específicas da existência, como exemplos de moralidade e constituição familiar.

⁴ Neste caso, as igrejas chamadas “protestantes” incluem fiéis pertencentes a evangélicas Presbiteriana, Metodista, Batista, Adventista, Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, do Evangelho Quadrangular e Universal do Reino de Deus (NASCIMENTO, 2017), que surgiram como contraponto às igrejas tradicionais, como a Católica ou a Judaica.

A perspectiva e os questionamentos específicos da juventude aparecem na pesquisa de Oliveira, W. (2017), o qual diz que 72% dos e das jovens não concorda com tudo o que a Igreja estabelece como regra, gerando, em contrapartida, um movimento dos líderes religiosos na tentativa de adaptar normas e programações para angariar a participação desse público: congressos, encontros de oração e louvor, cultos, shows e espaços de estudo. Para esse autor, a igreja precisou se adaptar às demandas juvenis para não perder esse público, por exemplo, ao ser mais tolerante com o que antes era considerado pecado – músicas, alimentos, vestimentas –, embora seja criticada pela onda mais conservadora.

As jovens entrevistadas por Costa (2015, p. 122) relatam a existência de eventos semanais para a juventude, voltados principalmente para proporcionar uma “orientação cristã” sobre questões importantes nessa fase da vida, incluindo temáticas específicas como namoro, preparação de casais, orientação vocacional e grupos de oração e aperfeiçoamento dos dons divinos, como música, teatro e oratória. Na análise de Oliveira, W. (2017), as jovens dizem possuir dons dados por Deus e que são aprimorados na igreja e utilizados no trabalho de evangelização, realizando o que Rodrigues (2019) chama de formação humana voltada para a espiritualidade.

Os nomes dados aos eventos juvenis (por exemplo, Jovens Conectados, Conecta Fest, Juventude Um) exprimem a tentativa das igrejas de inserir-se na identidade dos jovens, dando-lhes um senso de pertencimento e conexão com o grupo. Por isso há grande adesão, embora esses participantes não se sintam obrigados a concordar com todas as normas e dogmas da igreja que frequentam (COSTA, 2015; OLIVEIRA, W., 2017). O destaque dado à vida comunitária também aparece na pesquisa de Prates (2014), a qual aborda como o/a jovem religioso/a é vista: uma pessoa separada ou apartada do mundo secular e que, para ser atraído/a e mantido/a na igreja, recebe investimentos por meio de atividades e eventos específicos para sua faixa etária.

Nesse sentido, conforme a pesquisa de Ferreira (2014), especificamente quanto ao ambiente religioso, percebe-se a valorização da convivência grupal, envolvimento em atividades religiosas e projetos sociais. Tais atividades são observadas por Prates (2014, p. 36), que ressalta que a igreja possui um caráter educacional, visto que “procura instituir determinados sujeitos conforme os parâmetros da crença” por meio de discursos com foco moral. Oliveira, W. (2017) e Prates (2014) trazem a relação entre a vida religiosa e a construção da identidade, discutindo como os/as jovens se expressam enquanto tais, e concluem que as juventudes religiosas possuem uma cultura própria: frequentam *points*, saem

juntos, utilizam tecnologias de uma maneira específica, e consomem música, arte, livros e serviços indicados pela igreja e validados pelo grupo.

Da mesma forma, na estrutura das religiões, parecem existir categorias específicas para a participação das mulheres, como as divisões femininas (SANTOS, 2014), encontros de mulheres (IDÁRRAGA, 2016), cultos especiais conduzidos ou ministrados por mulheres, autoras e pregadoras; isso sem contar nos aparatos como lojas de roupas evangélicas, Bíblias “da mulher”, livros de devocional e oração para mães e esposas (ROSAS, 2015), entre outros.

Cubas (2014, p. 39) apresenta as formas específicas de (não) participação das mulheres no mundo eclesiástico e defende que “uma das questões fundamentais para o campo de estudo das religiões é a compreensão da maneira pela qual atividades simbólicas são moldadas pela diferenciação sexual”. No mesmo sentido, Araújo (2017) discute a existência de atividades consideradas femininas ou masculinas, o que delega às mulheres funções muito específicas relacionadas à educação e ao cuidado, de forma que, por exemplo, suas ações profissionais e religiosas sejam uma espécie de extensão das tarefas domésticas.

No caso específico da Assembleia de Deus, Prates (2014) e Oliveira, W. (2017) analisam, por meio da entrevista e questionários com as jovens participantes, que há acompanhamento da vida delas por meio de discursos, práticas de leitura, meditação e oração e na exigência de que participem de cultos, seminários e eventos de avivamento da fé. Ao mesmo tempo, evidenciam que outras instituições sociais exercem influência, apresentando novas possibilidades que acabam se contrapondo à religião ou exigindo dela uma nova postura ou abertura para o mundo secular.

Nesta mesma denominação, Marques (2020) observa aumento no protagonismo feminino, devido sobretudo à possibilidade que as mulheres se tornem pastoras e que ocupem posições de autoridade nas igrejas. Porém, mesmo essa oportunidade está condicionada ao casamento com um homem que já seja ou que deseje se tornar pastor, e os homens dessa instituição, ao serem questionados sobre como interpretam a participação das mulheres, explicam que os preceitos bíblicos são primordiais para o ensinamento da obediência das mulheres, seja no contexto familiar, social ou religioso, porque esses grupos ainda se baseiam no patriarcado, no qual a mulher não é figura independente, mas auxiliar do seu marido.

A juventude feminina tende a ser mais controlada pelos líderes religiosos em seus comportamentos, roupas, atitudes e tarefas do dia a dia (OLIVEIRA, W., 2017). Na pesquisa de Costa (2015, p. 16), “os dados indicam que as evangélicas apresentam um comportamento mais conservador e rígido [do que as mulheres católicas e sem religião] em relação a questões como virgindade, união formal e escolha do cônjuge”, pois incentiva-se a união com um

parceiro do próprio grupo evangélico (endogamia religiosa). Dados semelhantes são observados por Oliveira, W. (2017), pois 50% dos jovens entrevistados não namorariam alguém que não fosse da mesma denominação e 29,1% fariam apenas com autorização do pastor. Porém, as denominações evangélicas também apresentam as maiores proporções de mulheres separadas, de acordo com o IBGE. A pesquisadora e missionária August (2018) fala da pressão social ao casamento, de forma que muitas mulheres se casam apenas para cumprir uma exigência, sem compreender suas vontades e vocações.

Nesse sentido, Costa (2015) traz uma análise do censo demográfico seguida de entrevista com 29 jovens mulheres religiosas, e conclui que as igrejas pentecostais tendem a incentivar os casamentos, diminuindo o tempo de namoro para tentar controlar o sexo fora do matrimônio. Além disso, há normas e sanções que punem e inibem a vivência da sexualidade, o divórcio, e até mesmo o uso de métodos contraceptivos. Exemplos dessas punições são trazidos por August (2018), que cita eventos específicos para pessoas casadas e o impedimento de uma vida missionária para mulheres solteiras, que são vistas pelas comunidades como inférteis e solitárias, com tendência a serem desvalorizadas e a sofrerem assédios.

Tanto Ferreira (2014) quanto Costa (2015) apresentam que há grande dificuldade em abordar temas relacionados à sexualidade, pois esta ainda é um tabu nas igrejas, principalmente porque elas tendem a proibir a vida sexual precoce e associam as práticas sexuais fora do casamento ao pecado. Na pesquisa de August (2018), as questões de conjugalidade ganham destaque, revelando traços do machismo e invisibilização das mulheres, ao mesmo tempo em que evocam situações de enfrentamento para reafirmar a fé e o compromisso com a crença. As pesquisadoras concordam que conhecimento é fundamental para que os indivíduos tenham autonomia, entendam o que é seguro, o que lhes dá prazer, e assim possam fazer escolhas mais conscientes de suas consequências.

Gomes (2015) enfatiza que especialmente as jovens mulheres estão questionando dogmas até então absolutos e buscando novos espaços de atuação, os quais são permeados por instabilidades, avanços, retrocessos e contradições.

No mapeamento e análise da literatura científica, observamos que o espaço religioso é essencialmente masculino (CUBAS, 2014; FURLIN, 2014; OLIVEIRA, 2014), visto que são os homens que geralmente exercem cargos de liderança e que os arquétipos femininos presentes na Bíblia destacam a mulher no papel de esposa, dona de casa e submissa (FURLIN, 2014). Por outro lado, as práticas religiosas são consideradas femininas (ARAÚJO, 2017; ARBUÉS, 2015), pois as mulheres são responsáveis por cultivar as tradições e repassá-las aos

filhos por meio de seus costumes e culturas (TENCHENA, 2015) ou através de práticas de caridade (ARAÚJO, 2017) e da história oral (PEREIRA, 2019). A exceção se encontraria nas religiões afro-brasileiras, que, segundo Lira (2014) e Pereira (2019), têm um maior protagonismo feminino devido à matrilinearidade (orixás femininos que orientam as experiências religiosas).

Ao retomar os arquétipos femininos presentes na Bíblia – a santa Virgem Maria, a prostituta Maria Madalena, a pecadora Eva, a doméstica Marta, a boa mãe Sara, entre outras –, Lira (2014) explica que a tradição categoriza as mulheres nos opostos, santas ou pecadoras, boas ou más, impondo-lhes um padrão ideal, e lhes impede de exercer determinados cargos ou funções. Com isso, conforme analisa Gomes (2015), percebe-se que a educação das mulheres no interior das igrejas se dá pelo reforço da fragilidade e da submissão femininas. Tal afirmação se aplica ao longo da história, sendo possível encontrar pesquisas que abordam a temática desde o final do século XVIII.

Por exemplo, os discursos educacionais religiosos aparecem nas pesquisas documentais de Gomes (2015), Ocuni Cá (2015), Oliveira, D. (2017) e Santana (2018), que falam da tentativa da Igreja Católica de “recristianizar” a sociedade na primeira metade do século XX, no Brasil, Guiné Portuguesa e Portugal, principalmente por meio da formação de mães e esposas adequadas ao que se esperava dessas nações. Nesse sentido, a vivência religiosa das jovens era voltada para ensinamentos morais, e as pesquisadoras concluem que o poder da instituição religiosa está justamente na capacidade de controlar ou orientar a personalidade e a intimidade de seus membros. Cabe lembrar que, no Ocidente, há um predomínio do cristianismo, e que o embasamento moral e cultural das religiões é dado pela Bíblia Sagrada, o principal livro da doutrina cristã.

As características desejáveis nas mulheres são retiradas do livro sagrado e ganham versões e contornos específicos, como é o caso da “Bíblia para Mulheres” que, em diferentes versões elaboradas por grupos religiosos distintos, traz análises dos comportamentos das personagens bíblicas e reflexões sobre “temas do interesse feminino, que vão desde questões sobre fé, medo e depressão, à diretrizes sobre filhos, família, divórcio, virgindade e assim por diante” (ROSAS, 2015, p. 25). Araújo (2017), em análise dos periódicos da Federação Espírita paranaense na primeira metade do século XX, identificou a existência de um projeto de “instrução das mulheres” por meio de publicações e cartilhas direcionadas para esse público. O pesquisador conclui que, mesmo quando existem iniciativas de incentivo ao estudo e trabalho das mulheres, elas são voltadas para o “protótipo da mulher-esposa-dona de casa” (ARAÚJO, 2017, p. 15), que precisa trabalhar para compor a renda familiar e ser instruída

para educar e orientar os filhos. O mesmo se observa na análise que Oliveira, D. (2017) faz dos periódicos da Igreja Católica em Portugal, escritos por mulheres e direcionados às esposas.

Tenchena (2016) explica que as mulheres exercem um papel fundamental na preservação das tradições e concepções religiosas que prevalecem em uma determinada região, em diferentes culturas e grupos étnicos. Isso significa que, por meio das funções que lhes são atribuídas, como cozinhar, bordar, dançar e cuidar das crianças, elas transmitem os costumes religiosos da sua comunidade. Essas tradições são constitutivas da identidade dessas mulheres e da memória coletiva de sua religiosidade que, embora aceite a inserção de traços culturais alheios, tenta manter sua estabilidade em uma sociedade cada vez mais dinâmica e globalizada. Esse processo é amplamente discutido por Hervieu-Léger (2015), que fala sobre a necessidade dos indivíduos de recompor um universo de sentido que lhes dê certa estabilidade e apoio nas tradições comunitárias para abrandar a opacidade e incertezas quanto ao futuro.

Trata-se também de uma possibilidade de diferenciar-se ou de fortalecer-se na divisão social, pois, conforme Pereira (2019), em especial nas igrejas evangélicas e afro-brasileiras, vemos grande abertura para a população das classes sociais mais baixas, o que favorece tensionamentos e rupturas com as práticas consideradas elitistas. Por outro lado, embora haja a participação das populações negras, pobres e periféricas, estas ainda sofrem com os preconceitos de classe e raça, o que acaba gerando julgamentos ou opiniões discriminatórias também sobre suas religiões.

Concomitantemente, as funções do indivíduo na igreja são desempenhadas de acordo com as crenças individuais que, por sua vez, estão relacionadas à religiosidade. A conclusão das pesquisadoras Arbués (2015) e Santos (2014), que citam Morin (2003), é que a religião tem um poder significativo e conformador sobre as mulheres, interferindo na forma como constituem suas identidades e, conseqüentemente, suas relações de trabalho. As próprias mulheres atribuem à crença em Deus seu otimismo, motivação e sucesso no trabalho.

No que tange a essa discussão, chama atenção ainda a análise de Sobreira (2018) acerca da saúde mental de mulheres religiosas e não-religiosas privadas de liberdade: há menor probabilidade de comportamentos de risco, delinquência e abuso de substâncias entre as crentes, pois elas possuem mecanismos específicos para lidar com eventos estressores, principalmente no que se refere à sensação de não estar sozinha e de possuir um objetivo de vida. Também Caceres (2019) fala que, por meio da religião, as mulheres tendem a atribuir

sentido para suas vidas e a organizar seus projetos futuros, pois encontram na espiritualidade um mecanismo simbólico de estruturação psíquica.

Os estudos citados nos permitiram observar a religião como instituição moralizante e espaço de sociabilidade na contemporaneidade, que pode influenciar em grande medida – sobretudo no contexto brasileiro – o campo de possibilidades e a constituição dos projetos de vida dos sujeitos. Ao falar sobre a presença ou mobilização da religião nos projetos de vida individuais, utilizamos o conceito de “efeito” de Bujes (2007), que expressa uma relação complexa entre produto e causa. Optamos por compreender as igrejas como espaços específicos de socialização nos quais as jovens mulheres articulam ou vivenciam seus campos de possibilidades, que se referem à dimensão sociocultural ou ao espaço social contextualizado que permite formular ou implementar os projetos individuais. Nesse sentido, conforme analisam Machado (2006), Sartre (1973) e Velho (2003), os suportes oferecidos pela realidade objetiva possibilitam o projeto existencial na medida em que oferecem possibilidades, podendo limitar ou negar determinadas escolhas e facilitar outras.

Para Pacheco (2019), que estuda especificamente a questão da identidade das mulheres, há a observação de que a moral religiosa é utilizada como precursora das regras sociais e foi apropriada inclusive pelo saber médico científico, de forma que, mesmo entre as não-religiosas, há a presença de influências e valores que falam sobre sexualidade, virgindade e inocência, possibilidades de vida, de estudo, de trabalho e de relacionamento.

Nas teses encontradas, observamos que o tema é complexo, multideterminado e exige a articulação entre diversos saberes e teorias, ao mesmo tempo em que revela dificuldades conceituais do que se entende por jovens/juventudes (principalmente em relação à faixa etária, atividades e expectativas) e por mulheres religiosas (visto não se estabelecerem critérios como frequência de participação ou o que se entende por “fé”). Por outro lado, a religião é entendida como instituição moral, materializada em igrejas que expressam crenças específicas e que possuem suas divindades, sendo estas consideradas figuras de devoção e suporte emocional e que exigem adoração, respeito e submissão.

Evidenciamos ainda que não encontramos trabalhos atuais relacionados diretamente aos projetos de vida das jovens religiosas, o que indica que a presente pesquisa é uma possível novidade, pois as pesquisas citadas aqui contemplam apenas uma ou outra dimensão.

Com base nessas considerações sobre religião e religiosidade feminina, tanto a partir de conceitos teóricos quanto da literatura científica sobre o tema, definiremos outros aspectos dos demais conceitos que estão sendo utilizados nesta pesquisa: juventude, juventude feminina, projetos de vida e campo de possibilidades.

1.2 Reflexões sobre as juventudes femininas

O termo juventude feminina, que embasa nosso *corpus* empírico, simboliza um recorte específico na noção mais ampla de juventude. Antes de debatê-lo, no entanto, consideramos interessante apresentar dois de seus elementos: o etário e o de gênero, sendo que essas divisões expressam parte das preocupações de outros pesquisadores que foram citados anteriormente.

Quando se fala sobre jovens, muitos pesquisadores, como Ferreira (2014) e Nascimento (2017), utilizam o termo para se referir ao que as legislações brasileiras compreendem como adolescência, ou seja, pessoas entre 12 e 18 anos de idade. Bello (2014) chama de “jovens mulheres” as adolescentes na faixa etária de 12 a 16 anos. Já Matarezio Filho (2015) considera as moças a partir da menarca, um acontecimento variável em termos cronológicos, pois depende de um acontecimento fisiológico imprevisível. As diferenças parecem corroborar as considerações de Stuart Hall (2006), citadas também por Prates (2014), sobre a dificuldade de se conceituar as juventudes e as imprecisões e controvérsias que permeiam o termo.

Cabe dizer que este é um conceito relativamente recente, que ganha enfoque científico a partir da década de 1990, pois começaram a surgir preocupações econômicas e sociais sobre esses sujeitos, bem como aumentaram os debates sobre violência, exclusão, crises econômicas e de trabalho, entre outras. Tal discussão, realizada por Abramo e Branco (2008) e Fávero et al. (2007), auxilia na compreensão de que a divisão de períodos de vida (infância, adolescência, juventude) responde principalmente às demandas da sociedade, para explicar determinados comportamentos, formular políticas públicas, investir ou preparar mão de obra especializada e garantir o desenvolvimento social.

A Organização das Nações Unidas (ONU) considera jovens as pessoas com idades entre 15 e 24 anos, porém o IBGE admite variações nesse critério e, apropriando-se de estudos da Psicologia e da Sociologia sobre escolarização, mercado de trabalho e profissionalização, entre outros temas como afetividade e sexualidade, faz também uma divisão nesse grupo: adolescentes (15-18) e jovens-adultos (19-24). Já a legislação brasileira, por meio do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), compreende como jovens os sujeitos com idades entre 15 e 29 anos. Pautado nesta última definição, o último censo demográfico realizado pelo IBGE (2011) identificou que a população jovem é composta por mais de 50 milhões de pessoas, o que representa 26,8% do total de brasileiros.

Para essa faixa etária são direcionadas políticas públicas voltadas a garantir os direitos dos jovens: promoção de autonomia e bem-estar, valorização da participação social e política

para o desenvolvimento do país, incentivo à criatividade, valorização das diferenças e da solidariedade, e promoção da vida, segurança e cultura da paz (BRASIL, 2013). Essas divisões privilegiam o critério cronológico, mas também iniciam uma discussão que leva em consideração as características sociais, históricas, culturais e econômicas. Leite (2015) reflete que o recorte etário, principalmente no contexto das pesquisas científicas, possibilita a localização e a seleção de sujeitos.

Ao mesmo tempo, os dados acima permitem analisar que houve um alongamento do entendimento da juventude, ao considerar, por exemplo, que a pesquisa de Abramo e Branco (2008) contempla sujeitos de até 24 anos, enquanto o Estatuto da Juventude de 2013 amplia para 29 anos, demonstrando como as fronteiras cronológicas são flexíveis. Isso ocorre principalmente porque não é possível compreender os sujeitos descolados de sua realidade histórica e cultural, logo, o critério exclusivamente etário, ligado aos aspectos biológicos, mostra-se insuficiente, tal como discute Castro (2015). Como exemplo, podemos citar a questão da menarca, que aparece como critério na pesquisa de Matarezio Filho (2015), pois a primeira menstruação pode ocorrer entre os 10 e os 14 anos de idade, sendo este um intervalo considerado “normal”, e há casos de precocidade ou atraso, o que dificulta estabelecer uma generalização cronológica; portanto, a divisão observada pelo pesquisador não diz respeito ao tempo de vida, mas às responsabilidades ou demandas que são acrescidas à vida da mulher após menstruar, pois deixa de ser vista como criança e passa a ser “mocinha”.

Dito isso, observamos que os modos de pensar sobre a juventude estão relacionados ao desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência, o que perpassa diferentes perspectivas e abordagens que, em alguns casos, fazem o recorte e separação do indivíduo de seu contexto (CASTRO, 2015). Tradicionalmente, na Psicologia do Desenvolvimento, a juventude é definida como uma fase da vida posterior à infância e à adolescência, marcada pela independência financeira, entrada no mercado de trabalho, busca de parceiros sexuais e constituição familiar. Erik H. Erikson⁵ (1976), ao dividir o desenvolvimento humano (do nascimento à morte ou da primeira infância à velhice) em oito períodos, explica que os jovens se encontram na sexta fase, a qual é marcada pela dualidade “intimidade *versus* isolamento”, sendo que ou já possuem uma identidade definida e fortalecida e estão prontos para se unir a

⁵ Sabemos que, na contemporaneidade, Erick Erikson recebe diversas críticas devido à etapização e à ideia de moratória (relacionada ao período da adolescência, que se apresenta entre a infância e a vida adulta), pois estas desconsideram as diferenças individuais e familiares e/ou as (im)possibilidades das classes sociais. Optamos por citá-lo – tal como citamos Freud no tópico anterior – por considerar que ele é um dos precursores dos estudos sobre juventude na Psicologia, além de chamar a atenção para a problemática da identidade dos jovens (PÁTARO, 2011). Cabe lembrar que esta é uma pesquisa interdisciplinar desenvolvida por uma psicóloga, portanto, o primeiro olhar é o da Psicologia tradicional para então expandir-se para outros campos e análises possíveis.

outra pessoa de maneira independente e madura ou têm medo de assumir as obrigações porque ainda se sentem dependentes ou pouco preparados e optam por se isolar.

Embora essas fases sejam estáveis e sigam a mesma ordem para todas as pessoas (1 confiança *versus* desconfiança, 2 autonomia *versus* dúvida e vergonha, 3 iniciativa *versus* culpa, 4 produtividade *versus* inferioridade, 5 identidade *versus* confusão de papéis, 6 intimidade *versus* isolamento, 7 generatividade *versus* estagnação, e 8 integração/integridade *versus* desespero), o autor explica que cada sujeito possui sua própria maneira de vivenciar cada etapa, o que gera impactos na fase posterior, e assim sucessivamente, logo, as experiências, os relacionamentos e conflitos da infância e adolescência exercem influência na constituição da identidade juvenil (ERIKSON, 1976).

Além disso, não se deve tomar a parte pelo todo, ou seja, pegar características que um grupo de indivíduos apresenta e generalizar para toda uma classe, como se houvesse apenas uma juventude, dentro das duas possibilidades elencadas por Erikson em cada período ou a partir de qualquer outra teoria da Psicologia. Isso ocorre porque os períodos são marcados por crises de identidade, instabilidades no nível biológico e social, e conflitos entre as expectativas e exigências da sociedade e os sonhos e aspirações individuais.

As contribuições de Bujes (2007) e Corazza (2002) permitem pensar que as fases da vida são variáveis, marcadas pela diferença e pela diferenciação. Não há acontecimentos ou características universais para as pessoas dentro de determinada faixa etária ou sequer da mesma época, e os recortes realizados servem mais para fins didáticos, ou mesmo jurídicos. Ao mesmo tempo, cada período é marcado por influências próprias, dentro de contextos específicos, e acabam por exibir modelos de subjetivação marcados pelos discursos de poder e de disciplina vigentes.

Castro (2015) explica que uma única ciência ou abordagem seria insuficiente para compreender a juventude, podendo, como no caso da Psicologia tradicional, apresentar uma visão universalizante ou individualizante dos sujeitos, de forma que as questões precisam ser problematizadas de maneira interdisciplinar, buscando mesclar os aspectos subjetivos e internos, biológicos, com os aspectos sociais, materiais, históricos e culturais.

A partir da leitura de Bujes (2007), destacamos a importância de se questionar os regimes de verdade dominantes, no sentido de não naturalizar as concepções que se têm sobre o sujeito e até mesmo sobre as fases da vida, pois cada conceito tem o caráter de ter sido fabricado em determinado contexto social e visando responder a certas relações de poder e interesses particulares. A linguagem cumpre um papel decisivo ao descrever o ser humano de determinadas maneiras e, com isso, limitar os modos possíveis de ser e de viver – modos estes

que são socialmente produzidos e fixados por meio de coerções e discursos considerados naturais e verdadeiros.

Segundo Abramo e Branco (2008) e Leite (2015), os jovens da atualidade vivem e se relacionam em uma conjuntura histórica muito específica, na qual vivenciam um desmonte das políticas sociais, aumento da violência urbana e do desemprego, crise nos setores de emprego formal e vigência do neoliberalismo, crise social e aumento da desigualdade. Nesse cenário, a postura ideológica da juventude se desenvolve com características singulares, que influenciam no engajamento político e pessoal, ao mesmo tempo em que podem gerar dificuldades de se projetar para o futuro.

De maneira geral, as juventudes são definidas a partir de suas práticas e das expectativas sociais que se depositam nos jovens (MATAREZIO FILHO, 2015; PRATES, 2014), por exemplo, no que se refere à entrada no mercado de trabalho, constituição de uma família (COSTA, 2015) e conflitos geracionais (FEIXA; LECCARDI, 2010; OLIVEIRA, W. 2017); entretanto, essas práticas se desenvolvem de maneiras diferentes a depender do contexto e das possibilidades que cada indivíduo percebe na realidade em que vive.

Pela abordagem geracional, podemos compreender as características juvenis tendo como referência o mundo adulto (trabalho, família, estudo), o que permite aos jovens tanto apoiar quanto questionar a geração que os precede (PAIS, 1993). Podemos ainda contextualizar cada grupo de jovens dentro da geração de que faz parte, no sentido de considerar também o momento histórico e social específico que possibilita determinadas formas de subjetivação. Feixa e Leccardi (2010) definem geração como os graus de filiação ou de identificação entre as pessoas que nasceram em uma mesma época, recebendo, por isso, estímulos semelhantes ou vivenciando eventos comuns. Isso não significa uma uniformidade de pensamento, mas a existência de referenciais coletivos e de posicionamentos específicos sobre a realidade objetiva. Nesse sentido, Oliveira W. (2017) afirma que há uma diversidade de culturas juvenis perpassadas por elementos históricos, sociais, econômicos, religiosos, e isso corrobora a corrente geracional, que estuda os sinais de continuidade ou descontinuidade que ocorrem entre diferentes gerações, seja dos jovens entre si ou dos jovens em relação aos adultos e às instituições – o que pode ser utilizado para explicar a força que a religião e o trabalho adquirem na geração atual (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Quanto ao mercado de trabalho, Sennett (2009) cita uma ambivalência: por um lado, pressupõe-se que o jovem trabalhe e, com isso, vivencie a independência financeira; por outro, esta precisa ser considerada a partir do contexto histórico, social e econômico, pois tem ocorrido o que Castro (2015, p. 12) chama de “adiamento da plenitude adulta” devido ao

alongamento do processo de escolaridade. Isso porque, na atual conjuntura financeira globalizada, as pessoas estão adiando sua entrada no mercado de trabalho, ocupam funções muito mais variadas ao longo de toda a vida, mudam de ocupação, precisam adquirir novas habilidades e percorrer uma longa jornada de estudo formal (SENNETT, 2009).

Hoje em dia, em especial no contexto brasileiro, a Educação Básica se tornou obrigatória e a graduação é um diferencial no emprego, por isso, geralmente as pessoas atrasam sua entrada no mercado de trabalho para poder se especializar. Entretanto, mesmo nessa afirmação, há um recorte específico, pois entre as classes mais pobres o trabalho é uma imposição ou necessidade que pode aparecer desde a infância ou adolescência⁶ (SENNETT, 2009).

De forma geral, “a juventude brasileira é uma juventude trabalhadora” (ABRAMO; BRANCO, 2008, p. 16), pois o trabalho aparece ou como referencial ou como necessidade. Porém, observamos mudanças significativas quando se compara com o cenário da última década: enquanto a pesquisa de Abramo e Branco (2008) apresenta que 63% dos jovens estavam trabalhando, 32% procuravam emprego e apenas 2% não buscavam trabalho; o IEDE (2018), em levantamento mais recente, divulgou que, dos mais de 50 milhões de jovens brasileiros, 23% não estudam e nem trabalham e 26% estão desempregados, sendo mais do que o dobro do índice geral de desemprego (11%). Martins (2019) explica essa taxa pelas exigências de escolaridade e pela recessão econômica que tem atingido vários setores da economia, de forma que os jovens são os mais afetados e apresentam maior índice de demissão, pois possuem pouca ou nenhuma experiência no mercado de trabalho e competem por vagas que exigem conhecimentos específicos.

Porém, também o Ensino Superior pode ou não ser acessível dependendo da classe e das condições materiais em que o jovem se encontra (SENNETT, 2009). No Brasil, de acordo com o IPEA (2018) e o IBGE (2018), 21,9% dos jovens são analfabetos, apenas 39% concluem o Ensino Médio e cerca de 22% ingressam em uma graduação, a maioria em instituições privadas (81,7%) e à distância (33%), sendo que 54,5% dos jovens que estudam em universidades públicas pertencem à parcela mais rica da população brasileira e apenas 7,6% à parcela mais pobre. Aproximadamente metade (53,2%) dos adolescentes oriundos de escolas públicas não tem o objetivo de cursar uma graduação, mas esse plano aumenta para

⁶ Cabe lembrar que a legislação brasileira, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), proíbe a atividade laboral de menores de 14 anos e a permite para indivíduos entre 14 e 18 anos apenas em situações muito específicas vinculadas à aprendizagem. Mesmo neste cenário, 42,7% da população entre 14 e 17 anos está desempregada, e dos empregados, o IPEA (2019) apresenta que mais da metade está no mercado informal, o que caracteriza um vínculo de emprego ilegal que pode ser entendido como trabalho infantil.

70% entre alunos de escolas privadas. Das 8,2 milhões de matrículas realizadas em 2017, apenas 1,2 milhão concluíram os cursos, e pouco mais de 15% da população com mais de 25 anos possui uma graduação, segundo o Ministério da Educação (IEDE, 2015). As evasões, em grande parte, são justificadas pela necessidade imediata de trabalhar, cuidar da casa ou dos filhos, sendo mais comum entre mulheres (MARTINS, 2019).

Destacamos aqui a chamada corrente classista proposta por Pais (1993), que aborda a juventude sob o viés da classe social, explicando que as características de determinado grupo de jovens relacionam-se à estrutura de classes da sociedade, não apenas no sentido de reprodução destas, mas também pela (não) diversidade de vivências que elas possibilitam. A partir de critérios como trabalho, escolaridade e renda, observamos que não é possível generalizar características, porque existem diferentes juventudes, atravessadas e constituídas não apenas por uma diversidade de marcadores culturais, mas também pelas desigualdades e relações de poder presentes na sociedade.

Desta forma, consideramos o contexto como um grande influente para as características de determinado grupo de jovens, e observamos que a sociedade contemporânea, globalizada e fragmentada, apresenta tantas alternativas que pode acabar colaborando para a fragmentação do próprio sujeito (BAUMAN, 2001; HALL, 2006). Como consequência dessa multiplicidade de experiências e escolhas, há um aumento nas situações-limites, traduzidas na máxima de viver intensamente: violência, uso de drogas, doenças psicológicas como depressão, bipolaridade e ansiedade, e aumento nas taxas de suicídio⁷ (OMS, 2019).

Na percepção dos jovens entrevistados por Abramo e Branco (2008), a juventude não é simplesmente uma faixa etária, mas um momento ou período da vida muito mais relacionado com questões subjetivas e sociais, com as percepções que o sujeito tem da sua realidade e com a forma pela qual se relaciona com o mundo. Assim sendo, para eles, essa fase acaba quando se adquire “maturidade”, ao assumir responsabilidades, quando o sujeito se casa e/ou constitui família, embora a vivência da sexualidade e de relacionamentos amorosos geralmente apareça como tema periférico ou de interesse secundário.

E assim como as diferenças sociais, econômicas e culturais constituem juventudes diversas, há ainda os recortes em função de sexo e gênero, que podem influenciar formas específicas de subjetivação, expressão e de vida. Nesse sentido, as juventudes femininas

⁷ Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2019), o suicídio é a segunda maior causa de morte entre a população jovem, entre 15 e 24 anos, atrás apenas dos acidentes de carro. Enquanto a taxa de suicídio global caiu quase 10%, na América houve um aumento de 6%, principalmente nas localidades de mais pobreza e menor concentração de renda, e a OMS destaca nestes países a ausência de programas nacionais de educação e saúde.

expressam uma forma de constituição que considera essas diferenças de gênero, principalmente porque vivemos em uma sociedade machista e que produz sujeitos muitas vezes conformados com esse sistema. Furlin (2014) explica que gênero é uma “categoria analítica elaborada nos estudos feministas”, a partir da qual é possível pensar nas diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres, nas posições que estes ocupam em espaços sociais diversos, e nos critérios de distribuição de poder que, por sua vez, “constroem as relações de subordinação” (FURLIN, 2014, p. 59) às quais as mulheres estão mais sujeitas.

Cabe dizer que na categoria de mulheres então incluídas todas aquelas que foram designadas assim ao nascer ou que se identificaram dessa maneira ao longo da vida, logo, não está relacionada ao sexo biológico, mas a uma performance que as enquadra de um lado específico da dualidade macho-fêmea. Para Beauvoir (1970), o homem é considerado o polo positivo e identificador, enquanto a mulher ganha *status* de “outro”, sendo “o segundo sexo”, definido a partir do gênero dominante. Há ainda uma tendência a se equiparar gênero e sexo, porém esta visão é limitante e desconsidera as possibilidades de identificação e de expressão.

Por um lado, Duarte (2015) – apropriando-se de um termo da escritora nigeriana Chimamanda N. Adichie (2019) – fala dos perigos da “história única” sobre as mulheres, que explica os fenômenos femininos de maneira estereotipada: a mulher vítima do seu passado, do seu ambiente, da sua condição, ou de seus costumes e moral sexual. O caráter vitimista torna a mulher mais vulnerável, frágil e passiva às influências masculinas, inclusive no que se refere às violências sofridas. Por outro lado, essa imagem é reforçada socialmente e acaba por definir o que seria esperado desse gênero, encorajando que as mulheres desempenhem comportamentos adequados às expectativas. Isso implica que as subjetividades sejam permeadas por contingências sociais, as quais moldam escolhas e, conseqüentemente, trajetórias.

A emergência de uma literatura mais sensível ao gênero [...] surge como crítica às abordagens teóricas clássicas que defendem uma neutralidade de gênero e se opõem à existência de mecanismos específicos de gênero. [...] Procurando um saber que provenha do universo social feminino, assume que as [mulheres] têm diferentes fatores de risco e diferentes experiências na vida, por causa da pertença de gênero (*e.g.* vulnerabilidade à vitimação e a problemas de saúde mental, maior controle e supervisão familiar e social, a relação com a mãe, as fugas de casa, a influência dos namorados / parceiros sexuais...). (DUARTE, 2015, p. 52).

Entendemos que a própria palavra “feminino” foi cunhada em uma lógica binária⁸, que desconsidera outras possibilidades de fazer ou *performar gênero*, para citar Butler (2015). Talvez fosse necessária a invenção de uma nova palavra que pudesse dar conta dessas discussões; porém, por agora, o termo auxilia na compreensão de uma divisão que é própria da nossa sociedade e que marca as desigualdades históricas e relacionais as quais as mulheres estão sujeitas.

O estigma feminino é responsável por naturalizar exclusões, estereótipos e violências, além de dificultar a aceitação social e a realização plena das possibilidades individuais (RIBEIRO; SOUZA, 2018). Nesse sentido, as mulheres tendem a ser policiadas em seus fazeres, pois há comportamentos esperados que perpassam as alternativas de agir social. Ao mesmo tempo, como afirma Haraway (1995) e se observou no mapeamento das teses, os pesquisadores costumam ser homens, o que coloca as feminilidades como um espaço separado e, muitas vezes, desqualificado na posição de um “outro” sem voz. Há ainda a ausência de mulheres transexuais, especialmente nos meios religiosos e nas instituições tradicionais, o que pode demonstrar a resistência em aceitar pessoas não-binárias (QUINTELA, 2020). Por outro lado, quando recebem o espaço de fala, observam-se múltiplas influências e processos de identificação, reivindicação de representatividade e tentativas de subverter as fronteiras e diferenças sexuais impostas (BUTLER, 2015).

Ancestralidade, memória, identidade e comunidade são algumas noções que perpassam as subjetividades femininas e, combinadas com as atividades cotidianas e os rituais religiosos, compõem o “ser mulher” (MAGNANI, 2018). Porém, essa categoria é marcada pela violência de gênero: a violência física, sexual, moral, psicológica, doméstica, financeira etc., que tem como autor um homem/macho e é gerada pelo fato de a vítima ser mulher. Para compreendê-la, é necessário ainda realizar o recorte de raça, que parte do pressuposto ético e histórico de que as mulheres negras e indígenas sofreram e sofrem mais com as relações de poder (LIRA, 2014) e de cultura, pois as violências podem ser naturalizadas como uma questão cultural, como se vê no caso do casamento arranjado/forçado (MATAREZIO FILHO, 2015), estímulo à rivalidade feminina (BELLO, 2014), estupros maritais e aceitação da infidelidade do marido (AUGUST, 2018; CAMPANARO, 2018; OCUNI CÁ, 2015), associação da violência como prova de romantismo e amor intenso (BELLO, 2014) e estímulo ao amadurecimento forçado das meninas (OLIVEIRA, 2014; ROSAS, 2015).

⁸ O binarismo diz respeito à divisão homem-mulher, que tem sido questionada visto existir pessoas que não se identificam exclusivamente como homens ou mulheres e que, nesse processo, extrapolam a lógica sexo-gênero-sexualidade (BUTLER, 2015).

A inserção no mercado de trabalho é menor entre as jovens mulheres: elas representam 35,9% do total de jovens que trabalham e 54% dos que estão desempregados e procuram empregos (MARTINS, 2019). O ambiente de trabalho é visto como espaço de discriminação e violência, tal como relatam as 20 gerentes bancárias entrevistadas em Goiânia por Arbués (2015): o discurso judaico-cristão colabora na manutenção da submissão e desigualdade entre gêneros no que se refere a atribuições e perspectivas de promoção, camufla a violência simbólica, assédio moral, sexual e discriminação ocupacional, bem como estimula a valorização de características físicas e estéticas como facilitadoras da progressão salarial.

Em pesquisa recente do IBGE (2019), apresenta-se a diferença salarial média de 20,5%, sendo que os homens jovens tendem a ganhar 18% a mais do que as mulheres no mesmo cargo, e essa disparidade se acentua ao longo da carreira, chegando a 28% entre pessoas de 50 e 59 anos. Há uma tendência a justificar salários mais baixos para mulheres pelo fato de que estas podem engravidar e, ainda, são consideradas menos produtivas porque menstruam e podem apresentar picos hormonais e emocionais (MELO, 2019).

Especificamente quanto à escolaridade, Ribeiro e Souza (2018) explicam que apenas 44,2% das mulheres jovens estudam, embora Melo (2019, p. 1) tenha observado crescimento no grau de instrução feminina, sendo um aumento médio de um ano em relação à escolaridade dos homens e que está relacionado às decisões pessoais dessas mulheres, pois “não houve política pública que facilitasse isso”.

Complexificando ainda mais o cenário, existem as modificações nas relações familiares e nos espaços de sociabilidade, gerando a dupla jornada, visto que as mulheres, mesmo inseridas no mercado de trabalho, continuam responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidado com os filhos – o que, segundo Melo (2019), resulta em pelo menos cinco horas a mais na jornada semanal de trabalho feminino. Não é à toa que a posição mais privilegiada no mercado de trabalho e o aumento no nível de escolaridade aparecem na pesquisa de Costa (2015) e Oliveira, W. (2017) como justificativas das mulheres para adiar o casamento. Porém, segundo Ribeiro e Souza (2018), ainda é alto o número daquelas que não estudam e nem trabalham (27,6%), principalmente quando comparado aos homens nesta mesma condição (12,3%), sendo no geral mulheres com filhos e em situação de vulnerabilidade econômica e social, o que parece indicar que uma situação de exclusão pode gerar outra e auxiliar na manutenção dessa situação.

Sobre esse tema, Butler (2015, p. 9) problematiza se “ser mulher constituiria um ‘fato natural’ ou uma performance cultural, ou seria a ‘naturalidade’ constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias

de sexo e por meio delas”. Ao falar sobre gênero, a autora explica que boa parte dos problemas humanos estão relacionados com a identificação feminina, porém, é preciso pensar nessas questões em uma perspectiva pós-identitária, considerando que o conceito de identidade é naturalizante e frágil, porque é efeito de um discurso de poder.

Nessas discussões, o termo resistência aparece em diversas circunstâncias e marca um posicionamento frente ao que as autoras Arbués (2015), Berto (2015), Cubas (2014) e Furlin (2014) chamam de categoria de gênero: as relações de poder estabelecidas nas instituições eclesiais e os recortes sociais e culturais que levam à diferenciação dos papéis de homens e mulheres.

Resistir é verbo. É ação. Como tal, pode ser conjugado das mais diferentes maneiras. [...] Se refere à resistência como uma reinvenção da vida, possibilidade de criação e transformação de determinadas situações. Na resistência, dizer é fazer. Acrescentamos que sob determinados aspectos, calar também. [...] A resistência passa a ser pensada como reveladora de forças, tensões e fraturas na sociedade. [...] Deve-se sempre considerar os objetivos das resistências, os quais nascem das identidades de seus membros e estão ligados a objetivos políticos e sociais (CUBAS, 2014, p. 35-36).

A citação acima permite dizer que a resistência feminina se dá tanto nos espaços sociais e políticos, que inclui lutas coletivas de uma classe, contestação e reivindicação de lugares, quanto nos espaços individuais, com o questionamento dos campos de possibilidades e reflexão sobre o processo de individualização e construção da identidade de mulher.

Ao mesmo tempo, quando consideramos a constituição das identidades das jovens, é importante ressaltar seu caráter temporal e o fato de que são compostas por acontecimentos e experiências que se somam ao longo da vida. Porém, isso não determina o que ou quem um sujeito será no seu futuro, mas nos dá elementos de análise sobre a trajetória que o levou a estar onde está e a viver da maneira como vive.

Conforme analisam Abramo e Branco (2008), não há uma essência de geração ou juventude, e há mais diferenças do que singularidades:

Outros alertas balizadores são o cuidado com as definições muito generalizantes e a necessidade de abordar a multiplicidade do perfil da juventude brasileira, considerando as diferenças e desigualdades de condições (de posição na estrutura social, renda, gênero, etnia, meio em que vivem etc.), assim como as variedades de práticas e opiniões, a partir do que se estabelece a importância de falar em *juventudes*, no plural, e não no singular (ABRAMO; BRANCO, 2008, p. 16, grifo nosso)

Fazendo relação com os princípios da complexidade propostos por Morin (1990), o conceito de juventudes parece expressar o ciclo retroativo, que explica que produtos e efeitos são, ao mesmo tempo, causas e efeitos. O exemplo dado pelo autor é que “os indivíduos produzem a sociedade, que produz os indivíduos” (MORIN, 1990, p. 108). Nesse sentido, devemos pensar as juventudes dentro da sociedade em que se encontram, pois suas escolhas e formas de vida influenciam a constituição social, e esta influencia os modos de vida dos jovens.

O princípio hologramático permite entender que o todo é composto por mais do que a soma das partes e que se expressa em cada uma delas (MORIN, 1990). Ou seja, o todo é a sociedade, que é composta pelos indivíduos, mas que vai além deles; e a individualidade expressa partes dessa totalidade de que participa, isto é, aprende e expressa valores, normas e crenças sociais, ao mesmo tempo em que suas crenças e ações também reverberam na constituição dessa sociedade.

Essa perspectiva encontra respaldo em Hall (2006), que define o sujeito pós-moderno como alguém constituído historicamente, e não mais biologicamente. Nesse sentido, um mesmo sujeito pode assumir diferentes identidades de acordo com os momentos que vivencia e as exigências que lhe são feitas. A identidade relaciona-se à identificação com determinadas causas, classes e interesses sociais e políticos, bem como a participação em movimentos sociais como o feminismo, as lutas negras, ambientalista, entre outras. O indivíduo deixa de possuir uma essência e de ser guiado por leis deterministas que, segundo Ilya Prigogine (1996), tentam prever as trajetórias apenas com base no conhecimento das condições iniciais (por exemplo, explicar uma doença mental reconstituindo a história do indivíduo ou eliminar determinado comportamento ao analisar suas causas), pois elas levam a um paradoxo ao desconsiderar os efeitos do tempo e o fato de que este não é reversível.

Isso é fundamental para compreender os seres humanos: passado, presente e futuro são elementos que se articulam à existência, desempenhando, entretanto, papéis diferentes: o passado pode ser descrito ou narrado, mas nunca vivido novamente; e o futuro pode ser provável, possível, mas nunca certo e acabado (PRIGOGINE, 1996, 2003). Deve-se considerar uma infinidade de aspectos que podem se relacionar com cada individualidade e gerar nela repercussões singulares. Tal reflexão fica mais evidente quando se considera o conceito de projetos de vida, que discutimos a seguir.

1.3 Projetos de vida e campo de possibilidades

A vida é marcada por temporalidades e, na sociedade contemporânea, a experiência temporal tem ganhado uma nova dimensão em decorrência dos conflitos entre continuidade e ruptura, senso de identidade e permanência, a noção de progresso e o cálculo do passar do tempo (MACHADO, 2006). Há um tempo cronológico que se propõe universal, contado nos relógios e calendários, mas também um tempo afetivo e emocional relacionado à maneira pela qual as pessoas experienciam e significam a própria vida. Assim sendo, como nos apresenta Prigogine (2003), o tempo constitui um horizonte de possibilidades no qual cada indivíduo orienta suas ações e no qual presente, passado e futuro desempenham ações diferentes.

As ações projetadas para o futuro compõem o que aqui se entende por um projeto de vida, sendo este o conceito basilar da presente pesquisa e que será explorado a partir de formulações teóricas de Gilberto Velho, Jean-Paul Sartre e Nilson José Machado, entre outros.

Para Velho (2003, p. 40), um “projeto é a conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Logo, para compreendê-lo, cabe questionar sobre a história individual, cultural, social, histórica, educacional etc. de cada sujeito, na relação com o contexto e com as outras pessoas. Corazza (2002, p. 128) alerta para a importância de questionar “como foi que historicamente chegamos a pensar e a ser tal como pensamos e somos”, pois cada pessoa, em suas experiências e relações consigo, com os outros e com o mundo, forma sua personalidade e sua individualidade. Neste sentido, se, como nos diz Sartre (1973), a existência é um fato dado, são as escolhas que irão compor um projeto.

Machado (2006) nos explica que planejar é uma característica propriamente humana, pois o ser humano é capaz de antecipar necessidades e cursos de ação, imaginar situações, propor mudanças e projetar comportamentos e atitudes. A construção de um projeto de vida está relacionada aos sentimentos de motivação, autoestima, otimismo, resiliência, pois é um processo de autoconhecimento e de busca por um sentido de vida.

Compreender um projeto de vida passa pela reflexão ou identificação do campo de possibilidades, que diz respeito a um local de interação entre vários projetos individuais, que “operam a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados” (VELHO, 2003, p. 46). Dessa forma, cada sujeito tem projetos comuns com outras pessoas, sejam familiares, de grupos religiosos, de amigos, entre outros espaços, mas também desenvolve suas próprias descobertas e ambições em nível particular, que podem ou não ser facilitadas pelo campo social.

Logo, um projeto de vida é a possibilidade de escolha consciente, de construir a si próprio e toda a humanidade, pois a ação implica tanto em um meio quanto em uma subjetividade humana (SARTRE, 1973), mas vai além disso, porque não se trata de uma ação racionalista que foca apenas na consciência humana, pelo contrário, se relaciona diretamente com o chamado campo de possibilidades, descrito por Velho (2003, p. 40) como a “dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos”. Nesse sentido, Machado (2006) explica que os projetos são as metas elegidas, as quais, por sua vez, são sustentadas pelos valores individuais e sociais. Estes valores, por sua vez, são entendidos como elementos subjetivos, considerados pelo indivíduo como fundamentais, de forma que os planos futuros tendem a privilegiá-los para que sejam aprimorados por meio de diálogos internos e ou sociais e ao longo do tempo.

Velho (2003, p. 47-48, grifos do autor) resume essa discussão da seguinte maneira:

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivo, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*. Os *projetos*, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente.

Dessa forma, o sujeito pode lidar com as próprias potencialidades e possibilidades em diversos contextos e manter sua saúde mental de maneira mais ativa. A atividade é necessária porque, como nos diz Sartre (1973), o sujeito só se faz na ação, e essa ação é expressão de sua liberdade. Ao mesmo tempo, esse sujeito não é nada além do seu projeto, do seu possível, e só existe na medida em que se realiza. O autor explica que há liberdade para construir as ações, e estas compõem o chamado “projeto existencial”, que se relaciona e guia a existência do sujeito: um posicionamento consciente frente aos fenômenos, desde as decisões mais simples do cotidiano. Logo, a existência se constrói no próprio viver, no movimento que o ser humano faz no mundo e na interação com os outros, visto que só assim as possibilidades se concretizam. A escolha se torna ato, dá sentido à existência e se realiza no cuidado que cada sujeito tem consigo mesmo, com os outros e com os demais objetos e seres que compõem sua realidade (SARTRE, 2011).

Se os projetos de vida organizam as trajetórias individuais, mudam e transformam as pessoas, eles também precisam ser considerados dentro da sociedade (VELHO, 2003). Isso porque, como nos explica Morin (1990), a autonomia alimenta-se da dependência, pois uma

escolha só se faz possível na medida em que esse sujeito autônomo tem acesso à educação, linguagem, afeto, uma composição biológica e ou genética específica.

O que nos interessa aqui, é que [...] frequentemente temos a impressão de ser livres, sem ser livres. Mas, ao mesmo tempo, somos capazes de ter liberdade, como somos capazes de examinar hipóteses de conduta, de fazer escolhas, de tomar decisões. Somos uma mistura de autonomia, de liberdade, de heteronímia e, direi, mesmo de possessão por forças ocultas que não são simplesmente as do inconsciente reveladas pela psicanálise. Eis uma das complexidades propriamente humana (MORIN, 1990, p. 98).

Além disso, agir com intenção pressupõe que o homem possa admitir as consequências pelos seus atos, visto que ser livre é ser responsável, é projetar-se rumo às possibilidades tendo responsabilidade por si (SARTRE, 1973). Morin (1996) também fala sobre o tema ao dizer que a vida e as sociedades humanas toleram grandes porções de desordem e que esta é chamada de liberdade porque compõe os processos de invenção e criação. Isso porque qualquer criação é um desvio dentro de um sistema previamente estabelecido ou determinado.

Um projeto de vida transcende, então, a dimensão própria do sujeito e seus interesses particulares e com isso traz implicações para o mundo, que, por sua vez, corresponde às possibilidades, ao campo de ação e até mesmo às demandas sociais que podem exigir do sujeito mais ou menos criatividade para lidar com as situações. Damon (2009) explica que as pessoas mais criativas são, no geral, mais satisfeitas e mais otimistas e elaboram seus projetos de maneira a fazer a diferença na própria vida, no mundo do presente e também no do futuro, pois preocupam-se com as próximas gerações. É o que Machado (2006, p. 2) define como a dimensão educacional do projeto de vida, visto que “a escolha de metas sempre se dá em um cenário de valores socialmente acordados”, de forma que há fatores éticos, biológicos, psicológicos e políticos que se relacionam.

Ao falar sobre projetos de vida, consideramos ainda sua dimensão de possibilidade ligada à temporalidade. Prigogine (1996) lança um importante questionamento sobre a existência da “flecha do tempo”: passado e futuro têm diferentes funções, sendo que o primeiro não retorna e o segundo é apenas possibilidade, então é impossível simplesmente prever uma trajetória precisa, ainda que se conheçam as condições iniciais. Em termos de história de vida, entendemos que é importante conhecer aspectos do passado para compreender as projeções para o futuro, mas tais projeções não se constituem como certezas, e sim acontecimentos possíveis que dependem de múltiplas variáveis e oportunidades.

Pensar sobre projetos de vida articula necessariamente a categoria temporal chamada “futuro”, que, de uma maneira bastante simplista e linear, é aquela subsequente ao “presente” e ao “passado”, embora precise ser compreendida de maneira mais ampla e complexa, tal como propusemos com as fases da vida. Sobre isso, Koselleck (2006) explica que o passado consiste numa forma de incorporar e lembrar dos acontecimentos, sendo que neste processo a experiência é um espaço que funde o comportamento inconsciente (incluindo acontecimentos, ações e valores alheios) e a elaboração racional sobre essas experiências, logo, não se trata de um passado exato, mas da forma como ele é experienciado ou percebido no tempo presente. Já quando falamos sobre projeções futuras, é necessário refletir sobre qual é esse futuro tratado, pois ele se delimita a partir do que se entende do nosso presente e das expectativas que se depositam nisso que ainda não foi experimentado.

Além disso, a compreensão do passado é sempre uma interpretação parcial e mediada, já que sua narrativa não se constitui a partir do todo, mas de fragmentos atravessados por sentimentos, memórias e esquecimentos, relações de poder, entre outros. Isso é importante para pensar que, ao questionar sobre os projetos de vida das jovens participantes de comunidades religiosas, a interpretação que fazem dos acontecimentos passados de sua trajetória poderá influenciar suas projeções futuras; e, além disso, tais projeções não são certezas. Pode ser que, ao entrevistar novamente essas mesmas pessoas daqui a alguns meses ou anos, suas respostas tenham mudado, seus planos não tenham se concretizado ou aconteçam de modo diferente do que foi previsto (PORTELLI, 1997). Obviamente, ao falar sobre projetos de vida, é importante considerar seu caráter incerto, e não se pode esquecer do efeito caótico do acaso e do imprevisto, que Prigogine (1996) aborda em seus textos e que Koselleck (2006) chama de “horizonte de expectativas”.

Para Prigogine (2003), o tempo exerce uma função dupla: por um lado, faz envelhecer, sendo este o elemento comum a todas as pessoas do universo; por outro, caracteriza e diferencia cada um, na medida em que cada pessoa reage a ele de maneira diferente. Nesse sentido, a inserção da seta do tempo exige que se leve em consideração um futuro incerto, variável, e que depende não apenas do próprio sujeito/fenômeno, mas das relações que ele estabelece o tempo todo com os demais, com a cultura e até consigo mesmo.

Concordando com Hall (2006), Prigogine (1996; 2003) e Velho (2003), nos distanciamos de boa parte das teorias psicológicas, as quais, em muitos casos, encontram explicações, se não deterministas, ao menos causalistas sobre o desenvolvimento da personalidade humana e dos projetos de vida. Podemos então nos aproximar das reflexões de

Sartre (1973), ao questionar a suposta essência das coisas e retomar⁹ os conceitos sartreanos de liberdade e de projetos de vida, que, como tentamos demonstrar nesse capítulo, estão relacionados.

Morin (1996) chama a liberdade de uma “porção de desordem” que possibilita a criatividade dentro do sistema social, ao passo que Velho (2003) define tal sistema como um campo de possibilidades. Como todos os sistemas e campos de possibilidades também são, por definição, complexos, não é possível descrevê-los em sua totalidade; porém, é possível identificar elementos da realidade que exercem mais ou menos influências sobre determinado projeto (MACHADO, 2006), como é o caso da religião.

* * *

Neste capítulo inicial, exploramos a religião como um dos campos de atuação dos indivíduos e de realização dos projetos de vida, porque consideramos que as instituições religiosas são sistemas de valores previamente estabelecidos a partir dos quais as pessoas podem tanto agir quanto receber influências sobre suas subjetividades e comportamentos. Entendemos que se trata ainda de uma instituição basilar que permite a socialização e a aprendizagem de normas e costumes. Afunilamos as discussões para a religiosidade dos jovens e, mais especificamente, sobre as juventudes femininas, de forma que começamos a identificar elementos de análise no que se refere às possibilidades vivenciadas pelas mulheres em uma sociedade ainda machista e patriarcal – que inclusive se organiza dessa forma nas suas instituições, como as igrejas.

Os conceitos de religião e de juventude expressam características próprias da sociedade em que são constituídos e isso influencia na sua percepção e análise, pois houve mudanças históricas que culminaram na forma como são entendidos hoje. No caso das religiões, estas deixaram de expressar grandes narrativas de moralidade e passaram a incluir trajetórias únicas e a possibilidade da salvação individual. Já na vivência dos jovens, entende-se como etapa da vida de inserção no mercado de trabalho, constituição da família e busca pela independência, porém, sem desconsiderar aspectos individuais, relações familiares e o contexto social, econômico e político, que geram múltiplos posicionamentos para o *ser jovem*.

⁹ Digo retomar porque o conceito de liberdade foi tema do meu trabalho de conclusão de curso na graduação em Psicologia, quando realizei uma crítica ao determinismo psicológico, mais especificamente na teoria Psicanalítica, a qual Sartre (2012) menciona diretamente. Na pesquisa, abordei que as identidades não devem ser vistas como elementos estáticos ou pré-determinados, pois há múltiplas influências (internas e externas) que agem sobre os sujeitos, os quais, por sua vez, também possuem sua liberdade de escolha a partir da qual podem reagir de diferentes maneiras frente aos acontecimentos. Nesta dissertação, não abordamos especificamente o conceito de identidade, pois o tomamos como pressuposto para compreender que as pessoas possuem características físicas, psicológicas, cognitivas e sociais que permitem sua identificação e seu agir no mundo.

Com base nos referenciais anteriormente apresentados, entendemos que o conceito de juventude é multifacetado e complexo, de forma que trabalhamos com “juventudes”, para especificar que as subjetividades e culturas juvenis estão em relação com o contexto social, histórico, econômico, político etc. e por isso comporta manifestações plurais. Já a religião está relacionada a uma manifestação cultural e simbólica que, no Brasil, adquire grande importância, visto que a maioria da população se declara religiosa ou fiel, especialmente na matriz cristã. As comunidades religiosas são vistas ainda como campos de possibilidade muito específicos, que podem influenciar as trajetórias e projetos de vida. Por fim, tais projetos são entendidos como planos ou objetivos futuros, que cada indivíduo organiza a partir de suas características individuais, valores e campos de possibilidade.

Esperamos que o leitor tenha em mente a existência não de uma, mas de várias juventudes, a depender dos contextos e dos recortes realizados; além do fato de que os projetos de vida se relacionam com os campos de possibilidades, com a liberdade e o futuro, e incluem tanto elementos individuais quanto sociais. Após esse referencial, passemos ao segundo capítulo, no qual apresentaremos o percurso metodológico e uma breve biografia das participantes deste estudo, a partir das quais tentaremos analisar os aspectos referentes às características individuais e seus campos de possibilidades em seus projetos de vida.

CAPÍTULO 2

CONHECENDO AS PARTICIPANTES E O PERCURSO DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia de pesquisa, explicando como os dados foram coletados e analisados, bem como trazer as primeiras considerações sobre as jovens da nossa investigação, localizando-as nas suas denominações religiosas. Nas discussões teóricas produzidas no primeiro capítulo, observamos o caráter masculino da religião e o quanto as mulheres ainda se encontram marginalizadas nas atividades religiosas, por isso incentivamos a reflexão sobre a necessidade de espaços e iniciativas femininas nas igrejas. Inclusive por isso julgamos necessário dar ênfase às participantes, destacando suas trajetórias e características.

Como problema de pesquisa, propomos responder de que maneira as jovens mulheres articulam as religiões cristãs aos seus projetos de vida ou como elas elaboram seus projetos de vida tendo em vista as influências da religião da qual participam. A problematização, por sua vez, está relacionada aos objetivos da pesquisa, a partir dos quais buscamos identificar as possíveis articulações ou influências da religião nos projetos de vida de jovens mulheres que participam de comunidades religiosas cristãs em Campo Mourão, Paraná. Para tanto, apresentamos, no capítulo anterior, estudos sobre religião, juventudes, juventudes femininas e religiosas, e projetos de vida.

Nosso estudo visa contribuir para as discussões sobre as juventudes contemporâneas, mais especificamente no que se refere às possibilidades de atuação de jovens mulheres em espaços específicos, como a religião. Como observado no mapeamento das teses, as juventudes femininas aparecem em um número cada vez maior de pesquisas, tanto no âmbito disciplinar quanto interdisciplinar, evidenciando a importância dada para essa discussão. Porém, o tema central – projeto de vida de jovens religiosas – não apareceu nas buscas, o que indica que nossa pesquisa pode ampliar ou contribuir para a discussão no campo da religião e dos estudos feministas.

2.1 Procedimentos metodológicos de produção e análise dos dados

Agora que já apresentamos algumas razões que justificam nosso recorte temático, falaremos sobre os caminhos da pesquisa. Chegar a uma metodologia é um processo difícil, que Corazza (2002, p. 107) descreve como estar em um labirinto, sendo necessário dobrar-se tanto sobre o trabalho de pesquisar quanto sobre o ser pesquisador, no sentido de definir

linguagens, conceitos, ferramentas, além de não haver um norte, uma verdade ou uma realidade fixa esperando para ser descoberta. O intuito deste capítulo é, então, sistematizar o que se fez e como se fez, demonstrando como se deram nossas escolhas teóricas e por que realizamos a investigação desta forma.

A definição do objeto geralmente evidencia o método mais adequado para investigá-lo (BUJES, 2007; MORAES, 2014), por isso, ao pensar no nosso *corpus* – jovens religiosas – e no nosso objeto – projetos de vida –, pareceu-nos evidente ter que interagir com as moças para obter as respostas que procuramos. Assim, definimos como metodologia a entrevista semiestruturada, uma técnica qualitativa que permite o contato entre pesquisador e pesquisado, a partir de perguntas previamente estabelecidas, mas que também abre espaço para imprevistos e acréscimos que os sujeitos julgarem necessários.

As participantes são 10 mulheres com idades entre 18 e 22 anos, que congregam em 4 comunidades religiosas cristãs do município de Campo Mourão, Paraná, a saber: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Católica e Igreja Luterana Livre. A faixa etária compreende um recorte produzido pelo IBGE, que inclui jovens de até 24 como “jovens-adultos”, sendo esta uma espécie de primeira parte da juventude propriamente dita. As denominações foram escolhidas pela proximidade da pesquisadora e por serem cristãs, visto que o cristianismo é a matriz de religiosidade da maioria dos brasileiros (DATAFOLHA, 2016; MATOS; LOBO; GARCIA, 2018), sendo ainda duas comunidades tradicionais e duas neopentecostais, o que pode favorecer a identificação de similaridades e diferenças entre suas manifestações.

Nosso estudo se aproxima, de alguma forma, dos trabalhos de Berto (2015), Lira (2014), Prates (2014) e Tenchena (2016), visto serem desenvolvidas por mulheres religiosas, embora não das comunidades em que realizaram suas investigações; e também de Silva (2017) e August (2018), que estudaram as comunidades religiosas de que participavam. Como já citado, venho de uma família evangélica protestante. Desde muito pequena, convivi com cerimônias religiosas, cultos, projetos missionários, escolas bíblicas, acampamentos de crianças e adolescentes, encontros de jovens... Minhas dúvidas e distanciamentos, iniciados ainda na adolescência, se intensificaram depois que comecei a cursar Psicologia, revelando principalmente a minha impaciência para com os rituais, mas também certa inquietude por experimentar outros mundos possíveis, desvinculados ou mesmo contrários aos preceitos religiosos – como faltar à escola dominical para dormir até mais tarde no domingo, após ter ido a alguma festa no sábado anterior. Com a admissão no Mestrado e a definição de um problema de pesquisa, me vi retornando à religião, buscando um tema até então negado por

mim: a influência religiosa sobre quem sou e o que planejo para o futuro. Posso dizer que eu não fui ao encontro do tema, mas que ele me capturou e abriu antigas feridas e questionamentos, que, por sua vez, podem orientar ou figurar como ponto de partida das problematizações e análises que faço dos dados obtidos.

A seleção das jovens também não foi aleatória, mas se deu por indicações de pessoas próximas e conhecidas, utilizando a técnica chamada *snowball* (COSTA, 2015), na qual uma entrevistada indica outras dentro do perfil pré-estabelecido para o estudo. Partimos de mulheres que já eram conhecidas por nós, como aquelas que já haviam participado de outras pesquisas do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder (Unespar) ou que fazem parte dos contatos pessoais dos pesquisadores, e que puderam indicar outras colegas ou amigas. O primeiro critério para escolha foi a participação continuada, constante e assídua nas atividades proporcionadas pela igreja que frequentam, ou seja, buscamos jovens que estavam diretamente envolvidas com as atividades da igreja e que exerciam algum cargo na instituição. Em seguida, consideramos também a disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa e de expor seus dados. Foram escolhidas aquelas que possuem algum envolvimento ativo nas suas comunidades, seja como líderes de jovens, conselheiras juvenis, membras de grupos de louvor, entre outros cargos, frequentando a igreja pelo menos duas vezes por semana. Dessa forma, foi possível criar uma rede de mulheres que atuam em suas comunidades religiosas e que estivessem dispostas a compartilhar conosco seus planos futuros e projetos de vida.

Cabe dizer que se trata de um coletivo artificial, uma vez que foi construído ou articulado pela própria pesquisadora, considerando os distanciamentos ou aproximações possíveis das quatro denominações religiosas abordadas. Entendemos que as comunidades cristãs, embora ancoradas em uma grande matriz chamada Cristianismo, possibilitam diferentes modalidades de participação e, conseqüentemente, diversas possibilidades de experiências religiosas, a serem exemplificadas pelas experiências em quatro denominações diferentes.

A metodologia utilizada foi a entrevista (cujo roteiro encontra-se no Apêndice A), pois esta valoriza a linguagem e a descrição das experiências por parte de quem as vivencia. Esta é uma maneira de dar sentido às vivências, expressando-as na relação com o outro. Amatuzzi (2009) explica que a compreensão do outro se faz a partir de uma tentativa de reconstrução do mundo deste, por meio de uma escuta atenta, de uma tradução e significação de sua subjetividade frente à própria subjetividade da pesquisadora.

Para a construção do instrumento, foram consideradas as ponderações de Corazza (2002) sobre primeiro subsidiá-lo com um modo de pensar, visto que ele revela aspectos da

subjetividade dos pesquisadores, a qual, por sua vez, transparece nos resultados, de forma que uma mesma pesquisa, quando realizada por pessoas diferentes, não chega aos mesmos resultados, porque parte de locais de fala distintos (HARAWAY, 1995). Bujes (2007, p. 19) complementa que “a opção por tratar de determinadas questões, segundo um enquadramento teórico específico, circunscreve possibilidades, indica caminhos, acaba por orientar as direções da investigação”. Por fim, Moraes (2014) resume que pesquisar também é intervir, no sentido de elaborar ações que produzem e performam no mundo.

Além disso, a leitura de diferentes publicações, somada à minha própria experiência religiosa, aponta para a dificuldade de obter determinadas respostas em razão das resistências que elas podem mobilizar. Tal como discutido por Haraway (1995), especialmente quando a pesquisadora é uma mulher e/ou faz pesquisa com e para outras mulheres, é ainda mais necessário marcar o lugar do qual se fala – neste caso, evocar meus saberes enquanto mulher e psicóloga, e minha prática clínica, que contribuem para a melhor utilização do instrumento escolhido.

Nesse sentido, optamos por organizar as perguntas em dois momentos. O primeiro contempla os dados de identificação, como idade, escolaridade, identidade racial, estado civil; a relação com a comunidade religiosa, de qual participa, há quanto tempo, com qual frequência e a partir de qual trajetória; os valores e sentimentos relacionados à juventude; e considerações iniciais sobre seus projetos de vida, planos para o futuro, pessoas que admira, presença da religião nesses projetos etc. Também deixei espaço para comentários adicionais ou reflexões das entrevistadas, e utilizei a estrutura de anamnese proposta pelo Conselho Federal de Psicologia para inserir questões específicas quando fosse necessário aprofundar ou detalhar melhor alguma resposta anterior.

O segundo momento engloba as perguntas de cunho sexual, consideradas muito íntimas ou até mesmo de crítica à religião, sendo que esse segundo bloco de perguntas foi realizado aproximadamente uma semana após a primeira entrevista. Com a inserção desse elemento temporal, conseguiu-se o aprofundamento das respostas, mantendo o sigilo e permitindo que as participantes se sentissem mais confortáveis para responder. Presumia-se que esse segundo momento poderia contribuir para o estreitamento dos laços e da confiança entre pesquisadas e pesquisadora, o que foi comprovado ao longo das entrevistas, visto que inicialmente as jovens davam respostas mais curtas ou padronizadas e, com o tempo, foram se aprofundando nas reflexões – conforme demonstraremos no capítulo seguinte.

O elemento temporal, derivado das duas entrevistas realizadas com intervalo de uma semana entre elas, está também associado ao elemento espacial, no sentido de criar um

ambiente propício para favorecer a fala. A ideia inicial era realizar as entrevistas em um *setting terapêutico*¹⁰ (WINNICOTT, 1983), porém, em razão do tempo e das possibilidades de deslocamento das entrevistadas devido às suas atividades religiosas, de trabalho e ou estudo, a pesquisadora optou por se deslocar até os locais que as próprias jovens definissem e nos quais se sentissem à vontade. Morin (1996) nos explica que uma metodologia de pesquisa não deve ser um programa de pesquisa, ou seja, não deve ser uma sequência de atos funcionando na ordem em que foram definidos *a priori*, mas sim uma estratégia ou plano de ação que permite trabalhar com as incertezas, que reconheça limites e que se baseie em teorias e práticas adequadas para aquilo que se quer pesquisar. A mudança nos locais favoreceu uma inserção em espaços considerados importantes para as entrevistadas, de forma a permitir um conhecimento maior sobre suas identidades.

As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020, a partir da agenda e disponibilidade das entrevistadas. O texto inicial foi submetido para a banca de Qualificação em março de 2020, contendo os elementos do referencial teórico, metodologia e alguns fragmentos e recortes das falas das jovens, de forma que a banca examinadora fez suas considerações e sugeriu possibilidades para a análise. No mesmo período, o Brasil decretou estado de calamidade pública devido à pandemia de COVID-19, o que acabou influenciando na vida pessoal da pesquisadora e adiando alguns dos passos da pesquisa, de forma que a retomada e finalização do texto ocorreu apenas em maio de 2021. Entendemos que essa lacuna temporal pode impactar nas respostas, no sentido de que alguns planos podem ter sido adiados ou cancelados em razão da pandemia, ou pode ter havido alguma mudança de pensamento ou posicionamento em decorrências das novas exigências de vida nesse período. Porém, esta pesquisa não se propôs a estabelecer verdades imutáveis ou conclusões universais, pelo contrário, tal como os projetos de vida, ela é temporalmente situada e está sujeita às ações do tempo e da realidade, de forma que optamos por manter os dados tais como se apresentaram nas entrevistas, sem acréscimos.

A análise dos dados foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, visto que contempla elementos subjetivos e interpretações biopsicossociais das entrevistas. Trata-se de uma perspectiva que privilegia a identificação de abstrações, significados atribuídos, relações estabelecidas e projeções das jovens sobre o próprio futuro. Nos baseamos na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), aderindo à função do “desvendar crítico”, no sentido de

¹⁰ O *setting* é o local de trabalho próprio do psicólogo, geralmente decorado com poltronas, divãs e luminárias confortáveis e que estimulam a reflexão e as respostas profundas, sendo uma das ferramentas do trabalho em Psicologia.

buscar significados e interpretações no conteúdo extraído de comunicações – neste caso, das entrevistas.

É importante destacar que a ênfase se encontra nas próprias jovens, a partir das respostas dadas às perguntas, sendo este um elemento que confere maior complexidade à abordagem e se mostra como um diferencial desta para outras investigações, visto que a maioria das publicações encontradas no mapeamento das teses não contempla entrevistas com as mulheres, mas observações, análises teóricas ou etnográficas (IDÁRRAGA, 2016; MAGNANI, 2018; MATAREZIO FILHO, 2015). Magnani (2018) ressalta que os acontecimentos precisam ser compreendidos a partir da significação dada pelos sujeitos da pesquisa.

Arbués (2015), Costa (2015) e Oliveira, W. (2017) destacam ainda a necessidade de abordar não apenas os aspectos qualitativos, mas também quantitativos, estatísticos e interpretativos; porém, precisamos fazer recortes estratégicos nas pesquisas científicas, principalmente quando se abordam dados qualitativos, visto que os seres humanos são complexos e multifacetados e a compreensão dos dados é enriquecida se estudada sob várias perspectivas.

Como nos lembra Castro (2015), os estudos sobre juventude devem ser inerentemente interdisciplinares, porque exigem referenciais teóricos de diferentes campos, visto que não é possível falar dos sujeitos sem abordar também sua história de vida, identidades, culturas, a relação com outros grupos, as instituições de que faz parte, suas percepções e afetos, entre outros elementos. Nesse sentido, a análise contempla correlações com abordagens da Psicologia, da Sociologia da Religião, Educação, entre outras pertinentes às categorias de análise.

Tais categorias foram definidas a partir da análise de conteúdo, no sentido de ler exaustivamente todas as transcrições, identificar tópicos que chamassem atenção por estarem vinculados aos objetivos da pesquisa, selecionar trechos representativos de todo o universo pesquisado, e adaptar tais trechos para classificá-los dentro dos indicadores identificados. Definiu-se como unidade de registro (BARDIN, 2011) a intensidade e a recorrência pela qual as palavras como *ser mulher*, *ser cristã*, fé, religião, igreja, projeto, planos e futuro apareciam na fala das jovens.

Consideramos importante ainda observar a maneira como as entrevistadas se comportaram durante a entrevista, seus movimentos, vestimentas, presença de símbolos religiosos, objetos que carregavam etc. A materialidade desses objetos auxilia na compreensão de quem são os sujeitos e de como eles se comportam e se expressam no mundo.

O discurso, seja na fala, no comportamento ou nos objetos utilizados, tem regras de apropriação e de utilização relacionadas ao poder, sendo, por isso, um espaço de luta que expressa o pensamento e revela características tanto daquele que fala quanto do contexto em que esse sujeito está inserido (FOUCAULT, 2015).

Uma das entrevistadas falou que as mulheres têm muito a ensinar e transmitir umas para as outras, e disse que sua vontade é “ouvir tudo, pegar um bloquinho e ir anotando” (Entrevista, 2020). Esse é justamente o comportamento que assumi enquanto as ouvia falar, usando o gravador no lugar do bloco de anotações, e após cada encontro me permiti conversar com as jovens para além do roteiro de perguntas, além de fazer anotações sobre as vestimentas e comportamentos delas, entendendo que cada gesto ou expressão também é indicativo de uma mensagem que se quer transmitir.

Por fim, a análise das individualidades por meio das narrativas orais auxilia tanto na compreensão das diferenças quanto das igualdades (PORTELLI, 1997), o que favoreceu categorias de análise que contemplam semelhanças e distanciamentos entre as jovens e também entre as comunidades de que participam.

2.2 Aspectos éticos, limites e tensões no fazer pesquisa

A proposta acima descrita foi apresentada às jovens, que participaram voluntariamente da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), o qual garante o sigilo e o anonimato dos dados – sendo estes utilizados apenas para fins acadêmicos e sem permitir a identificação. Cada jovem foi entrevistada individualmente em um local escolhido por elas, de forma que a pesquisadora conheceu os ambientes de trabalho, universidades, faculdades, cafeterias, sorveterias, entre outros espaços do município. As respostas foram gravadas via aplicativo *Voice Records* para Android e posteriormente transcritas em documento do Word 2013.

Além disso, as transcrições foram repassadas às jovens para receber a aprovação delas, visto que nossa interpretação pode se distanciar do sentido que elas buscaram atribuir às suas respostas. Essa aprovação, segundo Portelli (1997), é fundamental quando a posição política dos pesquisadores é diferente ou até mesmo contrária à opinião das participantes. Reconhece-se, assim, a existência de múltiplas narrativas e busca-se valorizar, respeitar e dar importância a cada indivíduo de maneira particular.

Entendemos que essa pesquisa não evoca grandes tensões ou prejuízos para as entrevistadas, porém, sabemos que os temas podem favorecer dúvidas ou reflexões posteriores, de forma que me coloquei à disposição para acolher e conversar com as jovens

após os encontros. Por minha formação em Psicologia, me disponibilizei a atender gratuitamente as jovens nos assuntos referentes às perguntas, visando minimizar possíveis desconfortos, sendo que tal possibilidade foi utilizada por duas jovens, que entre janeiro e maio de 2020 me procuraram para falar de novos posicionamentos ou dificuldades que estavam vivenciando. Nestes momentos, a pesquisadora obteve uma nova autorização para incluir nos relatos as mudanças citadas.

2.3 Considerações sobre o *corpus* empírico: as participantes de comunidades religiosas de Campo Mourão

Se até aqui descrevemos o *como* de nossa pesquisa, apresentando os procedimentos para a coleta e análise dos dados, agora avaliamos ser necessário contextualizar e/ou apresentar nosso *corpus* empírico, que compreende as 10 jovens participantes de 4 comunidades religiosas do município de Campo Mourão.

Utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade das jovens, conforme acordado previamente com elas. Os pseudônimos escolhidos são os nomes das princesas da Disney®, o que parece pertinente, visto que as entrevistadas possuem um estilo bastante romântico, tanto na escolha das roupas (a maioria utiliza vestidos estampados e blusas floridas ou de renda), quanto nos seus sonhos (apenas duas jovens não falam sobre casamento). Já o critério de distribuição dos nomes das princesas para as jovens entrevistadas foi a semelhança física, especialmente quanto ao estilo do cabelo.

Denominar as entrevistadas com nomes de personagens pode ser visto como processo arbitrário ou que reforça estereótipos de gênero; porém, essa escolha prezou pelo anonimato das participantes, ao mesmo tempo em que sugere possibilidades de problematização e análise dos projetos dessas jovens. Consideramos ainda que tais nomes estão associados a pedagogias culturais específicas, que exercem influências nas formas de vida de toda uma geração. Breder (2015) ironiza essa situação ao parafrasear a feminista Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce princesa, torna-se”, pois há uma série de estímulos midiáticos, sociais, religiosos, entre outros, que criam o estereótipo de uma mulher bonita, bem articulada, que busca um príncipe encantado e um “final feliz”. Este final feliz buscado nos contos de fada pode ser entendido, de maneira metafórica, como a realização favorável de uma meta ou projeto de vida.

Cabe lembrar ainda que essas princesas não são necessariamente antifeministas. Pelo contrário, Breder (2015), Gerotto e Queiroz (2018) identificam que há hoje uma geração de princesas que possui ambições e sonhos, diverge das expectativas sociais e tem conflitos familiares relacionados às suas tentativas de mudança. Ao mesmo tempo, não se perde o

caráter considerado “feminino”, que implica na escolha de roupas, palavreado, comportamento mais recatado; o que demonstra a complexidade de tais personagens e a opção por seus nomes aqui. Ser uma princesa está além da performance submissa e da devoção ao príncipe encantado, implica hoje comportar-se de maneira responsável, ter valores, apresentar uma moral e preocupação com o próximo e com os próprios sonhos e possibilidades¹¹ – tal como apresentado pelas nossas participantes.

No quadro a seguir, apresentamos uma síntese das entrevistadas, a título de contextualização (apresentação de informações mais gerais relacionadas à idade, ocupação, denominação e participação religiosa), e em seguida trazemos a biografia mais específica e detalhada de cada uma, separando-as pelas igrejas que frequentam. A ordem de apresentação será alfabética, a começar pelas igrejas e, dentro destas, as jovens.

Quadro 1. Contextualização das participantes

Igreja	Nome	Idade	Informações gerais	Atividades religiosas que desenvolve
Assembleia de Deus (AD)	Esmeralda	20	Auxiliar de professora no município, com curso técnico em Formação de Docentes. Cursa duas graduações ao mesmo tempo: Pedagogia e Psicologia. Mora com os pais, é filha única, namora há três anos, e desenvolve atividades a favor da saúde mental de adolescentes.	Professora na escola bíblica dominical para adolescentes. Auxiliar nas atividades para crianças. Planeja ser dirigente de jovens.
	Jasmine	21	Casada, trabalha como diarista e cursa Pedagogia. Mora com o marido e com um irmão mais novo em uma casa cedida pela avó. Não conhece o pai biológico, e não tem contato com a mãe, que tem doenças mentais.	Dirigente das atividades para jovens e adolescentes.
	Tiana	20	Auxiliar administrativo em uma faculdade, estudante de Sociologia. É filha única, foi criada pelos avós. Solteira, mora sozinha e atualmente está investindo na carreira de <i>digital</i>	Auxiliar na direção do grupo de jovens. Ambiciona ser pastora.

¹¹ Na epígrafe da dissertação, citei a música “Ninguém me cala”, que foi composta para a adaptação do clássico Aladdin em 2019. Se o desenho animado lançado pela Disney® em 1992 tinha como foco as peripécias de um ladrão que se propôs a conquistar uma princesa com a ajuda do gênio da lâmpada mágica, a adaptação recente em formato *live-action* musical apresenta uma princesa Jasmine muito mais participativa, personagem central da história e que busca mudar as regras da sua comunidade para poder se tornar a primeira governante do sexo feminino. Ainda que eu tenha recebido algumas críticas sobre a utilização de nomes de princesas, continuo atestando sua importância na vida e na criação das mulheres e deixo aqui meu comentário de que não se trata de um uso pejorativo, mas de apresentação de mulheres fortes, multifacetadas e de características e personalidades complexas.

			<i>influencer</i> , falando sobre vida religiosa e organização pessoal.	
Congregação Cristã no Brasil (CCB)	Anna	19	Auxiliar administrativo no negócio familiar. Estudante de Técnico em Enfermagem. Solteira, mora com os pais e o irmão.	Organista e voluntária no grupo de jovens. Ambiciona participar das Irmãs da Piedade.
	Cinderela	20	Empresária no negócio familiar. Estudante de Engenharia de Produção. Noiva, mora com os pais, vai se casar no final de 2020 e se mudar com o marido para o interior de São Paulo. Tem grande admiração pelo irmão mais velho e se espelha nele.	Voluntária na reunião infantil e conselheira no grupo de jovens.
	Mulan	19	Agente comunitária de saúde e professora de órgão. Estudante de Letras Português-Inglês. Em 2020, desfez o noivado. Mora com a mãe, o padrasto e os dois irmãos.	Organista, voluntária na reunião infantil, conselheira no grupo de jovens.
Igreja Católica (IC)	Merida	22	Formada em Estética, trabalha em uma clínica de Odontologia e cursa Psicologia. Solteira, filha única, mora com os pais, que são comerciantes.	Coordenadora do Ministério de Dança da Fraternidade O Caminho. Planeja ir ao Min. de Intercessão.
	Vanellope	18	Professora de robótica para crianças. Solteira, filha única de uma família que não aceita suas escolhas religiosas, saiu da casa dos pais e mora com duas amigas.	Vocacionada para ser freira na Fraternidade O Caminho.
Igreja Luterana Livre (ILL)	Aurora	18	Desempregada, estudante de Geografia. Está namorando, mora com os pais (o pai é pastor) e o irmão na casa pastoral ao lado da Igreja.	Coordenadora do Ministério Infantil e voluntária nos Encontros de Casais. Quer ser missionária.
	Moana	22	Professora de Educação Infantil no município, formada em Pedagogia. Solteira, mora com os pais no mesmo terreno onde moram outros familiares, tios e primos. Já foi seminarista, mas desistiu ao entrar na faculdade.	Voluntária no Ministério Infantil, professora da escola bíblica dominical para pré-adolescentes, superintendente na escola bíblica, e voluntária na realização dos eventos da igreja.

Fonte: Dados das entrevistas, 2019 e 2020.

2.3.1 Assembleia de Deus

Esmeralda

As entrevistas foram realizadas nos dias 12 e 20 de fevereiro de 2020, na sala de estudos do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, na Unespar. A jovem optou por me encontrar no período noturno, por estar fazendo um curso próximo à universidade. Nos

dois encontros, usava calça *jeans* e blusinhas de renda, além de sandálias de salto alto, maquiagem e esmalte nas unhas longas. Tem os cabelos escuros, lisos e na altura da cintura.

Esmeralda tem 20 anos e se identifica como parda. Frequenta a igreja Assembleia de Deus localizada no Lar Paraná, sendo esta a denominação de toda a sua família. Trabalha como auxiliar de professora pelo município, devido ao curso técnico em Formação de Docentes concluído no Colégio Estadual de Campo Mourão em 2018. Atualmente cursa duas graduações, uma em Psicologia presencial no período noturno, e outra em Pedagogia à distância, sendo que os cursos consomem todo o seu salário e ela também depende de uma ajuda financeira da mãe para “poder bancar os estudos”. Diz ter uma vocação para ser psicóloga e professora, por isso também exerce o cargo de professora de adolescentes na Escola Bíblica Dominical, e busca se aperfeiçoar para poder atender os adolescentes em projetos paralelos. Relata ter identificado uma demanda de intenso sofrimento mental entre esse público, que muitas vezes esconde suas dores e ideações suicidas na “fachada de ser evangélico”, e diz que lidar com esses jovens é uma necessidade das igrejas, que não podem mais entender a depressão como “falta de Deus” ou “possessão do diabo”.

Explica que seus planos para o futuro consistem em continuar nessa área, atuando principalmente como psicóloga. Diz que quer se aperfeiçoar, cursar mestrado, doutorado, buscar especializações em outras cidades, pois o estudo é a ação mais importante em toda a sua vida – além de estar com a família materna, por quem tem grande admiração e intimidade. Tem uma relação bastante próxima com a mãe, sendo esta uma mulher que ama e admira muito, principalmente por todo auxílio recebido dela e pelo fato de a mãe ser financeiramente independente e muito trabalhadora.

Está namorando há mais de 3 anos e sente uma grande pressão do namorado e dos líderes da igreja para se casar logo, pois há um discurso de que os namoros muito longos favorecem a vida sexual antes do casamento. Porém, relata que vai se casar apenas quando tiver certeza de que seu namorado será um bom marido, e o idealiza como uma pessoa compreensiva, menos explosiva e que possa auxiliar mais nas tarefas da casa. Diz que, pelas experiências que teve com seu pai, não poderia se casar com um homem machista. Explica que o pai tentou proibir a mãe de estudar, mas esta foi “teimosa” e optou por cursar uma faculdade, sendo que atualmente é o salário da mãe (que é professora concursada) que mantém a maioria das necessidades da família, incluindo a formação escolar da filha.

Diz que gostaria muito de se casar e de fazer uma linda festa de casamento, mas apenas quando já tiver a casa própria e que o futuro namorado estiver “melhorado”. Quer ser

mãe apenas quando terminar os estudos, tiver independência financeira e já tiver “curtido um pouco a vida de casada”, principalmente por meio de viagens.

Esmeralda critica o machismo institucionalizado e diz que as mulheres devem ter liberdade para ser e fazer o que quiserem, para assumirem seus direitos na sociedade. Se considera uma mulher feminista, e entende o “feminismo” como um movimento de liberdade e de luta por direitos e por respeito; ao mesmo tempo, evoca a concepção bíblica de que as mulheres precisam estar sempre em oração, para que Deus lhes dê direcionamento e suporte, amparando todo o cansaço.

Gosta muito de lidar com crianças e adolescentes e tem uma grande preocupação com a saúde mental dos jovens. Acredita que a religião e a Psicologia podem atuar juntas no cuidado dessa população de risco, pois nem todos os sofrimentos são “coisa do demônio”, pelo contrário, eles refletem violências próprias da sociedade e devem ser consideradas no contexto; por isso os adolescentes precisam primeiro conhecer a palavra de Deus, “saciar sua sede” espiritual, buscar na Bíblia e em oração para não serem capturados pelo mundo, para depois lidar com seus traumas por meio de terapia, estudo e trabalho.

Jasmine

Nos encontramos nos dias 14 e 21 de fevereiro de 2020, na Biblioteca Municipal Prof. Egydio Martelo, na região central de Campo Mourão. Nas duas entrevistas, a jovem estava usando um vestido monocromático azul na altura dos joelhos e tênis branco. No primeiro encontro, em um dia chuvoso, o cabelo estava preso em um coque; e no segundo dia ela estava com o cabelo solto, sendo um cabelo enrolado e volumoso na altura do ombro. Me explica que acabou de passar por uma “transição capilar”, período de mais de dois anos nos quais resolveu assumir seus cabelos naturais e parou de fazer alisamento. Sua única joia era o anel de casamento e carregava uma grande mochila. Disse que estava de férias da faculdade, portanto sua rotina estava bastante “tranquila”: apenas cuidava da casa, do irmão mais novo e dos afazeres na igreja.

Tem 21 anos, é mourãoense e se identifica como parda. Diz vir de uma família pobre, a mãe teve sete filhos, dos quais nenhum mora com ela e dois foram “dados para adoção”. Tem uma grande admiração pela avó, a qual cuidou da jovem desde a infância e agora permitiu que a neta more em uma casa anexa no mesmo terreno, sem pagar aluguel. Mora com o marido, que é caminhoneiro. Diz ter rejeitado morar com a sogra porque “não aguentaria” a convivência, mas explica que já financiou um terreno e pretende começar a construir a própria casa até o meio de 2021. Está concluindo a faculdade de Pedagogia,

trabalha como diarista e como babá e espera passar em um concurso público em no máximo dois anos, pois assim poderá contribuir mais com a renda da casa e ajudar na construção.

Casou-se em 2018 com um homem que conheceu em um encontro de jovens realizado no Parque do Lago, em Campo Mourão. Diz ser um homem muito bom, engraçado e proativo, que tem um grande “senso de serviço” e faz o que for necessário para ver a igreja funcionando bem. Ambos atuam como dirigentes no grupo de adolescentes da Igreja Assembléia de Deus localizada no Jardim Aeroporto em Campo Mourão, sendo responsáveis por ensaiar e ministrar para o grupo. Jasmine diz que esse é um exercício que a ajuda a ter menos timidez, embora ela sinta que a iniciativa é muito mais do marido, e que ela está apenas apoiando os sonhos dele. Mostrou as fotos do casamento e disse ter sido uma data muito especial, na qual se sentiu muito bonita e teve a ajuda de todas as irmãs da igreja para fazer uma grande festa.

Foi a única das entrevistadas a dizer que tem vida sexual ativa e que toma anticoncepcional com o objetivo de não ter filhos (as demais jovens que fazem uso do contraceptivo disseram ser por questões estéticas, para controle de acnes e regulação menstrual). Não planeja ter filhos nos próximos anos, visto que atualmente está cuidando de um irmão que tem 5 anos, pois a mãe está com problemas de saúde mental, e do filho de uma amiga, e por isso se sente sobrecarregada de crianças. Nesse sentido, explica que gostaria de ter uma vida de mais estabilidade, com saúde física, emocional e psicológica e na qual possa desfrutar de mais conforto. Diz que não tem ambições de ser rica porque sabe que é muito difícil, mas que quer passar em um concurso público, ser professora, e ter alguma estabilidade financeira para poder viajar e conhecer diferentes lugares. Seus planos mais imediatos incluem concluir a construção da casa, e a longo prazo pretende ter mais dinheiro, “estar bem de vida” e poder “curtir um pouco”.

Na primeira entrevista, Jasmine pontuou sobre a dificuldade de ser mulher na sociedade atual, depois de ter visto várias mulheres na rua pedindo esmolas. No dia da segunda entrevista, estava acontecendo na Biblioteca Municipal uma exposição sobre feminicídio e nós lemos os cartazes e conversamos a respeito. A jovem iniciou suas respostas comentando que “está cada vez mais difícil ser mulher”, citou casos familiares de violência psicológica e financeira, e disse que a violência está exacerbada. Como exemplo, disse que o marido joga bola todas as quartas-feiras às dez horas da noite, mas que ela não tem a mesma liberdade porque não se sente confortável e nem segura de sair sozinha neste horário. Explica ainda que o atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, torna a situação ainda pior para as mulheres, porque reforça um discurso de submissão da mulher. Conclui seus argumentos dizendo que, em um casamento, deve-se priorizar a igualdade e que homens e

mulheres devem andar lado a lado, sendo que a ideia de uma “mulher submissa” precisa ser combatida.

Tiana

As entrevistas com Tiana aconteceram nos dias 07 e 17 de fevereiro de 2020, em uma cafeteria localizada na região central do município, por ser próximo ao local de trabalho da jovem, e nos horários em que ela saía para almoçar. Quando nos encontramos, Tiana usava vestidos e chinelos floridos, tem os cabelos longos e escuros, usa as unhas também compridas e com esmalte dourado. Explica que é bastante vaidosa, e que aprendeu a se cuidar e fazer as unhas na época em que trabalhou em um salão de beleza. É bastante comunicativa e logo me apresenta seu canal na rede social *Youtube*, onde posta vídeos sobre vida religiosa e organização pessoal.

Tiana tem 20 anos, é negra, trabalha como auxiliar administrativo em uma universidade à distância, na qual também cursa Sociologia – curso que pretende concluir até o final de 2020. Atualmente, tem uma renda aproximada de dois salários mínimos, mora sozinha desde setembro de 2019, sendo que antes morava com os avós maternos, os quais chama de “pais”, por ter sido criada por eles. Explica que tem muita admiração e respeito por ambos, mas que saiu da casa deles porque o pai-avô é muito machista e havia muitas divergências e conflitos, principalmente pelo fato de os pais não aceitarem as escolhas de trabalho da jovem.

Conheceu o pai biológico apenas aos 13 anos de idade, mas diz não ter mais contato com ele desde os 15 anos, pois não se dão bem e ele foi responsável pelo período de quase dois anos em que ficou afastada da igreja, pois não permitia que a filha participasse. Explica que nesse período morou com o pai em Curitiba, por recomendação da mãe, mas foi uma experiência ruim e que a traumatizou. Atualmente, faz terapia com uma psicóloga e comenta várias vezes que se sente meio louca. É mourãoense e não pretende morar em outra cidade, embora fale sobre o quanto gosta de visitar a mãe biológica aos finais de semana, em Pato Branco, sudoeste do Paraná, sendo a aproximadamente 350 km de distância de Campo Mourão.

O relacionamento conturbado com os pais biológicos fez com que Tiana se questionasse sobre o “agir de Deus” e por que Ele permitia que certos fatos ocorressem na vida dela; porém, diz que atualmente tem um entendimento maior de que “as coisas acontecem porque precisam acontecer”, para gerar algum tipo de experiência ou aprendizado.

Nesse sentido, explica que é uma pessoa muito observadora e que tenta sempre tirar uma lição positiva tanto das coisas que vivencia quanto dos fatos que observa.

Participa da Assembleia de Deus na comunidade Missão, localizada na região central de Campo Mourão, tendo sido “criada na igreja” por influência dos pais-avós; porém, explica que foi apenas a partir dos 15 anos de idade que realmente criou um relacionamento de intimidade com Deus e que compreendeu quem era Jesus Cristo e o quanto ele era importante em sua vida. Relata que participa de “todas” as atividades religiosas: cultos de final de semana, congressos, acampamentos, escolas dominicais, grupos de jovens no sábado à noite e os demais eventos para os quais for convidada; e explica que gosta de “se entregar 100%” para as coisas. Por esse mesmo motivo, diz não ter mais cargos, pois o emprego lhe consome boa parte do período da tarde e noite, de forma que não pode participar mais ativamente da organização dos eventos e não gostaria de assumir uma responsabilidade que não pode cumprir com o máximo de dedicação. Sua atribuição na comunidade é a liderança de um grupo com cerca de 40 jovens, os quais se reúnem semanalmente.

Nos próximos cinco anos, pretende finalizar a faculdade de Sociologia – curso que escolheu em razão da mensalidade mais acessível – e cursar Psicologia, visto ser uma profissão que poderia lhe ajudar mais nas atividades religiosas junto da comunidade em que participa. Quer ainda sair do atual emprego para dedicar-se integralmente à atividade de *digital influencer*, fato que também a permitiria trabalhar remotamente e viajar com mais frequência, inclusive para fazer missões. Também está orando para que o pastor a direcione para o Ministério de Jovens da igreja, pois explica que tem visto muitas demandas entre os adolescentes que até então estão sendo ignoradas pelos atuais líderes.

Idealiza morar em uma casa muito grande e elegante, de forma que precisa trabalhar mais para ter uma condição financeira “três vezes melhor do que a atual”, pois pretende receber os amigos e familiares com frequência na sua futura piscina, e quer ter quatro filhos (biológicos ou adotados) – o que exige muitos recursos financeiros. Me relata o desejo por uma grande festa de casamento porque gostaria de ser notícia em toda a cidade, usar um grande vestido e uma grande coroa de flores. Pretende também desenvolver projetos sociais com crianças em situação de abandono, principalmente no sentido de investir tempo e realizar cultos nos orfanatos.

Tem como principal projeto de vida ser missionária na região de Campo Mourão, para o qual já está se preparando, guardando dinheiro e estudando. Recebeu o chamado para ser pastora e pretende realizá-lo nos próximos 15 anos, e para isso precisa estar casada com um homem que queira ser pastor, de forma que há três anos tem conversado com um rapaz que

atualmente é seu pretendente, mas com quem não teve nenhum tipo de envolvimento físico. Explica que até hoje teve apenas um relacionamento amoroso, o qual durou um mês, mas que terminou quando percebeu que não tinham os mesmos sonhos. Para Tiana, “Deus une propósitos” e é o companheirismo e a identificação de projetos de vida que permite um casamento. Dá risada ao recordar sobre sua idealização de um marido, pois quando era adolescente orava para Deus pedindo características físicas específicas (queria ter um namorado loiro dos olhos azuis), mas que hoje entende que não se trata dos aspectos externos, mas sim do caráter, por isso está buscando um homem companheiro, “parceiro” e com quem possa fazer tudo junto. Por fim, explica que o casamento é o plano de Deus para os seus servos, sejam homens ou mulheres, pois através da união se realiza o plano da família.

2.3.2 *Congregação Cristã no Brasil*

Anna

Nos encontramos para as entrevistas em uma sorveteria no centro da cidade, nos dias 26 de novembro e 02 de dezembro de 2019. Diferente das outras duas entrevistadas da Congregação Cristã, Anna não usa saia ou vestido, mas sim um shorts jeans azul com o comprimento no meio da coxa, uma camiseta preta e calçava tênis *All Star*®. Tem o cabelo comprido, castanho, ondulado, e o usava preso em um “rabo” no alto da cabeça. Logo que começamos a conversar, pediu um sorvete.

A mourãoense de 19 anos de idade, branca, mora com os pais e trabalha na panificadora da família como auxiliar administrativo. No período noturno, está fazendo um curso técnico em Enfermagem no Colégio Estadual Marechal Cândido Rondon. Tem planos de se formar e de ir para outra cidade cursar Enfermagem ou Instrumentalização Cirúrgica e trabalhar em algum hospital. Junto com sua família, participa na Congregação Cristã do Brasil localizada no Jardim Modelo, onde exerce a função de organista e auxiliar das atividades infantis e frequenta as reuniões de jovens aos finais de semana. No futuro, planeja fazer parte das Irmãs da Caridade, as quais são responsáveis por angariar recursos para distribuição de cestas básicas e outras formas de assistência aos necessitados. Não planeja casar, mas pensa em talvez adotar filhos. Tem como principal projeto de vida alcançar a total independência financeira.

Trabalhou dos 15 aos 18 anos como jovem aprendiz na COAMO (Cooperativa Agroindustrial Mourãoense Ltda.); com 18 anos foi embora da cidade pois queria estudar para prestar vestibular no curso de Medicina, e voltou um ano depois com o objetivo de fazer o

curso técnico. Diz que seus pais ainda gostariam que ela estivesse trabalhando na cooperativa, devido à estabilidade; porém, não se sentia realizada e quis buscar um novo caminho, um caminho próprio e que seja bom para si mesma. Concilia seu trabalho na panificadora da família com os estágios obrigatórios do curso, os quais cumpre no Hospital Santa Casa e na Unidade Básica de Saúde do Centro Social Urbano.

Participa duas vezes por semana das atividades da igreja, a qual frequenta desde que era um bebê, por influência dos pais e avós. Explica que a Congregação Cristã é um local no qual se sente bem e acolhida, embora já tenha visitado outras denominações nas quais relata ter se sentido “deslocada”. Assim como veremos em Mulan e Cinderela, Anna também relata ter se afastado da igreja quando era adolescente, sendo este um período no qual frequentava menos os cultos, parou de tocar na igreja e ficou meses sem participar das atividades. Não identifica um motivo para esse afastamento, mas explica que voltar para a igreja trouxe mais discernimento sobre a própria vida e sobre as coisas que lhe fazem bem ou mal. Destaca “festa e bar” como lugares que “não são legais”.

Passa parte dos finais de semana no sítio da família, mas explica que não gosta, porque prefere estar na cidade e sair com os amigos, sendo que seu principal plano para o futuro é morar em uma cidade maior. Quer ser uma enfermeira e instrumentadora cirúrgica, e desistiu de fazer Medicina porque acha que não encontraria realização pessoal nessa área. No momento, seu principal plano é parar de trabalhar com os pais e encontrar um emprego fixo na área em que está estudando.

Quando questionada sobre “com quem gostaria de viver no futuro”, foi bastante enfática ao dizer “sozinha!”. Não pretende se casar, diz que “não tem dom para engravidar” porque “não gosta de sofrer”; mas, quando questionada sobre o que pretendia para os próximos 15 anos, diz que pensa em adotar filhos, mesmo sem estar casada.

No final da segunda entrevista, Anna analisou que a igreja não participa e nem dá qualquer tipo de suporte para os projetos que a jovem tem traçado, visto que “a igreja permite pensar em conjunto, no grupo, e não nas individualidades”, de forma que os planos pessoais são resolvidos e definidos apenas entre a pessoa e Deus. Destaca ser muito religiosa e acreditar que a proximidade com Deus é o que permite que seus sonhos se concretizem, logo, afastar-se dEle faz com que as coisas não saiam como planejado, porque Deus sempre sabe o que é melhor para os seus filhos e planeja o melhor para seus seguidores fiéis.

Cinderela

Nos dias 20 e 26 de novembro de 2019, fui até o local de trabalho de Cinderela – uma loja de presentes que a jovem mantém junto com a mãe – para realizar as entrevistas no período da tarde, quando ela está sozinha no local. Em ambas as ocasiões, ela vestia um vestido florido com comprimento abaixo dos joelhos e calçava rasteirinhas. Usava um colar dourado e um anel de noivado. O cabelo escuro e comprido estava sempre preso em um coque no alto da cabeça.

Cinderela tem 19 anos, é mourãoense, branca, cursa Engenharia de Produção na Faculdade Unicesumar, para a qual ganhou bolsa de estudos pelo PROUNI, e diz que se dedica aos estudos por pelo menos 6 horas diárias, pois tem como principal objetivo de vida ser engenheira de qualidade na estatal Petrobrás e para isso precisa se destacar como aluna e profissional. Trabalha meio período na loja de presentes da família, localizada na frente da casa onde mora com os pais, no Jardim Albuquerque em Campo Mourão. Frequenta a Congregação Cristã do Brasil no bairro onde mora, desde que nasceu, visto que os pais e avós também congregam nessa denominação há mais de vinte anos. Explica que nunca deixou de frequentar a denominação, mas que durante a adolescência ia apenas quando os pais a obrigavam, pois tinha outros interesses e vontade de sair com os amigos. Voltou a participar assiduamente alguns meses depois do afastamento, pois percebeu que a frequência religiosa melhorava os conflitos que tinha com os pais. Atualmente, atua como conselheira juvenil e é voluntária nas escolas bíblicas infantis, frequentando as atividades duas vezes por semana (aos finais de semana), porém, afirma que deixará os cargos quando se casar e não pretende exercer novas funções na igreja.

Se autodescreve como empresária devido ao cargo que ocupa na loja da família, sendo responsável por mais da metade da renda familiar, que gira em torno de três mil reais por mês. Trabalha com a mãe desde setembro de 2019, e antes trabalhou por cinco anos como jovem aprendiz na COAMO. Diz que no momento não planeja procurar outro emprego fixo em Campo Mourão, porque pretende se mudar para Presidente Prudente – SP quando se casar, pois o noivo mora lá e já compraram um apartamento no novo município. Explica ainda que quer dedicar-se integralmente à sua graduação e ao futuro casamento, no qual antecipa que haverá alguns atritos no começo, em decorrência das diferenças entre ela e o noivo, mas que vai se empenhar para criar a intimidade e a história deles. Fala bastante sobre os planos do futuro marido (de também fazer faculdade e tocar a empresa dos pais, no ramo da informática) e que quer ajudá-lo a realizá-los.

Estava noiva desde agosto de 2019 e pretende ter uma grande festa de casamento em 2021, a qual já estava organizando com a ajuda da mãe e das irmãs da igreja, em um grande salão alugado para comportar todos os familiares e amigos do casal. Por ora, aceitou morar no apartamento comprado pelo marido, mas planeja em breve mudar para uma casa, na qual tenha um quintal maior e onde possa fazer belos móveis planejados no estilo rústico. Não sabe ao certo em qual cidade vai morar, pois precisa ser um local onde haja filiais da Petrobrás, onde deseja trabalhar.

Explica que casar é seu sonho desde a infância, e que sempre se imaginou em um grande vestido de noiva, tendo a ambição de constituir uma família bem estruturada, com três filhos, tal como seus pais fizeram. Nos próximos cinco anos, planeja estar formada, grávida de gêmeos e em um bom emprego. Para os quinze anos futuros, pretende que os filhos estejam bens educados, que o marido esteja formado na área de computação e realizado profissionalmente, e que ela esteja trabalhando na empresa Petrobrás na área de gestão de qualidade. Ressalta a importância de se planejar para o futuro, sendo este um ensinamento que recebeu dos pais desde a infância, pois acredita que saber o que quer permite se organizar melhor e com mais tempo, inclusive para driblar os possíveis imprevistos.

Cinderela relata a grande influência que teve do irmão mais velho, que “sempre a aconselhou e esteve com ela”, nunca desistiu de seus projetos e batalhou com muita força de vontade, tendo aberto um mercado no bairro onde a família mora. A força e determinação do irmão ficaram ainda mais evidentes em junho de 2019, quando houve um grave acidente no qual o filho dele, de apenas 3 anos de idade, morreu, trazendo um trauma e sofrimento para todos os familiares. Neste momento de intensa dor, Cinderela diz que a família se aproximou, mostrando-se “muito forte e unida”.

Mulan

As entrevistas foram realizadas nos dias 14 e 21 de novembro de 2019, na sala de estudos do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, na Unespar, visto ser um local de fácil acesso para ela. No primeiro encontro, vestia uma camisa social branca e uma saia estampada em tons de amarelo, na altura do joelho. Na segunda entrevista, vestia um vestido florido, com mangas na altura dos ombros e o comprimento no joelho. Destacou que a vestimenta é característica de sua denominação, que as mulheres da Congregação são reconhecidas socialmente por não usarem calça e por não cortarem o cabelo; porém explica que não se trata de uma norma arbitrária ou de uma proibição, mas de uma escolha pessoal, pois sua forma de se vestir era um reflexo da “nova pessoa” que ela tinha se tornado depois de

se reaproximar de Deus, pois agora compreendia que aquele era um jeito de ter respeito com o próprio corpo. Sua única joia era o anel de namoro, que foi substituído por um anel de noivado no segundo encontro, pois a jovem fora pedida em casamento no final de semana entre as entrevistas, no dia de outra cerimônia de união religiosa.

Mulan tem a pele branca, os cabelos longos e escuros que chegam até a cintura, sendo esta outra característica desejada pela igreja de que participa (as mulheres são orientadas a não cortar o cabelo, conforme preceito bíblico), e da qual a entrevistada diz ter orgulho de seguir por ter compreendido sua importância e por ter feito um voto pessoal para deixar o cabelo crescer.

Mulan tem 19 anos, é branca, mourãoense, mora com a mãe, o padrasto, a irmã e o irmão mais novos. Estuda Letras na Unespar, trabalha diariamente (desde o começo de 2019) como agente comunitária em uma Unidade Básica de Saúde e dá aulas de teclado desde 2017 na Casa da Música aos sábados. Frequenta a Congregação Cristã do Brasil, localizada no bairro Jardim Albuquerque, próximo ao cemitério municipal, desde a tenra infância, pois sua mãe e avós são desta mesma denominação. Na instituição, exerce a função de organista e é voluntária na organização das reuniões de jovens e nas escolas bíblicas para crianças, participando das atividades aos sábados e domingos. Ao falar sobre sua rotina, destaca as orações diárias quando acorda e antes de dormir. Explica que já esteve afastada da igreja durante sua adolescência, em virtude de um “namoro errado”, mas que atualmente já sentiu o perdão divino e se sente uma mulher mais madura e próxima de Deus, aprendendo diariamente sobre amor e respeito às diferenças.

A rotina de orações é diária, sendo uma espécie de preparação para os cargos que exerce na igreja: organista, professora na reunião infantil e auxiliar de Salmos (que consiste em distribuir e orientar versículos bíblicos para as crianças estudarem). Participa também da coleta, que é a arrecadação mensal de dinheiro e ofertas para a igreja. Diz que não pretende ter outros cargos porque “já está bom desse jeito”, visto que “não é fácil fazer qualquer coisa que você tenha que lidar com gente, principalmente na igreja, porque não se mexe apenas com a parte material, mas espiritual”, de forma que prefere se manter como dizimista anônima.

Tem uma admiração muito grande pela mãe e pela avó, pois são “mulheres muito guerreiras” e que batalharam pela própria felicidade, mesmo tendo se casado com homens que não lhes ajudavam. A avó sustenta a casa e cuida do avô, que perdeu o movimento das pernas. E a mãe se separou do pai de Mulan quando esta ainda era criança, e encontrou um novo marido com quem é muito feliz. Mulan não tem contato frequente com o pai biológico porque diz que ele é pouco interessado, não paga pensão e não se preocupa com ela e a irmã, porém,

também destaca que são muitos parecidos, sendo que ela não gosta das características que “puxou” do pai, como a agressividade e o fato de ser muito “fria” e relapsa nos seus relacionamentos.

Por outro lado, diz ser muito próxima da família, principalmente da irmã, que é sua melhor amiga; mas tem atritos com a mãe, a qual é rígida com questões de horários (a filha tem que estar pontualmente às 23h horas em casa, de forma que todos os dias precisa sair alguns minutos mais cedo das aulas da faculdade) e cobra que a filha poupe dinheiro. Assim Mulan está economizando para comprar o próprio carro e tentar adquirir mais independência. Explica que seus principais projetos de vida incluem terminar a graduação em Letras e encontrar um emprego na área.

No período de realização das entrevistas, planejava se casar com o então namorado (que a pediu em casamento durante a festa de uma amiga, no final de semana seguinte ao nosso primeiro encontro), e disse estar organizando o casamento para o final de 2021, após a colação de grau. Disse querer um “casamento completo, com tudo o que tem direito” – no sentido de fazer uma grande festa, convidar todos os familiares e amigos, vestir um lindo vestido branco de princesa e ser elogiada por todos. Porém, em abril de 2020, Mulan me procurou (fazendo uso da possibilidade de atendimento oferecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) dizendo que precisava conversar, pois resolveu terminar o noivado, justificando que se sentia presa, desvalorizada, que o noivo não confiava nela e também não respeitava a mãe dela, tendo organizado o casamento por conta própria sem “pedir a mão” dela para sua responsável.

Diz que homens e mulheres hoje têm mais igualdade, inclusive dentro das igrejas, e que a mulher não precisa mais ser submissa ao homem, pois já pode escolher se quer “ir ou vir”. Mantém o desejo de, no futuro, casar-se com um marido mais companheiro e que responda às vontades dela. Quer ter dois filhos, morar em uma casa grande e “de cores claras, com móveis planejados”, com um grande piano, uma sala de música para seus instrumentos (a jovem pretende comprar um órgão e já tem flautas e um violão) e dois carros na garagem. Quer ter apenas filhos homens, porque “menino é bem mais legal do que menina” – embora não saiba explicar por quê, o que pode estar relacionado com a valorização social que se tem da masculinidade ou à representação de que mulheres são mais “chatas”, limitadas e menos interessantes.

Na vida profissional, planeja ser professora universitária na área de Letras, mas explica que irá “para onde Deus quiser”. Para os próximos cinco anos, planeja já estar formada e atuando na área, com uma rotina mais tranquila do que a que leva agora, não tendo

que trabalhar aos sábados e nem estudar à noite. Já para os próximos quinze anos, planeja estar casada e buscando um mestrado ou doutorado.

2.3.3 Igreja Católica

Merida

Nos dias 20 e 28 de janeiro de 2020, me encontrei com Merida na casa dela. A jovem estava chegando em casa após o dia de trabalho, portanto vestia o uniforme: calça branca, camiseta verde com a logo de uma clínica e sapatilha branca. Tem a pele branca, os cabelos ruivos ondulados e volumosos, e os olhos claros, usa esmalte claro nas unhas curtas, e brincos pequenos. Usava maquiagem: rímel, *blush* nas bochechas e um batom claro, e especifica que o cuidado com a imagem é uma exigência por estar o dia todo lidando com pessoas no trabalho, além de ser um reflexo da sua formação como esteticista, sendo uma mulher bastante vaidosa.

A jovem tem 22 anos, mora com os pais na região central de Campo Mourão, onde nasceu e passou toda a vida. Seus pais são comerciários e católicos devotos, de forma que esteve inserida na Igreja Católica desde que nasceu, e desde 2014 frequenta a Fraternidade O Caminho, a qual especifica que é sua “denominação do coração” devido ao carisma que a comunidade lhe evoca, principalmente no trato com as pessoas necessitadas. É coordenadora do Ministério de Dança, sendo esta uma forma de realizar uma paixão de infância, pois dança desde os 5 anos de idade. Está se preparando para assumir um novo cargo com as juventudes carismáticas, no Ministério de Interseção.

Trabalha como secretária em um consultório odontológico, pois o salário lhe permite pagar as contas e mensalidades da nova graduação, Psicologia. Seu maior projeto é abrir uma clínica de estética, visto que já é graduada em Estética e Cosmética desde 2018. Pretende atender pacientes que sofrem de baixa autoestima, depressão ou outros problemas mentais, por acreditar no atendimento integral ao ser humano e que a beleza é uma junção de diversos fatores, não apenas físicos e estéticos, mas principalmente emocionais e espirituais. Observa que a cidade de Campo Mourão é bastante propícia para realizar esses trabalhos, por ter um alto índice de pessoas com transtornos mentais, por isso não pensa em mudar de cidade no futuro.

Quer se casar e ter dois filhos, porém, não pensa nisso em curto prazo, pois seus maiores planos para os próximos anos são: investir nos estudos e na carreira e dedicar-se à Fraternidade, o que acaba lhe consumindo bastante tempo no seu dia a dia. Explica que,

embora a comunidade apoie seus planos e que estar em intimidade com Deus lhe permita uma vida mais feliz, os compromissos e eventos semanais comprometem o tempo que às vezes gostaria de investir em si própria, nos seus estudos e com a sua família. Por outro lado, entende que se trata de uma escolha pessoal, dada a grande importância conferida à sua vida espiritual.

A espiritualidade é um dos temas que pretende abordar na cura da depressão, aliada a terapias alternativas e psicológicas que quer oferecer em sua clínica de estética, para a qual já está economizando recursos. Explica que ser esteticista é uma profissão que exige muitos investimentos, por isso está trabalhando e guardando dinheiro. Além disso, tem a ambição de comprar uma casa e um carro, pois seus pais lhe falam que “filho foi feito para voar”, e ela planeja realizar esse “voo” alcançando sua independência financeira.

Acredita que nos próximos 15 anos já poderá estar casada e, talvez, preparando-se para engravidar, pois quer começar a “constituir família” neste período. Idealiza o casamento não como a realização máxima de uma mulher, mas como um processo de convivência com uma pessoa diferente, uma escolha que permite agregar valor à vida e realizar o dom supremo do amor e do perdão.

Vanellope

As entrevistas com Vanellope aconteceram nos dias 03 e 10 de janeiro de 2020, no apartamento da jovem, a convite dela, após o horário de trabalho (18h). Em ambos os encontros, ela vestia a camiseta de uniforme e shorts curto de pijama, estava descalça e sentada em um colchão no chão. Usa dois escapulários no pescoço: um com a figura de Jesus e outro com a imagem da Virgem Maria, de quem é devota e seguidora. Tem a pele branca e os cabelos pretos na altura do pescoço.

Tem 18 anos, nasceu e cresceu em Campo Mourão. Morava com a mãe e a avó até o início de 2019, e agora mora com duas amigas na região central do município, próximo à Igreja Catedral, a qual frequenta diariamente na missa das 7h. Possui o Ensino Médio completo em nível técnico pelo Colégio SESI, o que a habilita para o exercício de sua profissão: trabalha como professora de robótica e tem renda aproximada de R\$1.100,00 mensais. Ressalta que se sustenta sozinha e não depende do dinheiro da mãe – a qual não aprova as escolhas e planos da filha, principalmente no que se refere à falta de desejo da jovem de cursar uma faculdade. Vanellope diz que passa por uma cobrança muito grande dos familiares e amigos para fazer um curso superior, mas explica que não tem qualquer tipo de vontade e que estudar não a faz feliz; ao mesmo tempo em que sente essa pressão como um

dos piores aspectos de ser uma mulher jovem, pois todas as pessoas se sentem no direito de dizer-lhe o que deve fazer.

Frequenta a Igreja Católica desde que nasceu, junto com sua família, porém, afastou-se por cerca de dois anos depois que fez a crisma, aos 13 anos de idade. Não se arrepende do afastamento, pois considerava-se uma “pré-adolescente com as emoções e hormônios à flor da pele”, que queria dormir até tarde e não ter responsabilidades, ao mesmo tempo em que teve experiências que ajudaram a constituir sua identidade da forma que é hoje. Explica que retornou antes de completar 16 anos, por sentir uma fé verdadeira, e não por influências familiares, pois enfim compreendeu os sonhos de Deus para a sua vida.

Deste então, auxilia nas atividades da Fraternidade O Caminho como colaboradora e voluntária, faz limpeza, ajuda na cozinha, e está sempre à disposição para receber e visitar as freiras. Participa também dos cultos mensais do “dia 12” de cada mês no Santuário Nossa Senhora de Aparecida, e da Fraternidade O Caminho ao menos duas vezes por semana. Está se preparando para assumir votos como freira na referida comunidade, pois desde 2018 recebeu um chamado, participou de orações, orientações e direcionamentos das outras irmãs para cumprir esse propósito.

A decisão de ser freira foi sendo tomada ao longo de dois anos, 2018 e 2019. Vanellope explica que não houve um momento específico, “mas vários sinaizinhos que vieram aos poucos”: frequentava quase que diariamente a casa das irmãs, tinha grande amizade e carinho por todas elas, uma das irmãs era sua diretora espiritual e maior confidente, no dia a dia ouvia apenas as músicas da Fraternidade cantadas pelas irmãs, procurava fotos de freiras nas redes sociais e salvava as imagens, orava a Deus pedindo para participar mais ativamente daquela comunidade religiosa. Em 2019, percebeu que se emocionava e chorava sempre que estava perto de alguma noviça, até que uma das irmãs a chamou para iniciar o vocacionado.

Depois de quase seis meses de preparação, diz que se desviou desse projeto porque sentiu desejos carnavais, quis ter um relacionamento amoroso e experimentar vivências diversas, as quais seriam proibidas caso se dedicasse ao vocacionado. Porém, o namoro acabou no meio de 2019, porque ela percebeu que a única característica em comum com o amado era a fé por Jesus, pois discordavam desde o estilo musical, roupas, até em suas formas de vida e hobbies. O rapaz seguiu o caminho do celibato, e agora Vanellope está tentando lidar com suas questões emocionais e terrenas (por exemplo, o apego aos bens materiais e o desejo sexual) para também cumprir seus votos. Tem ainda uma grande admiração pelo primo mais velho, que em janeiro de 2020 iniciou sua jornada para ser frei.

Vanellope explica que a decisão do primo também não foi bem aceita na família, pois vai contra a ordem natural do que a jovem chama de “esteira do sistema”: “nascer, crescer, estudar, fazer faculdade, arrumar um marido, casar, ter filhos e morrer”. Não seguir este projeto leva os jovens a serem “fuzilados” pelos olhares e julgamentos alheios, o que faz com que muitos aceitem isto sem reclamar, mesmo que não os faça feliz. Para efetivar sua decisão, Vanellope diz que precisa se desapegar das opiniões familiares, especialmente da mãe, entendendo que consegue tomar a decisão daquilo que será melhor para a própria vida, pois ser freira é um direcionamento divino que ela quer aceitar.

2.3.4 Igreja Luterana Livre

Aurora

O primeiro encontro com Aurora ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2020, quando a jovem me recebeu em sua casa, localizada ao lado da Igreja Luterana Livre do bairro Lar Paraná, que é também a denominação frequentada por ela e onde o pai desempenha a função de pastor. Vestia uma camiseta branca, calça jeans clara e sapatilha vermelha. Aurora tem 18 anos, é branca, mourãoense, e mora com os pais e o irmão mais novo. Viveu dos 3 aos 9 anos de idade na cidade de Foz do Iguaçu, devido à transferência do pai para uma nova igreja da mesma denominação.

Seguindo a religião dos pais e avós, Aurora relata nunca ter se afastado ou tido dúvidas de sua fé, seus distanciamentos são físicos, no sentido de viajar para diferentes igrejas, mas busca participar de todos os eventos possíveis pois se sente bem na comunidade. Atualmente, é responsável por abrir e fechar a igreja nos dias de culto, é professora infantil na escola bíblica dominical, participa dos cultos de mulheres e jovens nas quartas e sábados, e também é uma das organizadoras dos encontros de casais que ocorrem a cada três meses. Para o futuro, pretende ser missionária, pois quer viajar entre cidades ou estabelecer residência em Foz do Iguaçu com o atual namorado, não tendo planos de exercer novos cargos.

Cursa Geografia na Universidade Estadual do Paraná, e escolheu esse curso devido à identificação com a matéria no período escolar, considera que é uma disciplina pouco complexa, fácil de entender, e que lhe permitirá seguir a carreira de professora – sonho este incentivado pela mãe desde que Aurora era criança. Possui uma grande admiração pela mãe, que é sua cuidadora e grande amiga. Explica que respeita muito seus pais porque compreende que eles são responsáveis pelo seu cuidado e sustento, pois trabalham e se esforçam para

manter o lar, ainda que haja algumas dificuldades financeiras e a impossibilidade de comprar tudo o que gostariam.

A mãe é do lar, e o pai pastor, tendo rendimento de dois salários mínimos (aproximadamente dois mil reais), considerado insuficiente para as despesas da família, de forma que a jovem está procurando um trabalho para compor a renda da casa. Também pretende economizar algum dinheiro para, em breve, poder se casar. O casamento é um sonho de infância, que se tornou mais próximo agora que tem seu primeiro namorado, um jovem respeitador, “protetor”, que segue os mesmos princípios cristãos de Aurora, e que também tem o objetivo de fortalecer o Ministério Infantil.

Para realizar a segunda entrevista, houve vários empecilhos: a jovem desmarcava os encontros, faltava sem justificativas, não estava em casa nos horários combinados, e enviava mensagens dizendo que não poderia receber a entrevistadora. Chegou a cogitar que a entrevista fosse realizada na presença do pai-pastor, porém, com a negativa e posterior insistência da pesquisadora, bem como com o incentivo da amiga que já havia realizado a entrevista, acabou concordando com o novo encontro, que aconteceu no dia 16 de março de 2020.

Neste, falou mais especificamente sobre seus planos para o futuro: casar-se, ter dois filhos biológicos e um adotivo, ser professora na educação infantil, ser missionária junto com o futuro marido, ter uma casa acolhedora e próxima da família, e provavelmente mudar-se para uma nova cidade. Destaca que não pretende se casar nos próximos dois anos, pois ainda é muito nova, seu relacionamento é recente, e ainda precisa ter um emprego e juntar algum dinheiro antes de começar a vida com outra pessoa. Diz que está no momento de aproveitar sua faculdade e sua família, pois depois do casamento provavelmente se afastará deles porque terá a própria casa em outro lugar.

É a única jovem que aborda o desejo sexual como parte de ter uma vida “sexualmente ativa”. Não utiliza nenhum método anticoncepcional porque não há necessidade, pois não mantém relações sexuais, mas explica que tem desejos e vontades físicas, porém, ela e o namorado estão “se aguardando”, estão esperando, e por isso optaram por fazer outras atividades juntos, como pintura e bordado, pois ainda podem se conhecer e aumentar sua intimidade antes de um envolvimento físico que ambos desejam.

Também quer desenvolver um trabalho de evangelização e trabalho com jovens mulheres, por isso atualmente auxilia a amiga Moana na elaboração de conteúdos para uma página de conselhos no Instagram, e pretende continuar com o estudo bíblico para fortalecer a

autoestima das jovens. Suas publicações exaltam a importância da autoestima e da oração para estarem próximas de Deus e compreenderem Seus planos.

Moana

Nos dias 11 e 23 de fevereiro de 2020, foram realizadas as entrevistas com Moana, mourãoense, negra, de 22 anos, que mora com os pais no Lar Paraná – bairro periférico de Campo Mourão. É formada em Pedagogia e estudou em uma universidade pública, fato que gosta de repetir para enfatizar o orgulho sentido pela família, pois o pai é analfabeto e valoriza muito os estudos. Atualmente cursa uma especialização à distância em Educação Especial Inclusiva, e explica que também deseja fazer mestrado, doutorado, e uma segunda graduação em Psicologia ou em Fisioterapia, pois pretende estar sempre estudando e não parar de se aperfeiçoar.

Na primeira entrevista, Moana estava desempregada, mas no segundo encontro havia sido chamada para assumir um Processo Seletivo Simplificado (PSS) do município, assumindo o cargo de professora de educação infantil dos níveis I e II em duas escolas municipais. Conta que ficou muito feliz, porque a questão financeira sempre a incomodou muito, ela quer contribuir mais em casa, ajudar os pais a se aposentar, e prover melhores condições de vida para eles. Diz que “Deus nunca deixou faltar nada” e que a igreja lhe dá uma nova perspectiva de batalhar por uma vida financeira melhor.

Solteira, Moana diz que nunca namorou, é virgem, e está procurando alguém que não veja isso como uma “chacota”, justificando que nossa sociedade exerce uma pressão muito grande em torno dos relacionamentos amorosos e sexuais, que acabam sendo a grande meta da maioria das pessoas. Para a jovem, o casamento é uma realização entre duas pessoas que possuem objetivos comuns e que tenham responsabilidades, tanto para economizar dinheiro, construir e conquistar bens, quanto para assumir os ministérios na igreja que frequentarão juntos. Moana pretende continuar com seu cargo na instituição e quer desempenhar outras funções, portanto, diz que só aceitará um marido que divida o trabalho com ela, mas que isso não é uma das suas metas de vida, “pode ou não acontecer”.

Atualmente, a jovem é professora dos pré-adolescentes (na faixa etária de 10 e 13 anos), auxilia nos encontros de senhoras às quartas e de jovens aos sábados, e em 2019 assumiu também o cargo de superintendente da escola dominical, o que implica em organizar e conduzir o culto matinal aos domingos, registrar a participação e presença dos membros, bem como acompanhar a atuação dos demais professores. Neste aspecto, faz algumas críticas, diz que as professoras mais antigas são muito teimosas, “mal-agraçadas” e apegadas ao

passado, não aceitam direcionamentos de alguém mais jovem e pensam que o trabalho da jovem é insuficiente, ainda que Moana tenha formação na área de Educação Infantil. Há uma justificativa de que “as coisas são feitas assim há anos”, e o peso da tradição acaba impedindo que se tratem as novas demandas e as crianças cada vez mais hiperativas e agitadas que chegam à igreja.

Por outro lado, Moana diz que desenvolve um trabalho mais “atualizado”, que não se preocupa apenas em seguir a revista bíblica proposta pelos pastores, mas que também conversa com os alunos e levanta temas que eles estão vivenciando e gostariam de conversar, tais como *bullying*, ansiedade, depressão, violência, preconceito e autoestima. Diz que o mundo perfeito seria um lugar com menos pobreza e desigualdade social, e que participar de uma igreja auxilia no desenvolvimento da empatia, da misericórdia, amor ao próximo e compaixão. Explica que esta é uma forma de ser missionária, não se trata apenas de ir para países mais pobres, mas de compreender e agir sobre as necessidades do próprio bairro.

A proximidade com Deus possibilitou à jovem encontrar seus dons, descobrir-se na profissão de docência, e compreender que sua missão de vida é ajudar outros jovens a lidar com suas angústias, mesclando conteúdos de autoajuda e de estudo bíblico. Pretende concluir o Seminário Teológico para aprender mais sobre a Bíblia, sendo que já cursou um ano no início da faculdade e pretende voltar em breve; e atualmente possui uma conta na rede social Instagram® onde posta “frases motivacionais e conselhos para garotas”. Os temas abordados por ela fazem parte de uma reflexão muito pessoal relacionada à autoestima de Moana: por ser mulher, negra e gorda, relata casos de muito preconceito, dentro e fora da igreja, o que contribuiu para que ela sempre fosse muito tímida, solitária e até mesmo triste. Diz que está procurando fazer terapia, que pretende se fortalecer emocional e psicologicamente e que está aprendendo a aceitar e valorizar suas características físicas, pois só assim poderá desenvolver o trabalho de Deus e relacionar-se bem com outras pessoas.

Para o futuro mais próximo, Moana pretende morar sozinha, conhecer novas pessoas, relacionar-se amorosamente, continuar estudando e guardar dinheiro. Nos próximos 15 anos, quer ter a própria casa, um emprego estável (concurso público), casar-se e continuar no ministério. Não pensa em ter filhos devido ao trabalho que já possui com crianças, mas explica que pode mudar de ideia. O mais importante é que já tenha “aprendido a viver melhor sozinha”, para “deixar o passado de lado” e ser uma mulher mais independente e “dona dos próprios desejos”.

2.4 Considerações sobre as denominações religiosas cristãs

Após conhecer brevemente as jovens entrevistadas, destacamos, conforme Berto (2015), a necessidade de um conhecimento histórico sobre as instituições religiosas, no sentido de compreender como e por que elas se organizam de determinada maneira dentro de um contexto específico. Isso se aplica também ao plano individual, pois a crença é vivida em relação com outras experiências e trajetórias desenvolvidas no município de Campo Mourão.

Campo Mourão se localiza na Mesorregião Centro Ocidental do Paraná, sendo um município com 73 anos, de economia predominantemente agrícola, com IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano) de 0,757 e que atualmente vivencia o aumento da população urbana, da expectativa de vida, escolarização e anos de estudo (IPEA, 2013). De acordo com as estimativas do IBGE (2017), possui 94.850 habitantes, dos quais 51,8% são mulheres e 4,5% possuem entre 18 e 22 anos. Quanto à religião, trata-se de um município de maioria católica (69,4% da população), com 23,8% de evangélicos¹², 0,8% de espíritas e 6% de pessoas que não declararam uma religião.

Além da religiosidade presente nos espaços públicos da cidade, como praças batizadas com o nome de santos, livrarias e instituições de ensino com vínculo religioso, grandes igrejas e realização de eventos religiosos nesses espaços públicos (BONINI; MEZZOMO; MEZZOMO, 2012), Campo Mourão é também um polo agrícola, sendo a sede da terceira maior cooperativa mundial e maior cooperativa do Brasil (a COAMO), tem mais de 31,6% da população ocupada, rendimento mensal médio de 2,5 salários mínimos e crescimento no setor de serviços. Ganha destaque também a existência de duas grandes universidades públicas – a Universidade Estadual do Paraná – Unespar e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR –, além de faculdades privadas, que dão um caráter educacional à cidade e aumentam a chamada população flutuante, que vive no município para estudar.

Em pesquisa realizada no município, Bonini, Mezzomo e Mezzomo (2012) observaram uma pluralidade de instituições religiosas que coexistem pacificamente, o que pode indicar certo equilíbrio ou certa indiferença no convívio, embora cada denominação possua seus pontos doutrinários e rituais específicos. Nesse sentido, o campo religioso é diversificado, há um alto número de igrejas e templos de uma mesma denominação, o

¹² Cabe lembrar que há uma imensa e variada gama de igrejas evangélicas na atualidade (FERREIRA, 2012; PIERUCCI, 2004; HERVIEU-LÉGER, 2015). De acordo com o IBGE (2017), as maiores denominações evangélicas no Brasil são: Assembleia de Deus, que conta com mais de 12,3 milhões de fiéis; Igreja Batista, com 3,7 milhões de fiéis; Congregação Cristã do Brasil (2,3mi de fiéis); Igreja Universal do Reino de Deus (1,9 mi de fiéis); Igreja Pentecostal do Evangelho Quadrangular (1,8 mi) e Adventistas do Sétimo Dia (1,5 mi de fiéis). As comunidades com as quais trabalhamos – Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Luteranos – representam, respectivamente, 6,5%, 1,2% e 0,5% da população religiosa no país.

desmembramento de instituições em diferentes bairros, e a flexibilidade que permite a intensa circulação de fiéis.

É por considerar esses fatores que nossa pesquisa é relevante, pois nos auxilia na compreensão de parte dos habitantes do município. Entretanto, como nosso foco está nas próprias entrevistadas e em suas trajetórias de vida, optamos por não caracterizar com maiores detalhes as denominações de que participam, mas apenas citá-las, a saber: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Católica e Igreja Luterana Livre.

Cabe retomar ainda que estamos trabalhando exclusivamente com religiões de matriz cristã e que, buscando a diversidade de materiais e possibilidades, optamos por estudar duas religiões consideradas tradicionais e duas de vertente pentecostal.

De acordo com Pierucci (2004), o catolicismo, o judaísmo, o luteranismo e a umbanda são as quatro principais religiões classificadas no Ocidente como “tradicionais”, ainda que divergentes entre si, visto que se baseiam em experiências profundas de espiritualidade desassociadas das mazelas sociais e que possuem uma longa tradição. As três primeiras partem de uma mesma narrativa baseada na Bíblia Sagrada, porém, separam-se em suas interpretações, sendo que os judeus não acreditam na existência do messias (Jesus Cristo) e, portanto, no Novo Testamento; os católicos surgiram por volta do ano 30 d.C. com os Padres Apostólicos; e os luteranos separaram-se dos católicos em 1517 quando Martinho Lutero criticou as indulgências e adoração aos santos. Guerriero (2009) explica tais vertentes como práticas antigas e mais disseminadas na sociedade, sendo que possuem muitos séculos de elaboração e influenciaram um maior número de pessoas em diversos momentos históricos – relacionados àquilo que já identificamos como o conceito de religião no primeiro capítulo. Por outro lado, mesmo as práticas mais tradicionais se adaptam às contingências históricas, o que também explica sua durabilidade e transmissão.

Já as religiões não tradicionais apresentam outra concepção religiosa, a qual também é semelhante entre si, conforme se observam em manifestações como a Congregação Cristã, Assembleia de Deus, Igreja Batista, Metodistas, entre outras, classificadas como pentecostais ou neopentecostais porque são manifestações relativamente recentes e estão relacionadas aos movimentos de renovação do cristianismo, sobretudo a partir do final do século XIX. Enquanto as religiões tradicionais possuem um caráter mais social, com tentativas de alcance global, as religiões pentecostais dão ênfase às experiências individuais, por meio de festas como o batismo. Há ainda uma maior ligação com os problemas sociais e com as camadas mais populares, que podem ter vivências pessoais e diretas com a divindade.

Segundo Mariano (2005), diversos fatores têm contribuído para o crescimento das vertentes pentecostais no país, entre eles a garantia de liberdade religiosa, a laicidade estatal e a separação, no plano jurídico, entre Igreja e Estado, a desigualdade social e o aumento da pobreza e da violência, que fazem ganhar força as religiões voltadas para a salvação dos pobres e sofredores. Não se trata meramente de uma narrativa de conformação com o sofrimento, mas de entendimento das mazelas sociais e busca por conforto espiritual. Há ainda, nas cidades interioranas, uma tendência a formar comunidades ou congregações menores, em que as pessoas vivem no mesmo bairro, se conhecem e compartilham crenças, valores e estilos de vida, o que fortalece as redes de sociabilidade da denominação e facilita seu crescimento.

* * *

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos da investigação, que julgamos adequados para cumprir os objetivos propostos frente ao referencial teórico utilizado. Discorreremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta dos dados, sendo a entrevista semiestruturada realizada com 10 mulheres na faixa etária entre 18 e 22 anos, que frequentam assiduamente quatro comunidades religiosas cristãs no município de Campo Mourão. Esperamos que, ao longo dos tópicos, os leitores possam compreender qual o percurso adotado, de que maneira os dados serão realizados, e quais motivos nos levaram a organizar a pesquisa desta forma.

Também fizemos a apresentação das entrevistadas, para que o leitor possa conhecê-las em seus aspectos mais gerais e assim proceder com a leitura dos seus projetos de vida. Entendemos que as identidades são fatores constituintes e/ou organizadores dos planos futuros, e que dão indícios da presença da religião nas histórias individuais, contextualizando as possibilidades, interpretações e escolhas de cada jovem.

CAPÍTULO 3

IDENTIDADES, RELIGIOSIDADES E PROJETOS DE VIDA

Se até aqui apresentamos os conceitos, teorias e procedimentos metodológicos que nos permitiram organizar e realizar o contato com as jovens, cabe agora mostrar como procuramos articular às falas das entrevistadas. Para tanto, neste capítulo apresentamos a análise dos dados, visando responder de maneira mais completa o problema da pesquisa, sobre como as jovens mulheres elaboram seus projetos de vida tendo em vista as influências da religião da qual participam.

Utilizando nossas experiências e as questões que propusemos nas entrevistas, aliadas ao objetivo da pesquisa – de identificar as possíveis articulações ou influências da religião nos projetos de vida de jovens mulheres que participam de comunidades religiosas cristãs no município de Campo Mourão – definimos dois eixos de análise, a partir dos quais organizamos as discussões do presente capítulo: 1) identidades e trajetórias religiosas e 2) projetos de vida, sendo que cada um deles é aprofundado em subtópicos, visando criar um panorama mais completo e complexo das relações e análises estabelecidas.

No primeiro eixo, intitulado “Ser uma jovem mulher religiosa”, há uma subdivisão: primeiro, contemplamos os aspectos relacionados à criação e desenvolvimento pessoal das entrevistadas, que culminam nos posicionamentos expressos durante sua juventude, destacando as relações familiares e os papéis específicos atribuídos a homens e mulheres em casa e na sociedade, além das experiências de transgressão do que se espera do feminino. Por segundo, citamos especificamente as trajetórias religiosas, destacando os períodos de afastamento durante a adolescência, a fé genuína encontrada fora das exigências familiares, e as relações estabelecidas pelas jovens entre fé e saúde mental.

Abordamos primeiro a identidade porque, como definimos no referencial teórico a partir de Velho (2003) e Corazza (2002), a história individual e os elementos culturais e sociais que compõem a vida de um indivíduo, além da relação com as outras pessoas e a trajetória religiosa, auxiliam na compreensão de quem o indivíduo é, de como pensa e como sua personalidade foi formada. E, por se tratar de jovens religiosas, entendemos e percebemos que a religião está presente nas experiências individuais e familiares, separando o grupo que se identifica como religioso (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000). Logo, pertencimento e vínculo são elementos que, junto à família, educação e trabalho, compõem as identidades (PÁTARO; MEZZOMO, 2018).

Assim chegamos ao segundo eixo, específico sobre os projetos de vida e intitulado “Ser uma mulher que planeja seu futuro”, no qual as jovens abordam seus planos e as ações percebidas como necessárias para realizá-los. Considerando a recorrência dos temas, abrimos dois subtópicos sobre os projetos de trabalho e constituição de família, e um terceiro subtópico relacionado à percepção das influências, religiosas ou não, em tais projetos. Nove entrevistadas apresentam planos de escolarização e busca por um emprego melhor, além de uma profissão desejada, esta relacionada às histórias individuais e experiências sociais e familiares de valorização dos estudos e da necessidade de se sustentar no mundo, encontrando um emprego com renda suficiente para melhorar a qualidade de vida. Além disso, oito jovens apresentam planos de se casar, sendo que a constituição de uma família é relevante para realizar o que compreendem como parte dos “planos divinos” e para dar continuidade às atividades desenvolvidas na igreja.

A identificação dos eixos de análise é decorrente de duas estratégias ou abordagens metodológicas: 1) a complexidade (MORIN, 2005), que aqui se expressa principalmente pelos princípios dialógico e hologramático, os quais permitiram, respectivamente, visualizar a multiplicidade de pensamentos, ambiguidades, contradições e simultaneidades, e os modos de assimilação e problematização das práticas e crenças religiosas; e 2) a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), que, a partir da leitura exaustiva dos protocolos das entrevistas, permitiu identificar temáticas recorrentes nas compreensões das jovens. Concordamos ainda com a fala de Veiga-Neto (2002), sobre o pesquisador ser parte daquilo que pesquisa, porque seu olhar e sua subjetividade compõem o problema e direcionam as possibilidades de resposta. Passaremos, a seguir, à apresentação e discussão de nossos dados.

3.1 Ser uma jovem mulher religiosa

Este eixo está relacionado às identidades e trajetórias religiosas das jovens entrevistadas, o que se liga aos dois primeiros objetivos específicos da pesquisa, a saber: investigar as características de identidade de jovens mulheres cristãs, visando compreender de que forma a dimensão religiosa se articula aos valores e identidades dessas jovens; e examinar as experiências e trajetórias dessas mulheres nas comunidades religiosas de que participam.

Para cumprir estes objetivos, consideramos aspectos como rotina diária e compreensão do dia a dia feminino, a partir dos quais foi possível identificar violências e machismos sofridos no cotidiano. Retomamos os conceitos e autores citados no Capítulo 1, no qual destacamos que a compreensão das juventudes femininas passa pelo recorte etário

(ABRAMO; BRANCO, 2008; LEITE, 2015) e pela categoria de gênero (FURLIN, 2014), que geram implicações para as formas de vida, socialização, educação e constituição do eu.

Abordamos então as discussões sobre as juventudes, como os melhores e piores aspectos dessa etapa da vida, conflitos geracionais, admiração e identificações projetivas; o que culminou em diferenças significativas no relacionamento com figuras masculinas/paternas e femininas/maternas, sendo as primeiras geralmente vistas como fonte de opressão e autoridade e as segundas como fonte de motivação e valorização dos estudos. As jovens também abordaram seu sentimento sobre o *ser mulher*, a partir das características e potencialidades do gênero, o que nos permitiu discutir representatividade e identificação a partir das Teorias Feministas, Sociologia e os estudos de Psicologia do Desenvolvimento e da Família.

No referencial teórico, destacamos a existência das abordagens geracionais, classistas, de gênero e ainda o recorte racial, o que implica dizer que os estudos sobre as juventudes devem possuir um viés interseccional. Em nossas entrevistas, 4 jovens se identificam como negras e pardas, e estas são também as jovens advindas de famílias mais pobres, embora todas as entrevistadas sejam de classe social mais baixa. Tais dados nos permitem caracterizar as jovens e compreender que suas vivências e experiências são complexas e socialmente situadas.

A família é vista ainda como espaço de introdução à religiosidade, sendo este o tema do segundo subtópico, no qual abordamos as dúvidas e questionamentos das jovens, suas relações com a religião de que participam, e os momentos nos quais elas desenvolveram a chamada “fé verdadeira”, vista como um encontro genuíno com a divindade a partir do qual houve mudanças significativas nas suas vidas. Tais questões são relevantes na medida em que permitem compreender quem são as jovens da pesquisa, como elas se identificam e como percebem a religião como espaço de socialização, de cuidado e de desenvolvimento de dons e capacidades individuais.

3.1.1 Uma criação machista e os conflitos geracionais

O primeiro elemento a ser considerado é a caracterização das entrevistadas. Se já trouxemos, no capítulo anterior, uma descrição sobre as jovens, destacando aspectos objetivos da vida de cada uma, agora trazemos análises sobre suas características de personalidade e constituição das identidades, destacando aspectos relevantes. As identidades se constituem a partir de experiências individuais, familiares, sociais e culturais, sentimentos, crenças, valores e elementos como raça, classe social, gênero e etnia. Tais fatores interagem na criação de

significados que são individuais e também coletivos, pois, conforme explica Woodward (2000), cada sujeito assume determinada posição frente às demais pessoas, aos grupos de que participa e ao contexto.

Compreender as identidades é entender um processo de formação individual que repercute na vida social ao mesmo tempo em que se retroalimenta desta (MORIN, 2005), pois pressupõe a existência do indivíduo, que se relaciona com a espécie, com a sociedade e com sua dimensão afetiva e cognitiva (MORIN, 2003). Cabe ainda considerá-las em uma sociedade patriarcal e heteronormativa, na qual “os homens [sexo masculino] tendem a [assumir] posições-de-sujeito para as mulheres, tomando a si próprios como pontos de referência” (WOODWARD, 2000, p. 10). Isso significa que há um padrão identitário, norma pressuposta e composta por homens brancos heterossexuais, mais especificamente cristãos, urbanos e de classe média, que embasam e orientam a criação e o desenvolvimento dos demais (LOURO, 2008).

Neste sentido, uma das temáticas que chamou atenção – desde a apresentação das participantes, realizada no Capítulo 2 – foi a criação das jovens, que aparece como fator de influência tanto para a constituição das identidades quanto para almejar uma vida diferente (projeto), na qual possuam mais liberdade e independência. Todas as entrevistadas concordam ainda que há uma grande pressão sobre elas, colocada pelas pessoas da geração anterior, em especial pais, avós e outros responsáveis. Ligado aos conflitos geracionais e de gênero, começamos a entender a maneira pela qual as entrevistadas vivenciam sua juventude, sendo esta bastante ligada à busca pela novidade e pelo diferente, ao mesmo tempo em que há uma necessidade de afirmar-se enquanto mulher em uma sociedade percebida como machista, e que tem representantes desse machismo dentro das próprias famílias.

Desta forma, as questões de gênero aparecem com mais frequência nas falas que abordam a relação com o pai, na qual os comportamentos repressivos se expressam inicialmente na distribuição desigual das tarefas domésticas e abrangem a tentativa de controle do trabalho e estudo das jovens. Oliveira, Queiroz e Diniz (2020) explicam que existe uma divisão sexual que atinge os espaços privados e públicos, incluindo o âmbito familiar, de forma que as atividades da casa são atribuídas às mulheres, ainda que os homens dividam e convivam neste mesmo espaço. Desta forma, as mulheres tendem a trabalhar semanalmente 18,5 horas em casa, enquanto os homens dedicam cerca de 10,4 horas a este trabalho (IBGE, 2019).

Há justificativas dadas pelos homens para essa desigualdade, como o cansaço, a falta de coordenação, a inaptidão para o cuidado e a limpeza, ou o fato de as mulheres serem

naturalmente mais atenciosas ou preocupadas com a casa (SILVA; PARRIÃO, 2020); porém, Butler (2015) e hooks (2020) explicam que o ideal de feminilidade é socialmente construído. Ainda assim, o machismo se disfarça de proteção e, pouco a pouco, pode tornar-se repressão ou trazer elementos que podemos considerar como repressivos, conforme entendimento das próprias entrevistadas.

Observamos isso em Esmeralda (AD), que diz que seu pai é um “obstáculo”, pois não acha aceitável, por exemplo, que a filha vá estudar e viver longe dele e da família. A jovem explica que o pai “vem de uma família muito tradicional”, pois o avô era “bem sistemático e autoritário, bem militar”, por isso criou a filha sem chorar ou demonstrar carinho. De maneira semelhante, Mulan (CCB) descreve o pai como “carrasco, meio ignorante” e alguém de quem ela não gostaria de ter herdado genes. Ambas se consideram “muito reprimidas”. Já Esmeralda (AD) justifica que seu pai é apenas “protetor demais”, inclusive quando a impede de sair de casa para ver as amigas. Há uma contradição ou uma tentativa de encontrar justificativas para as ações paternas, o que hooks (2020) entende como forma de naturalizar e perpetuar as diferenças sexuais, ao mesmo tempo em que se percebe que elas são limitantes.

A Psicologia busca explicações para as relações parentais e o desenvolvimento dos sujeitos no âmbito familiar, considerando que a família é o primeiro espaço de socialização e aprendizagem (WINNICOTT, 1983). Freud (1910) postulou, no início do século XX, que as filhas tendem a se aproximar dos pais (homens), especialmente no período da adolescência, enquanto os filhos se aproximam das mães, ainda na primeira infância. Isso se deve ao fato de haver uma admiração pelas características que ambos (meninos e meninas) considerariam desejáveis em seus futuros parceiros sexuais. Além disso, as mães são vistas pela psicanálise como o primeiro amor de todas as crianças, visto que promovem sua alimentação, primeiras experiências, cuidado e afeto desde a gestação, e o pai se insere nesta relação somente após os primeiros meses de vida da criança, quando passa a figurar como lei ou autoridade que barra a relação extremamente apegada entre mãe-bebê.

Para as entrevistadas, tanto a figura paterna quanto a materna estão relacionadas à manutenção das tradições, o que difere do encontrado na literatura, pois autores como Miguens (2018), Silva (2017) e Tenchena (2016) analisaram que são as mulheres geralmente responsáveis por perpetuar ensinamentos, ritos e acontecimentos religiosos e por apresentar os filhos às crenças familiares, enquanto as figuras masculinas estão mais ausentes nesse processo. As jovens entrevistadas nesta pesquisa explicam que ambos os genitores as incentivam e foram responsáveis por as levarem à igreja, embora, concordando com as teses, as mães sejam figura de destaque e mais influência devido às cobranças que fazem e ao

respeito que impõem: Aurora (ILL) define a mãe como “a mulher que me educa, me ensina e está sempre comigo”, e Esmeralda (AD) diz que a mãe “era sempre bem rígida”, não permitia que a filha se afastasse da igreja e a obrigava a participar até que a filha escolheu ir por si própria.

Atualmente, verificamos mudanças na parentalidade e no papel de pais e mães na criação dos filhos e filhas, devido à entrada da mulher no mercado de trabalho, à existência de métodos contraceptivos, expansão dos projetos e objetivos existenciais das pessoas para além da constituição de uma família, possibilidade do divórcio, entre outros fatores (hooks, 2020). Neste sentido, Oliveira (2020) observou que, quanto mais os homens envolvem-se na dinâmica familiar e doméstica, em termos de disponibilidade, presença, cuidado e disciplina, mais comportamentos considerados positivos são internalizados pelas crianças e mantidos ao longo da vida, como a valorização do trabalho e dos estudos e a possibilidade de se aprofundar nos relacionamentos experienciados na vida adulta.

Em nossa pesquisa, o pai recebe certo reconhecimento apenas nas falas de Merida (IL) e Moana (ILL), sendo que a primeira explica que o pai sempre apoiou os sonhos dela de estudar e buscar uma profissão, e a segunda diz que o pai investiu muito na formação dela, seja acadêmica ou de caráter, pois ele próprio é analfabeto e queria uma vida diferente para a filha. Diferente das demais jovens, que veem as figuras masculinas como pouco interessadas, muito exigentes e autoritárias, Merida (IC) e Moana (ILL) abordam o paterno como fonte de cuidado, proteção e incentivo, sendo estes fundamentais para a motivação nos estudos e para a busca de uma vida melhor.

Já a relação com a mãe é mais significativa como fator de proteção e identificação. Tiana (AD) explica que a mãe foi sua primeira referência, tanto porque a criou quanto por lhe ensinar coisas e por incentivá-la a buscar mais conforto e qualidade de vida. No mesmo sentido, Esmeralda (AD) define o relacionamento com a mãe como a “coisa mais importante” da sua vida, pois ambas compartilham experiências e aprendizagens, foi a mãe quem lhe apresentou Deus, a liberdade, e a possibilidade de viver determinadas situações e sentimentos positivos. As mães parecem exigir das filhas certa responsabilidade no que se refere à dedicação aos estudos e ao trabalho, para que pouco a pouco tornem-se independentes; diferente do que se entende dos pais, pois as cobranças deles são vistas como repressão e não como ensinamento. Isso se observa, por exemplo, na fala de Mulan (CCB), pois o padrasto não gosta que ela utilize o carro da família para sair e tanto ele quanto a mãe acabam fixando horários específicos para chegar em casa, então a mãe pede para que a filha poupe dinheiro e compre o próprio automóvel para poder organizar a própria rotina.

Se, por um lado, como diz Tenchena (2016), as mulheres são responsáveis por preservar as tradições, por outro elas também são a chave de mudança e de abertura para novas concepções. No caso de Esmeralda (AD), observamos que há uma transgressão à autoridade paterna, que começou com a própria mãe, pois, quando o pai exigiu que esta não estudasse, pois poderia sustentá-la, ela “não escutou”, resolveu fazer faculdade e passou em um concurso público – sendo que este emprego garante os rendimentos da família. Baseada no exemplo materno, a jovem resolve estudar e “aproveitar bem a vida”, ter uma profissão que a faça se destacar e não depender de homem algum para seu sustento. bell hooks (2013) explica que o fazer educativo, seja no âmbito escolar ou familiar, é fundamental para a autonomia dos sujeitos sociais, para transgredir as estruturas hierárquicas impostas. O que a autora propõe é que haja uma percepção crítica da realidade e que se possibilite às pessoas, principalmente as mulheres, buscar o próprio bem-estar e produzir resistência frente à ordem social imposta. Percebe-se que, para as jovens desta pesquisa, o trabalho está associado à independência, pois possibilita uma “saída” para o mundo, uma forma de criar novas experiências e vencer a timidez e a repressão do lar.

Mulan (CCB) parece ser a única que destoa deste pensamento, pois caracteriza como “falta de sorte” o fato de a mulher ter que sustentar a casa, quando o futuro ideal seria ter um marido que fizesse isso por ela. Por outro lado, não fica claro se esta é uma opinião que se aplica a ela própria, visto que a jovem tem planos de continuar estudando e passar em um concurso público, ou se é apenas uma consideração feita a partir da realidade e do contexto próprio da avó e da mãe, da forma como elas são vistas socialmente: a primeira precisa sustentar o marido porque este fez inúmeras dívidas e atualmente está paraplégico, e a segunda se divorciou e hoje está no segundo casamento, mas o primeiro marido sequer paga a pensão das filhas e é ausente na criação destas. A partir das reflexões de Butler (2015) e Foucault (2015), podemos analisar que, tradicionalmente, em uma perspectiva androcêntrica e compartilhada por grande parte da sociedade, espera-se que o homem sustente a casa, enquanto às mulheres cabe o cuidado doméstico e com os filhos. A representação social e os papéis de gênero destinam aos homens uma vida pública, e às mulheres a vida privada/doméstica; mas isso contrasta com a realidade da maioria das famílias brasileiras, sobretudo de classes populares, que são chefiadas por mulheres, principalmente devido à ausência ou negligência dos homens/pais (CAVENAGHI; ALVES, 2018).

De acordo com Cavenaghi e Alves (2018), a chefia feminina nas casas aumentou de 10% para 40% entre 1970 e 2010, e em 2018 chegou a 45% dos lares brasileiros, em parte porque as mulheres têm cada vez mais acesso ao mercado de trabalho e podem contribuir nas

despesas da casa, ou porque se trata de famílias monoparentais, nas quais o homem/pai não está presente. As autoras discutem ainda que as mulheres são a maioria nos empregos registrados, devido ao aumento da sua escolaridade e especialização, de forma que possuem mais segurança financeira e auxílio previdenciário.

Quanto à escolarização, nossos dados corroboram a pesquisa de Melo (2019) sobre o aumento da instrução feminina, visto que a maioria (9 das 10 jovens) está cursando ou já concluiu o curso superior. O estudo é visto como oportunidade de melhorar a condição financeira, pois permitiria a inserção em um emprego com salário melhor, embora as jovens reconheçam que isso depende também do próprio mercado de trabalho e da abertura dada aos jovens neste espaço. Outras reflexões sobre esse tema podem ser encontradas no tópico sobre os projetos de vida, mais adiante.

De maneira geral, as jovens relatam uma identidade marcada pelas relações familiares, com aproximação das figuras parentais, em especial das mães, e nas quais há sentimentos complexos e até mesmo contraditórios, na medida em que pais e mães inspiram confiança, cuidado, exemplo, mas também limitações, autoridade e críticas. Há então a tentativa de diferenciar-se, revelando mais um aspecto próprio da juventude: a rebeldia e a contestação (ERIKSON, 1976), por meio da observação atenciosa e de um exame crítico dos acontecimentos e experiências, tal como na citação abaixo:

[...] eu gosto muito de observar, porque parece que quando a gente está observando, a gente tá pegando o que é a essência das coisas. [...] Às vezes, quando for mais velha, já vou ter alguma ideia ou crítica construída; e quando era criança, ainda não conseguia entender a profundidade da vida. Nesta idade que estou agora, consigo observar o que já aprendi e o que ainda vou aprender (ESMERALDA, AD. **Entrevista**, 2020).

Há uma diferenciação entre juventude, infância e vida adulta, sendo que a ideia de ser “adulto” está relacionada a ter menos flexibilidade e ser mais sistemático nas opiniões e posicionamentos. Já o ser jovem constitui um momento privilegiado do desenvolvimento. Para Jasmine (AD) e Merida (IC), significa “ter pique” para fazer as coisas, logo, dizem que sentir cansaço ou desânimo “não são estados normais” em alguém da sua idade. Merida (IC) também acredita que o jovem tem entusiasmo para “ir atrás dos seus sonhos”, tal como Moana (ILL), que aborda que os jovens têm ânimo para “sonhar, buscar, planejar as coisas e ir atrás”, tendo a chance de mudar o mundo. Essa busca por mudança pode indicar o descontentamento com o estado atual das coisas, sobretudo em uma sociedade globalizada e

fragmentada que pode inclusive colaborar para a fragmentação do próprio sujeito (BAUMAN, 2001).

No Brasil, cada vez mais os jovens têm assumido protagonismo e engajamento social e político, por meio de grupos e organizações juvenis que reivindicam demandas e organizam manifestações sociopolíticas relacionadas ao cotidiano, violência, solidariedade e causas sociais, trabalho, sexualidade, entre outros temas (PÁTARO; MEZZOMO, 2018). Na visão de Abramo e Branco (2008), trata-se de uma geração politicamente engajada que tem a convicção de que pode mudar o mundo.

Nos aspectos descritos até aqui, observamos duas nuances: a primeira relacionada às questões próprias do gênero, com aquilo que a geração mais conservadora entende como papel ou possibilidades de homens e mulheres; e a segunda relacionada ao embate de ideias e comportamentos que são próprios de cada geração, no seu contexto social e histórico, no sentido de busca pela independência e diferenciação da geração anterior. De acordo com a entrevistada Tiana (AD):

[...] os mais velhos colocam uma grande pressão sobre nós. Por exemplo: os meus pais, mesmo sem querer, têm um futuro programado, e na mentalidade deles a gente tem que seguir aquilo, e talvez aquilo que eles querem que eu viva não é o que eu quero fazer para a minha vida (TIANA, AD. **Entrevista**, 2020).

Para as jovens, o entendimento da juventude perpassa a organização pessoal, definição de objetivos de vida, entrada no mercado de trabalho, conclusão da faculdade ou realização de uma especialização, e obtenção de relativa independência, especialmente no âmbito financeiro – elementos que se aproximam do teorizado por Abramo e Branco (2008), Damon (2009) e Leite (2015). As expectativas sociais depositadas nos jovens são fundamentais para entender as juventudes (MATAREZIO FILHO, 2015), pois os jovens questionam as gerações anteriores, mas também repetem algumas de suas características, pois sua principal referência é este “mundo adulto” que em breve vão acessar (PAIS, 1993).

Uma das maiores dificuldades parecer ser a necessidade de tomar decisões, pois as jovens entendem que as escolhas feitas neste momento terão repercussão por muito tempo.

[...] eu preciso tomar vergonha na cara e começar a aceitar minhas próprias decisões, e é muito difícil [...] porque a gente vive numa sociedade cheia de pessoas que querem nos influenciar, [...] porque quando você vive a decisão do outro, nunca vai conseguir ser feliz. E a gente está aqui pra ser feliz, não pra seguir as opiniões da nossa mãe (VANELLOPE, IC. **Entrevista**, 2020).

Porém, cabe considerar que a fala de Vanellope (IC) se orienta também pelo fato de a jovem não viver mais com os pais, e sim com algumas amigas, o que lhe confere maior liberdade e possibilidade de fazer escolhas. Morar em uma “república” no centro da cidade foi uma tentativa de se livrar do controle da mãe, que lhe fazia muitas exigências de trabalho e estudo. Já Tiana (AD) mora sozinha, e explica que a decisão de sair da casa dos pais-avós se deu pela necessidade de evitar conflitos com eles, que possuem “uma mentalidade totalmente fechada” e “muito machista”, ao passo que ela se define como “uma pessoa de muita opinião”, o que causava divergências na forma de pensar e conceber a vida. Viver em conflito com seus responsáveis a fazia ficar “muito mal espiritualmente”, pois contrariava um dos dez mandamentos divinos: “Honrar pai e mãe” (Êxodo, 20:12), mas a mudança fez com que a relação entre eles melhorasse.

Jasmine, também assembleiana, mora com o marido no mesmo terreno da avó; e as demais jovens ainda vivem com pai e mãe, o que exige delas certa submissão às exigências deles. Como explica Aurora (ILL), “os pais têm responsabilidade sobre nós, a gente não é livre pra fazer tudo o que quer, [...] porque a gente mora na casa deles”, depende deles para fazer compras, se alimentar etc. Destaca ainda que não se pode ser impaciente ou desrespeitosa, mas entender que se trata de uma condição provisória, pois o objetivo é que todas saiam de casa quando se casarem ou quando tiverem condições financeiras para tal. Essa perspectiva reforça o conceito de “jovens cangurus”, que são aqueles maiores de 20 anos, que já trabalham e que ainda vivem com a família (MULLER, 2018). De acordo com o IBGE (2019), essa é uma parcela cada vez maior da população, que compunha menos de 20% dos jovens até os anos 2000, e hoje chega a mais de 28%, sobretudo devido à dificuldade de alcançar a tão sonhada estabilidade financeira. O motivo para sair do “ninho” familiar passa a ser o casamento, pois os jovens entendem que devem procurar sua própria casa apenas a partir do momento em que formam sua própria família.

Para Kervalt (2019), há uma preocupação maior com o conforto, e os jovens acabam adiando a saída da casa dos pais porque nela possuem suas necessidades satisfeitas. Além disso, o autor analisa a relação que possuem com os pais, pois quanto mais liberdade e respeito possuem, menor a vontade de buscar outra residência. Nossa pesquisa identifica dados semelhantes, pois as jovens que mais desejam se casar ou sair da casa dos pais são aquelas que relatam ter maiores conflitos com eles: Vanellope (IC), que mora com amigas para conviver menos com a mãe, Tiana (AD), que mora sozinha para evitar conflitos com os avós, e Anna (CCB), que planeja morar sozinha para ter mais liberdade e parar de trabalhar na padaria da família.

As exigências do mercado de trabalho, que podem ser entendidas como fator para que as jovens continuem a viver na casa dos pais (KERVALT, 2019; MULLER, 2018), também são percebidas pelas jovens como espaço de conflito entre gerações, pois muitas vezes não se trata de uma real necessidade do cargo, mas de um espaço de disputa de poder no qual os trabalhadores mais antigos tendem a desvalorizar ou negar a presença dos mais jovens. Embora haja um entendimento sobre as dificuldades e características próprias do mercado de trabalho contemporâneo, que a cada dia exige mais especialização e estudo (SENNETT, 2009), as jovens criticam o alto nível de exigência, por exemplo, quando Merida (IC) fala sobre a dificuldade de se inserir na sua área de formação porque lhe é exigida uma experiência que ela não consegue ter, justamente porque não lhe dão uma primeira oportunidade. Já para Cinderela (CCB) e Moana (ILL), há o problema de “não ser escutada”, pois os adultos tendem a desvalorizar aquilo que os jovens falam e a considerá-los inexperientes.

Percebemos que os conflitos geracionais estão relacionados principalmente às novas formas de trabalho, pois os pais tendem a valorizar a estabilidade financeira por meio de empregos registrados, enquanto as jovens procuram novas experiências, inclusive nas redes sociais. Isso pode ser observado em Anna (CCB), que contrariou as expectativas parentais de que ela fosse efetivada em uma cooperativa multinacional da qual foi Jovem Aprendiz¹³ dos 15 aos 19 anos de idade. A jovem explica que os “caminhos que falaram para ela ir” são “caminhos que outros traçaram”, mais estáveis e que exigem menos esforço pessoal, porém, ela não quer deixar de se aperfeiçoar e de traçar os próprios planos. Por outro lado, embora critique a “busca de estabilidade” que os pais tanto valorizam, ela também pretende prestar um concurso público na Petrobrás¹⁴ – e, como explicam Sousa e Colauto (2020) e Sennett (2009), os concursos têm como principal vantagem a estabilidade financeira e de empregabilidade. Logo, podemos entender que não se trata de rejeitar a estabilidade que os pais tanto buscam, mas de se diferenciar deles e de buscar o próprio projeto.

¹³ O Programa “Jovem Aprendiz” ou “Aprendiz Legal” é uma política pública regulamentada pela Lei da Aprendizagem (Lei n. 10.097 de 2000), que estabelece que empresas de grande e médio porte devem contratar aprendizes, que seriam adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos de idade. Concomitante ao emprego, os jovens aprendizes devem estar cursando o ensino básico em contraturno, e em um dos dias da semana não se dirigem à empresa, mas a um curso teórico na sua área de trabalho (CIEE, 2021).

¹⁴ A Petrobrás surgiu como empresa estatal da área de energia, e atualmente é uma sociedade anônima de capital aberto integrada à indústria de petróleo, gás natural, energia e óleo. Possui 13 refinarias no Brasil e 107 plataformas com produção aproximada de 2,77 bilhões de barris de óleo por dia. Para trabalhar na empresa, há a possibilidade de candidatar-se para estágio, programa de Jovem Aprendiz, ou prestar um processo seletivo público (concurso).

A dedicação, esforço e empenho de tempo e recursos para realização dos empreendimentos pessoais e investimento na carreira são características dos jovens (SENNETT, 2009; SOUSA; COLAUTO, 2020), retomando o fato de que a juventude brasileira se define como trabalhadora (ABRAMO; BRANCO, 2008). Já sob o viés da classe social, observamos que os jovens de classes mais baixas tendem a se inserir no mercado de trabalho mais precocemente, ainda que de maneira informal, para contribuir com a renda familiar (PAIS, 1993). Este é o caso de todas as jovens entrevistadas nesta pesquisa, das quais apenas Aurora (ILL) não trabalha, mas está procurando um emprego.

O trabalho é fonte de identificação e de expressão da identidade (OLIVEIRA JÚNIOR, 2020), porém, sua escolha também é orientada por características familiares, experiências pessoais e estereótipos de gênero (COSTA, 2015; LIMA et al., 2017), vide o fato de nossas entrevistadas buscarem atividades de cuidado, docência e beleza. Nas palavras de Silva e Parrião (2020, p. 1483), tanto “homens quanto mulheres são socializados com aprendizados que os diferenciam socialmente em grupos sexuais com papéis e atitudes naturalizados como de homem e de mulher”, e assim recebemos características específicas, numa lógica que nos diz que homens são corajosos e fortes, e mulheres são doces, carinhosas e cuidadosas.

Os fragmentos acima evidenciam características de personalidade das jovens. Entre brancas, pardas e negras, o trabalho/emprego torna-se uma necessidade, que pode ou não ser colocado em segundo plano em função dos estudos. A maioria das jovens vive nos bairros periféricos e mora com os pais, os quais são vistos como incentivadores dos planos e sonhos. Apesar das transformações ocorridas na escola e na família, estas “continuam a ser espaços formativos importantes para os jovens” (ABRAMO; BRANCO, 2008, p. 17).

Além disso, chama atenção a importância dada à religião, visto que a rotina de todas as jovens abrange atividades religiosas, como cultos, louvores, adorações, leituras e estudo da Bíblia Sagrada, orações, e a participação em eventos das respectivas igrejas. Segundo Arbués (2015), a categoria de “mulheres religiosas” implica na autopercepção de acreditar em Deus – mais especificamente, nesta pesquisa, no Deus cristão. A religiosidade e a fé assumem significado específico na constituição dessas identidades, porque se relaciona aos hábitos e costumes de cada uma das jovens.

A partir daqui, é possível discutir mais especificamente essas expressões de religiosidade das jovens, que se relacionam com as possibilidades de cuidado, com a juventude e com as interpretações e experiências do ser mulher.

3.1.2 Expressões de religiosidade, trajetória religiosa e fé

Neste subtópico, ainda vinculado às identidades, analisamos os dados específicos sobre a trajetória religiosa, motivações para participar da igreja/comunidade, aprendizagens e mudanças de vida derivadas da presença nesse espaço. Observamos as influências familiares que são complexificadas ou modificadas pelos encontros e experiências individuais nas igrejas, o desejo de participar de atividades de evangelização e cuidado, e as inter-relações entre fé e saúde, sendo que estas últimas dimensões se retroalimentam na busca por melhor qualidade de vida.

Se a identidade é marcada pela diferença, por exemplo, de quem é mulher e quem não é, ela também possui símbolos concretos utilizados para identificá-la nas relações sociais, como a filiação a determinado grupo (SILVA; WOODWARD; HALL, 2000) – neste caso, o religioso. A fé em Deus, no nosso caso, é mediada pela instituição (HERVIEU-LÉGER, 2015), visto que foi em uma denominação específica que as jovens relataram sentir a presença divina. Porém, mais do que isso, trata-se de uma relação particular das jovens com o sagrado, pois escolhem suas formas de participação, de louvor e de crença. Neste sentido, observamos que a trajetória religiosa teve início com a influência ou a exigência familiar, mas foi ampliada até tornar-se o que elas consideram uma fé “genuína” e individual, na qual as jovens depositam expectativas e trazem elementos pessoais de pertença e vivência da espiritualidade.

Todas as dez entrevistadas vêm de famílias consideradas “religiosas”, ou seja, que frequentam o ambiente ou as atividades promovidas pelas instituições religiosas, sendo que os primeiros contatos com a religião se deram por influência familiar, que geralmente orientava ou até mesmo obrigava as jovens a participar também. Há destaque para as frases “nasci em um berço cristão” e “fui criada na igreja”, que aparecem em todas as entrevistas.

Eu cresci na igreja, eu fui criada na igreja. Mas a gente tem o costume de dizer que a gente só tem esse contato mesmo, de ser cristão e evangélico, depois que a gente cria um relacionamento com Deus. [...] a partir dos meus 15 anos eu posso dizer que sou evangélica de verdade. Antes eu ia para a igreja porque os meus pais me levavam, eu conhecia por eles, mas agora eu conheço Jesus Cristo por mim mesma (TIANA, AD. **Entrevista**, 2020).

No período da adolescência, nove jovens relatam que houve certa negação das atividades religiosas, pois haviam conquistado relativa independência para poder escolher não ir. O período de afastamento varia de jovem para jovem: de Jasmine (AD), entre os 12 e 16 anos; para Tiana (AD), dos 13 aos 15 anos; de Esmeralda (AD) e Vanellope (IC), dos 14 aos 16; de Mulan (CCB), Cinderela (CCB) e Anna (CCB), aos 16 anos, devido à entrada no

Ensino Médio e mudanças nas condições escolares (como o turno de aulas); e de Merida (IC) e Moana (ILL), aos 19 anos, com a entrada na faculdade, relacionada à falta de tempo para as atividades religiosas. A exceção é Aurora, que diz nunca ter se afastado.

O afastamento é atribuído a influências externas, como a presença de amigos e colegas que exigem a presença das jovens em outros espaços, sendo justificativas encontradas em mais da metade das jovens desta pesquisa e na mesma proporção no estudo de Paz (2015), que abordou especificamente sobre o rompimento religioso no período da adolescência. Também há questionamentos da ordem existencial, como o caso de Tiana (AD), que diz não entender por que Deus permitiu certos acontecimentos e decepções na sua vida, o que acabava gerando muita frustração e um distanciamento espiritual. Considerando a faixa etária em que o distanciamento ocorre, pode-se dizer que se trata de um aspecto “normal” da adolescência, segundo estudos da Psicologia do Desenvolvimento, que explicam essa fase da vida como momento de questionamento e de busca de si mesmo (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Como parte da chamada “síndrome normal da adolescência” postulada por Aberastury e Knobel (1981), Paz (2015) define como “crise de fé” esse afastamento da pertença religiosa. Há uma tentativa de criar novos costumes, realizar a tendência grupal de participar de um coletivo de pessoas da mesma idade, e transitar entre os extremos da fé e do ateísmo. Em termos psicanalíticos, “o adolescente quer duvidar, quer procurar, não decidir-se... [...] A preocupação metafísica emerge então com grande intensidade [...], como tentativa de solução da angústia que vivem na busca de identificações positivas” (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p. 40).

Já Merida (IC) relata que, durante a adolescência e começo da juventude, queria sair, “gostava de festas e baladas”, e isso contrariava a vontade do pai, gerando conflitos e discussões entre eles, até que a jovem descobriu que as amigas que possuía não eram “verdadeiras, só estavam comigo nos rolês e festas”, levou-a a se aproximar dos eventos religiosos e a participar mais das missas e “coisas referentes a Deus”. A fala da jovem expressa o posicionamento das demais, pois, embora tenham passado um período de “desvio”, depois retornam às atividades religiosas de maneira mais madura e com mais aceitação. Podemos entender, tal como em Aberastury e Knobel (1981), que as jovens encontraram respostas mais ou menos satisfatórias para seus questionamentos, e que passam a se considerar pessoas espiritualizadas e que se sentem confortáveis com a igreja que frequentam (PAZ, 2015).

A fala de Vanellope (IC) parece resumir essas abordagens teóricas:

[...] nessa época a gente não pensa muito, pré-adolescente não pensa, a gente fica com as emoções e os hormônios a flor da pele e fica só brigando e brincando com todo mundo. [...] E minha vida era isso. Hoje, se eu me afastar, eu vou sentir falta. Mas naquela época não [...] porque eu não entendia o que estava acontecendo, eu não entendia o movimento religioso [...] pra mim era tipo “vou poder dormir mais no final de semana”. Era só isso (VANELLOPE, IC. **Entrevista**, 2020).

Se, ao falar sobre juventude e profissão, as entrevistadas ressaltam o afastamento das “pressões” familiares, para que assim possam trilhar os próprios caminhos, o discurso se inverte ao abordar a trajetória religiosa. Hervieu-Léger (2015) aborda a tradição como elemento que garante a transmissão e perpetuação de determinado acontecimento em uma linhagem que mobiliza a memória coletiva; desta forma, a religião é um dispositivo simbólico e ideológico apoiado na tradição, o que não necessariamente implica em imutabilidade, mas em continuidade da crença.

Tal como Mezzomo, Pátaro e Bonini (2019, p. 238), somos levamos “a problematizar a influência geracional na constituição da relação que os sujeitos estabelecem com a religião”, porém, em direção oposta aos dados encontrados pelos autores, visto que sua pesquisa observou que os jovens fazem opções religiosas diferentes das de seus pais. Porém, Bourdieu (2001) analisa que as doutrinas religiosas geralmente são incorporadas às tradições familiares, o que influencia na chamada “religião de criação” ou *habitus* religioso. Há então uma educação religiosa que, ao ser transmitida, pode influenciar na religiosidade ativa e praticamente, especialmente se a raiz dessa tradição também possuir força na família.

Desta forma, entre as jovens entrevistadas, parece haver um apego às tradições familiares – em especial no que diz respeito à religião –, tanto que todas as jovens participam da mesma denominação que lhes foi apresentada desde a primeira infância pelos pais. Aparentemente, “ser religiosa” é uma forma de se afastar do estereótipo do jovem hedonista, que busca apenas o prazer físico e as satisfações imediatas em festas, baladas e namoros passageiros.

[...] naquele momento de adolescente eu queria sair, queria fazer coisa que não devia. [...] também foi uma grande experiência, porque eu percebi o que é estar no mundo [...] adolescente, quer beber, quer ficar com os meninos, [...] e a hora que eu voltei para a igreja, eu percebi que aquilo não fazia falta para mim. Por exemplo, beber é uma coisa que a gente faz para agradar os outros, não por mim, e não me fazia nenhuma falta (JASMINE, AD. **Entrevista**, 2020).

A vida do jovem não religioso é definida pelas entrevistadas como um “estar no mundo”, que traz apenas prazeres instantâneos e passageiros; logo, há uma “escolha pessoal” pela diferenciação, que recai na religião, mas que, como resultado prático, implica em continuar seguindo as tradições familiares. Embora não se encontre uma justificativa específica para as interpretações pessoais do “mal-estar secular”, a literatura científica é rica em estudos que contemplam a fé e a religião como fatores protetivos para situações de risco, como a violência, a criminalidade, a drogadição e a vida sexual precoce (ARBUÉS, 2015; COSTA, 2015; FURLIN, 2014; IDÁRRAGA, 2016; NASCIMENTO, 2017; OLIVEIRA W, 2017; SOBREIRA, 2018).

Se falar dos afastamentos na adolescência e das contestações e a busca por liberdade e independência na juventude implica em tentar diferenciar-se ou afastar-se (ainda que minimamente) da família, o contato com o sagrado permite que a tradição retorne com uma nova roupagem, na qual as jovens substituem a suposta dominação dos pais ou da família por uma entrega consentida a Deus e à igreja. A autora Hervieu-Léger (2015) analisa esse posicionamento a partir da chamada subjetivação das crenças que tem ocorrido na pós-modernidade: se até a primeira metade do século XX a Igreja está centrada na memória e na tradição por meio de dogmas e rituais grupais específicos, atualmente ela se foca na emoção e no apelo às individualidades, podendo se expressar de maneira múltipla (FERREIRA, 2012).

Mulan (CCB) resume essa percepção ao dizer que “não é exatamente por causa da minha mãe, [...] pelos meus pais”, mas uma escolha baseada em se sentir bem, em “encontrar Deus” e querê-Lo presente na vida. O mesmo é dito por Cinderela (CCB), que explica que se “deixou influenciar por colegas da escola” e por isso se afastou da igreja, o que a levou, paulatinamente, a se afastar também dos pais, com quem estava em constante briga e conflito. A jovem explica que “estava perdendo a felicidade, não estava mais orando, não estava sendo [ela] mesma e não estava [se] encaixando”. Por isso resolveu voltar para a igreja, retomou o hábito de orar diariamente e nunca mais se afastou.

Foi unânime o entendimento de que esse período de dúvidas e questionamentos era próprio da adolescência, devido a questões hormonais, mudança no turno da escola, busca pelos primeiros namorados, aproximação de amigas entendidas como “má-companhias”, entre outros acontecimentos que as jovens associam com a vida de adolescentes. As jovens explicam que, nesse período da vida, estavam mais preocupadas com dormir, sair com os amigos e focar nos seus estudos, e que as atividades religiosas eram deixadas de lado porque haviam deixado de fazer sentido naquele momento – o que se aproxima das teorizações de Knobel (1981) sobre a crise de fé e a tentativa de buscar novos espaços de identificação. Mas,

depois disso, houve uma aproximação “real” com a fé, de forma que as jovens relatam ter vivido um encontro genuíno com Deus, e hoje tem grande intimidade com Ele. Tiana (AD) explica que esta é a grande diferença entre “pecar” e “pecado”, pois quando se afasta de Deus, “é um processo normal de pecar, todos são pecadores”, porém, este ato pode ser consertado a partir do momento que se percebe o erro. O pecado é um “processo constante” que permite ter aprendizados, para que Deus possa promover seus ensinamentos.

Na percepção das entrevistadas, a entrega a Deus tem implicações em todas as esferas da vida:

Eu me batizei com 13 anos, e a conversão, momento em que eu realmente entendi que precisava de Deus não foi com os 13 anos, porque eu era bem descabeçada mesmo, julgava que alguns atos não teriam problema. E hoje eu vejo que isso tem problema. Eu acredito que faz uns três anos que eu realmente me coloquei no lugar de crença e reconheço que Deus é o meu salvador. [...] antes eu cortava o meu cabelo, mesmo batizada, e agora parei de cortar, principalmente por motivos de voto pessoal. Ninguém me falou do comprimento da minha roupa [...], foi pessoal, eu me senti mal com certas roupas que eu usava. Palavreado também. [...] eu tento me policiar, [...] principalmente nas escolhas (MULAN, CCB. **Entrevista**, 2019).

Após a conversão, há uma mudança de vida que incide sobre as escolhas pessoais e apresenta novas possibilidades de vida e de comportamento, tal como teorizado por Hervieu-Léger (2015) e observado nas pesquisas de Cubas (2014), Lira (2014), Magnani (2018), Miguens (2018), Ocuni Cá (2015), Prates (2014), Santos (2014), Sobreira (2018) e Tenchena (2016). De maneira geral, os autores abordam a subjetivação da crença, que perpassa elementos sociais e culturais que são assimilados pelas jovens e encontram identificação com as características pessoais/de personalidade. Os jovens tendem a problematizar e questionar crenças, mas podem eleger seus sentidos religiosos a partir de suas experiências subjetivas e particulares (MARIANO, 2013).

Ao observar as entrevistadas em seus comportamentos e formas de apresentação, não houve uma padronização nas vestimentas das jovens: calça jeans, shorts, saias e vestidos de múltiplos comprimentos, camisas e camisetas, salto alto, rasteirinha e tênis. A forma como estavam vestidas foi bastante indicativo da liberdade que elas já possuem nesse âmbito. Embora pareça uma decisão simples, Idárraga (2016) e Santana (2018) explicam que o contexto religioso é marcado por orientações específicas na apresentação pessoal, para que possam ser facilmente identificadas como “religiosas”, tendo uma valorização maior daquilo que é considerado “feminino”, como vestidos, cores claras, joias discretas, cabelo comprido. Há o que Barros (2017) chama de semiótica valorativa, pois as cores e objetos ganham uma

conotação específica ao expressar determinado conjunto de valores, aqui associados à feminilidade e fragilidade. O contato com as jovens possibilitou o questionamento sobre esses supostos paradigmas, que têm perdido força em detrimento de experiências religiosas mais livres, na qual a fé e os comportamentos têm mais destaque do que as aparências, embora também haja marcas na aparência, como a vestimenta e o cabelo, o que sugere relações complexas e a coexistência de múltiplos entendimentos sobre as formas de expressar sua religiosidade.

Uma das entrevistadas aborda essa questão, ao falar especificamente sobre as mudanças que tem ocorrido na sua denominação:

[...] acredito que tenha uma visão antiga sobre a religião, e sobre a Congregação, principalmente. Falam muito sobre termos que casar novas, e não é mais assim que funciona. **Somos ensinados a ter certeza dos atos que estamos fazendo, buscamos de Deus qualquer confirmação sobre algo que estejamos em dúvidas**, seja material, seja espiritual, conjugal, de estudo, trabalhos, alguma coisa, e a gente sempre tem um guia para nos mostrar (MULAN, CCB. **Entrevista**, 2019 – grifos nossos).

Novamente, somos levados às noções de Hervieu-Léger (2015) sobre as adequações pelas quais as igrejas estão passando para angariar e manter seus fiéis, a partir de novas formas de representação voltadas para a individualidade dos sujeitos participantes e expansão da religião para saciar os anseios desses indivíduos. A igreja passa a ser fonte de conforto e de acolhimento institucional, o que pode contribuir para abrandar o mal-estar próprio da sociedade contemporânea caótica descrita por Bauman (2001).

Neste ínterim, também percebemos algumas ambiguidades nas questões religiosas que se relacionam às identidades, pois a religião é vista como solução para os problemas humanos e como espaço de concessão para as decisões individuais, na medida em que as jovens dizem ter entregado a vida a Deus para que Ele as guie e decida o futuro.

[...] eu peço muito para Deus me iluminar, iluminar minhas ideias e pensamentos para me fazer ter uma decisão mais firme [...]. Porque às vezes eu me deixo afetar muito pela opinião das pessoas [...]. **A única pessoa que pode me influenciar é Deus**, e eu tenho que aceitar isso na minha vida. Eu tenho que aceitar que **é Ele quem tem que mandar nas coisas**. [...] Ser freira é o que Jesus quer pra mim (VANELLOPE, IC. **Entrevista**, 2020 – grifos nossos).

Na citação acima, percebemos que Vanellope (IC) utiliza a fé em Deus como justificativa para embasar ou fortalecer suas escolhas, podendo assim ir contra os desejos ou

orientações da família ou de outras pessoas de sua convivência. Por outro lado, conforme Santana (2018), a força que a religião assume nos discursos não é a mesma que recebe nas ações, vide o fato de as jovens citarem a “falta de sorte” ou as experiências de mães e avós como justificativa para buscar uma vida diferente. O discurso religioso acaba se adaptando às demandas individuais no sentido de orientar ações e pensamentos, além de influenciar projetos e ambições pessoais.

A vivência espiritual é entendida como um relacionamento, no sentido mais denotativo do termo: estabelecer ligação ou conexão com alguém, criar intimidade e convivência, se conectar amigavelmente (CUNHA, 2009). Tiana (AD) explica que, como “em qualquer relacionamento vão ter frustrações”, dúvidas e questionamentos, mas o importante é manter um bom diálogo, que aqui se dá por meio das orações, a partir das quais as jovens sentem-se mais próximas de Deus, se permitem conversar com Ele e “ouvir” seus direcionamentos.

Tal fala aproxima-se daquilo que é teorizado por Berto (2015) e Santana (2018) a respeito da fé em Deus ser vista como fonte de motivação e da sensação de estar protegido e de ser amado por um ser superior que lhe dará algum direcionamento na vida. Trata-se, como diz Hervieu-Léger (2015), de uma tentativa de manter-se estável em uma sociedade cada vez mais dinâmica, e de abrandar as incertezas e inseguranças sobre o futuro.

Em sua pesquisa, Costa (2015) também aborda que as mulheres tendem a se beneficiar da religião no que se refere à construção de redes de apoio e ao desenvolvimento de habilidades. Isso pode ser observado, por exemplo, no caso de Jasmine (AD), que conta com orgulho sobre a ajuda recebida das irmãs da igreja para a realização de uma grande festa de casamento, e também sobre a importância de ser dirigente dos jovens para desenvolver sua comunicação e capacidade de falar em público. Também identificamos Mulan (CCB), Anna (CCB) e Aurora (ILL), que são musicistas e estudam música; Aurora (ILL) e Moana (ILL), cuidadoras de crianças; e Esmeralda (AD), Mulan (CCB) e Cinderela (CCB) como líder de jovens; sendo que todas revelam estar desenvolvendo seus dons na música e oratória e utilizá-los para evangelizar e cuidar de seus irmãos na fé.

Há uma grande preocupação das jovens referente à saúde mental e ao autocuidado, o que resulta em períodos de reflexão, críticas, busca por conhecimentos e por terapia. O autoconhecimento acaba repercutindo sobre a fé, na medida em que melhora a intimidade com Deus e a capacidade de se comunicar com a divindade para obter direcionamentos. Percebemos uma lógica de retroalimentação, que Morin (1990, 2003) define como um ciclo no qual rompe-se com a ideia de uma causalidade linear e na qual causas e efeitos são variáveis e autorregulados; neste caso, a religião motiva uma busca por autocuidado, e este é

vivenciado fora da religião, mas acaba por fortalecer a espiritualidade, que, por sua vez, é vivenciada dentro ou fora da religião.

Tiana (AD), Esmeralda (AD) e Anna (CCB) já passaram ou ainda passam pelo processo de psicoterapia, e expressam a importância das terapeutas nas vidas delas. Cabe considerar que ambas frequentam profissionais do sexo feminino, o que, segundo Santos (2012), pode ser indicativo de uma procura consciente por profissionais do mesmo gênero, o que favoreceria a identificação, ou, de acordo com Figuerêdo e Cruz (2017), simplesmente pelo fato de haver mais oferta de psicólogas, visto ser uma profissão também considerada feminina devido à sua relação com o afeto e o acolhimento. Não foram encontrados estudos que abordem especificamente sobre os motivos da escolha por determinados profissionais.

Já Moana (ILL) diz que pretende começar a terapia em breve, pois no momento ainda está se organizando financeiramente e falando com a família para convencê-los sobre a necessidade de cuidar de sua saúde mental. Os estudos de Silva Filho (2018) e Risczik, Strassburg e Fernandes (2019) abordam que a psicoterapia é vista como um tabu, especialmente entre as gerações mais antigas, o que gera grande resistência tanto para iniciar quanto para manter os atendimentos. Ao mesmo tempo, as mulheres (73%) jovens (53%) são a maioria entre os que buscam esse serviço, sobretudo devido à valorização e cuidado com a própria saúde. No entendimento de Silva Filho (2018) e de Santos (2012), as representações sociais da masculinidade como gênero forte e independente pode contribuir para a manutenção dos receios, pois considera-se que o atendimento psicológico é voltado apenas para pessoas frágeis ou loucas. Esse estereótipo acaba incorporado na fala das participantes, como no caso de Tiana (AD), que diversas vezes durante a entrevista diz ser “maluca”, “doida” e me questiona se eu, entrevistadora, também estava achando-a louca por ser tão agitada, ansiosa, e por “falar demais”.

Ansiedade, depressão e conflitos familiares são as queixas mais presentes entre os jovens de até 22 anos que procuram atendimento psicológico, segundo o estudo de Risczik, Strassburg e Fernandes (2019). Já Santos (2012) analisa especificamente a queixa de mulheres, que abrange as demandas já descritas, mas inclui também experiências de violência doméstica e sexual, solidão e ideação suicida. Voltando à experiência de Moana (ILL), que abordou mais detalhadamente sua relação com a saúde mental, observamos que há “o medo de tomar uma decisão”, a racionalização das justificativas devido ao “medo das consequências” e de “tomar o controle da situação”. Há ainda um apego aos traumas passados, em especial episódios de violências simbólicas e psicológicas que agridem as

mulheres em referência ao seu corpo, peso, cor de pele ou outras características físicas, e que acabam minando a autoestima e a autoaceitação.

Nesse contexto, a psicoterapia aparece como espaço de “ressignificação do sofrimento relatado” e promoção de “novas perspectivas e autoconhecimento” (RISCZIK; STRASSBURG; FERNANDES, 2019, p. 3) que podem influenciar na maneira como as jovens vão organizar seus planos para o futuro. Moana (ILL) define que aprender a lidar com seus conteúdos internos é fundamental para “conseguir olhar para o futuro mais forte”, o que está totalmente relacionado aos projetos de vida abordados mais adiante. Ao mesmo tempo, a jovem entende que essa percepção da necessidade do cuidado teve início na igreja, pois é neste espaço que a jovem tem seus relacionamentos mais significativos (com a família, amigos e interesses românticos), os quais são vividos tanto com afetividade positiva e aceitação, mas também como fonte de *bullying* e exclusão. Novamente, observamos uma relação ambígua, pois a religião acaba por manifestar ou incorporar outros processos sociais, como o racismo, o machismo e outras agressões (AUGUST, 2018; MATAREZIO FILHO, 2015), concomitante à solicitação de que os fiéis revejam constantemente suas práticas, seus pensamentos e atitudes (SANTANA, 2018) – num comportamento de autoconfessamento (FOUCAULT, 2015).

A fala das jovens parece estar em sintonia com a tendência contemporânea de ênfase no eu (BAUMAN, 2001; 2003; GIDDENS, 2002), sendo esta uma dinâmica incluída pelas próprias igrejas, que passam a enfatizar experiências religiosas pessoais (HERVIEU-LÉGER, 2015; MARIANO, 2003). Há tanto uma relação de causa e efeito, no sentido de a religião ser causa desse pensamento do eu, quanto uma consequência dele (MORIN, 2003), pois, como visto no tópico anterior, as jovens afirmam ter tido relativa liberdade para tomar a própria decisão de se manter na igreja a partir das experiências individuais com o divino.

Tiana (AD) diz que é muito perfeccionista, sobretudo na busca por um marido, e que a terapeuta tem ajudado a “quebrar isso dentro de mim”, para aceitar os próprios defeitos e também os das outras pessoas. Como consequência, a jovem já não se vê tão idealista, e sim “mais realista”, o que acabou repercutindo no seu relacionamento com Deus, pois não faz mais orações pedindo um namorado que tenha determinadas características físicas e de personalidade. Terapia e fé são associadas na formulação das ideias e projetos e em sua resolução (SANTOS, 2012), de forma que não há necessariamente uma conformação, mas uma espécie de libertação da fantasia de um príncipe encantado – este que faz parte do imaginário feminino repercutido pelas pedagogias culturais (BREDEK, 2015). Ao confrontar

a si mesma enquanto pecadora e reconhecer seus defeitos, a jovem distancia-se do ideal de ser uma “princesa”, trazendo ainda mais complexidade à sua personalidade de jovem mulher.

Para Esmeralda (AD), Deus é sinal de perfeição, mas esta é inatingível para as pessoas, que podem, por outro lado, “chegar na excelência, que é o fazer da melhor forma possível” – o que implica em cuidar da saúde física e mental, trabalhar para alcançar o bem-estar financeiro, “estar bem consigo mesmo e com o próximo”. Já para Anna (CCB), a relação com os outros é apenas um reflexo da relação consigo mesma, no sentido de que ela precisa ser a prioridade na própria vida, porque a energia que sai dela “é o que flui” para os outros. Não há exatamente uma abordagem da saúde mental como resultado da vida religiosa, ou vice-versa, porém, percebemos que a espiritualidade é vista como uma das expressões de saúde mental, pois as jovens consideram que estão felizes ou saudáveis também quando se sentem íntimas ou próximas da divindade.

Uma interpretação guiada pelo princípio hologramático evidencia que os aparentes paradoxos é que formam o pensamento complexo: se cada parte está todo, o todo também está na parte (MORIN, 2003); logo, embora tenhamos tratado de cada jovem de maneira particular e individualizada em suas trajetórias, não podemos perder de vista que elas representam e fazem parte de um universo maior, composto por outras jovens religiosas oriundas de famílias cristãs. Mais do que isso, seus conflitos geracionais e o machismo ao qual estão sujeitas compõem uma sociedade histórica e culturalmente constituída desta maneira. A individualidade de cada jovem expressa também elementos da totalidade de que elas participam, tanto na esfera religiosa quanto nas histórias familiares. Nesses espaços elas aprenderam valores, comportamentos e atitudes que, somados às crenças pessoais, formam sua identidade ao mesmo tempo em que reverberam naquilo que planejam para o seu futuro e para sua vida conjugal, profissional e social.

3.2 Ser uma mulher que planeja seu futuro

Neste eixo, objetivamos analisar a forma como as jovens mulheres cristãs elaboram seus projetos de vida, a partir de seus relatos e planos, a fim de observar o que elas planejam para seu futuro, como estão agindo para alcançar tais projetos e quais os limites e possibilidades articulados pela religião.

Os projetos de vida são antecipações e projeções relacionadas à construção da própria vida, isto é, são metas (MACHADO, 2006), possibilidades e potencialidades que a pessoa estabelece para si, elaborados a partir de um horizonte de possibilidades e da organização temporal e subjetiva dos acontecimentos e do que se espera para o futuro (VELHO, 2003).

Considerando que este é tema central dessa pesquisa, observamos que os projetos de vida se articulam às identidades e trajetórias religiosas, discutidas até aqui, e que parecem dar contornos específicos para o que as jovens projetam para seu futuro em termos de trabalho, formação acadêmica, constituição de família, cuidado com a saúde mental, evangelização e participação religiosa, entre outros planos significativos. Se cada jovem faz suas escolhas e se posiciona de forma valorativa no seu cotidiano, o projeto se constrói no próprio viver e na interação com os outros (SARTRE, 2011).

Apresentamos no quadro a seguir uma síntese dos projetos das jovens, considerando tanto as falas mais significativa (citações literais das entrevistas, entre aspas) quanto a apresentação geral de todos os tópicos (dados sistematizados pela entrevistadora) na ordem cronológica em que aparecem como planos ou possibilidades vislumbradas por elas:

Quadro 2. Resumo dos projetos de vida das jovens entrevistadas

Igreja	Nome	Projetos de vida
Assembleia de Deus (AD)	Esmeralda	“Eu quero ser psicóloga e uma mulher de respeito” Ter a própria casa; concluir a faculdade de Pedagogia e Psicologia; passar em um concurso público; atuar com adolescentes; ser dirigente de jovens; casar e ter dois filhos.
	Jasmine	“Eu quero terminar a faculdade, construir a minha casa, ter um emprego bom, e estar bem na igreja”. Ter dois filhos com o atual marido.
	Tiana	“Eu quero ser mais nômade, juntar a minha vontade de viajar com a possibilidade de evangelizar as pessoas” (como pastora); Casar em uma grande festa de casamento e ter quatro ou cinco filhos.
Congregação Cristã do Brasil (CCB)	Anna	“Eu gostaria de ter mais tempo para mim. Porque, no momento [...], eu trabalho muito e estudo muito, então eu trabalho a semana inteira, e chega o final de semana e eu trabalho também, e tenho prova, trabalhos pra fazer, estágio”. Morar em outra cidade, fazer enfermagem, ser instrumentadora cirúrgica, adotar dois filhos.
	Cinderela	Casar com o atual noivo. “Eu quero ser engenheira de produção e pretendo trabalhar na Petrobrás, concursada, se Deus quiser, como engenheira da qualidade”. Comprar a própria casa e ter dois ou três filhos.
	Mulan	Comprar um carro, fazer mestrado e doutorado, ser professora universitária, casar e ter dois filhos.
Igreja Católica (IC)	Merida	Juntar dinheiro, abrir uma clínica de estética e psicologia, casar e “construir uma família”.
	Vanellope	“Eu vou ser freira. [...] Esse é meu projeto de vida, [...] vou ajudar as pessoas onde Deus me colocar, vou florir onde Deus me plantar.”
Igreja Luterana Livre (ILL)	Aurora	Casar, ter dois ou três filhos, ser missionária em outra cidade. “Quero ser conhecida por ter uma casa acolhedora [...] onde as pessoas possam ser acolhidas, cheia de gente, de alegria, de união.”
	Moana	Fazer pós-graduação, passar em um concurso público, comprar a própria casa, ajudar na aposentadoria dos pais, casar, ter filhos.

Fonte: Dados das entrevistas (2019, 2020).

Por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), definimos três temáticas de destaque, que constituem os subtópicos a partir dos quais organizamos este eixo: a) a vida familiar e o casamento e b) a vida escolar e profissional enquanto projetos de curto e longo prazo; e c) as influências ou reflexões que as jovens fazem sobre seus próprios planos, voltados essencialmente para a construção de uma “vida melhor”.

A fala de Anna (CCB) parece resumir o que apresentaremos nos tópicos a seguir:

“Uma vida perfeita é eu estar bem, ter o meu dinheiro, [minha família] e a minha independência” (Anna, CCB. **Entrevista**, 2019).

Nessa toada, são analisadas as questões referentes a como, onde e com quem querem viver, planos para casamento e filhos, vida sexual, e projetos a curto prazo (5 anos) e longo prazo (15 anos). O casamento aparece como categoria mais marcante e entendido como primeiro passo da vida adulta, sendo o desejo de 8 das 10 entrevistadas. Em seguida, há a maternidade, que também figura como possibilidade para nove jovens, o que justifica o tópico sobre relacionamentos e constituição da família. Além dos papéis de mãe e esposa, há destaque para a importância atribuída ao trabalho como espaço de emancipação, sendo que os projetos de nove jovens incluem ampla formação acadêmica como alavanca para a vida financeira e profissional – temas que serão discutidos no tópico que trata da escolarização, profissionalização e trabalho.

Esses resultados são analisados ainda ao considerar dois momentos: primeiro, o plano da idealização, que inclui as considerações sobre o que seria uma vida perfeita e o que se planeja para o futuro; e em seguida o plano da ação, que diz respeito ao que a jovem tem feito para alcançar a vida que almeja. Na concepção de Feixa e Leccardi (2010), a religião e o trabalho mantêm sua força na juventude atual como traço de continuidade frente à geração anterior, permitindo identificações e a criação de valores e expectativas para o futuro. Por outro lado, os ideais sobre estudo e casamento expressam rupturas ou contestações, o que pode indicar as tentativas de se diferenciar e de criar a própria história e personalidade.

3.2.1 Relacionamentos e constituição da família

Retomando as fases do desenvolvimento de Erik Erikson (1976), o casamento e a intimidade figuram como atividades centrais da juventude, que já deve ter alcançado uma identidade independente e madura. Entre as entrevistadas, parece haver um acordo tácito de que a saída da casa dos pais e a conquista da autonomia ou independência ocorrem apenas

quando constituem a própria família ou quando passam a se sustentar morando sozinhas, o que corrobora as afirmações de Abramo e Branco (2008) de que o “fim” da juventude significa, para os jovens, a aceitação de maiores responsabilidades. Isso pode ser exemplificado quando Aurora (ILL) diz que “quando casar vou embora, então tenho que viver esse momento que é com eles [pais], porque quando eu casar não vou mais ter isso”.

Observamos que a constituição da família aparece como meta de oito jovens, porém, mesmo entre elas, há aquelas que adiam a conjugalidade porque a consideram um impeditivo na realização de ambições particulares. Essa recusa faz parte da personalidade complexa e não significa necessariamente, como propôs Erikson (1976), uma confusão de papéis, dependência ou isolamento dessas mulheres, mas implica no reconhecimento das potencialidades, dificuldades e características de viver com outras pessoas. Associado a isso, há o “desejo” por ter filhos, que só não aparece na fala de Vanellope (IC). O momento da gravidez é sonhado e idealizado pela maioria das jovens, com exceção de Anna (CCB), que pensa em adotar porque não quer passar por dores e desconfortos.

Cinderela (CCB) explica que os jovens evangélicos, incluindo ela própria, namoram apenas com “a intenção de construir uma família”, desta forma, os relacionamentos têm como objetivo o casamento, não se trata de “namorar por namorar”. Observamos aqui a definição de um projeto de vida tal como proposto por Machado (2006), pois trata-se de uma ação presente e consciente (o namoro) realizada para alcançar uma meta futura (o casamento).

Tiana (AD) parece resumir o posicionamento das jovens:

Eu acho que a gente nunca deve deixar de sonhar: a gente é solteira, tem o sonho de um relacionamento futuro, casar e tudo mais, e **isso é o que Deus idealiza para todos**, tanto mulher quanto homem. E, para a mulher cristã evangélica jovem, tem sempre a expectativa e o que ela idealiza dentro de um relacionamento, e **se você quer isso, você deve buscar e esperar porque Deus vai proporcionar isso para você** (TIANA, AD. **Entrevista**, 2020 – grifos nossos).

Geralmente, os namoros passados são vistos como “errados” ou que “não deram certo”, sobretudo porque eram com rapazes (e aqui vale destacar que todas se definem como heterossexuais, como abordaremos mais adiante) que não frequentavam a mesma igreja/instituição, não havia um entendimento sobre “namorar para casar” e sequer havia uma concepção do que, de fato, seria o casamento. Costa (2015) e Oliveira W. (2017) explicam que, nas igrejas, sobretudo nas evangélicas, existe o incentivo pela endogamia religiosa, que consiste no relacionamento entre pessoas da mesma denominação, e que a formação dos

casais deve passar pela aprovação dos familiares e dos líderes religiosos. Aurora (ILL) diz “ter certeza em Deus” que seu marido será o primeiro namorado que ela escolheu, pois seus pais também o aprovaram, o que mostra a coexistência ou a tentativa de equilíbrio entre as escolhas individuais (SARTRE, 2011) e os valores sociais, familiares e religiosos (MORIN, 2003; VELHO, 1994).

Jasmine (AD) é a única jovem que “já ficou com vários rapazes” antes de se casar. Cinderela (CCB) vai se casar com o terceiro namorado, o que também é o plano de Mulan (CCB), que já namorou duas vezes e pretende se relacionar novamente apenas se for para casar. Aurora (ILL) e Esmeralda (AD) estão planejando o casamento com o primeiro namorado, e este também é o plano de Merida (IC), Moana (ILL) e Tiana (AD), as quais dizem estar “se guardando” e “esperando” pelo homem certo. A construção do ideal de marido, um “príncipe encantado” (BREDEK, 2015) merecedor da virgindade e da inocência das jovens, contribui para justificar a espera e para coibir relacionamentos casuais. Há um adiamento da vida sexual entre mulheres religiosas, que Marco (2016), assim como Passos e Freitas (2020) analisam ser uma prática de controle dos corpos femininos e de regulação da igreja sobre o desejo sexual.

Na experiência de Esmeralda (AD), existe uma grande pressão familiar e religiosa para oficializar a união, visto que namoros muito longos são vistos como local de pecado e luxúria, com início prematuro da vida sexual. O incentivo ao casamento aparece como forma de coibir as relações sexuais fora do matrimônio (COSTA, 2015), e as jovens entrevistadas parecem possuir consciência sobre essa dimensão:

Casar [...] é algo que meu namorado espera. [...] mas eu tenho medo de me decepcionar. [...] Eu namoro há três anos e meio, e ele sempre me fala que eu enrolo ele. Mas [...] é pra tentar conhecer ao máximo a pessoa, para não me decepcionar e sofrer no casamento. [...] Eu tenho um namorado de personalidade muito forte, muito explosivo; [...] se ele vai ser assim no casamento, eu não vou casar com ele. [...] eu me imagino casando para ficar a vida toda com a pessoa, se não aguento nem no namoro, não vou aguentar no casamento. [...] Ele é meu primeiro namorado, tem uma pressão muito grande, por parte dele eu já estaria casada. [...] tem uma pressão, principalmente na igreja, [...] por questão de sexo[...] Mas por mim, não. [...] não temos relação e eu não tenho pressa nenhuma. (ESMERALDA, AD. **Entrevista**, 2020).

Pela fala de Esmeralda (AD), podemos entender concepções complexas e multifacetadas sobre o casamento: trata-se de um desejo especialmente relacionado aos ideais de feminilidade, com a possibilidade de ser uma “princesa por um dia”, de poder se arrumar,

fazer uma grande festa e receber para si todos os olhares e admiração da comunidade – conforme também abordado por Aurora (ILL), Cinderela (CCB), Jasmine (AD) e Tiana (AD). Mas que possui ressalvas para sua realização, sobretudo porque as jovens compreendem seus impactos, enquanto mulheres religiosas que não acreditam no divórcio ou na separação, por isso querem tomar a “decisão correta” e escolher o parceiro ideal.

Esmeralda (AD) fala especificamente sobre os traumas que casamentos desfeitos podem gerar para as mulheres e a família, por isso explica que é preciso pensar e refletir muito sobre o relacionamento antes de tomar a decisão de se casar. Mulan (CCB), que se diz a mais pessimista no que se refere às uniões conjugais, cita o exemplo da avó, que “não teve sorte com o avô”, o qual sofreu um acidente e perdeu o movimento das pernas, por isso não consegue mais trabalhar e é a avó quem precisa trabalhar para sustentar a casa, além de ser responsável por todo o serviço doméstico. A mãe da jovem também é vista como desafortunada, pois teve um primeiro casamento ruim.

O divórcio é visto pelas jovens como inadmissível e motivo de vergonha, pois contraria os preceitos bíblicos de que o casal unido por Deus não pode ser separado (BÍBLIA, 2008, Mateus 19:06), por isso a união deve ser muito bem pensada e organizada, embora a literatura científica apresente que 37,4% do total de casamentos acaba em um período médio de 15 anos (IBGE, 2020). Enquanto os divórcios da população geral têm como principais causas as questões financeiras, conflitos de comunicação e insatisfação sexual, a parte mais significativa dos divórcios entre pessoas religiosas se explica pela vivência de algum tipo de violência, seja física, sexual ou psicológica, além de problemas específicos da vida eclesiástica, como a mudança de cargo e a falta de preparo para administrar as demandas da vida ministerial e familiar (PAVANELLI; ARAÚJO; SILVA, 2017). Entretanto, Casarin et al. (2020, p. 88) explicam que “nas regiões onde a concentração de evangélicos é maior, as taxas de divórcio tendem a ser menores”, especialmente porque os casais se formam a partir de crenças religiosas e valores semelhantes.

Nesse cenário, embora haja o receio, o casamento ainda é o desejo maior. Para a jovem Merida (IC), “todo casamento tem brigas e falhas”, e Cinderela (CCB) justifica que isso ocorre porque cada um foi criado de um jeito, existem diferenças e desentendimentos que podem ocorrer no começo, até que o casal encontre seu próprio ritmo e compartilhe uma “única vida” e uma rotina.

[...] o casamento é algo de Deus, que você tem que buscar agradar a pessoa mas tem que agradar a Deus também. Você tem que amar, respeitar, e

sempre tem que ter diálogo, que é muito importante. [...] Tem gente que não quer casar, mas se você casou, então respeite, seja fiel, seja um bom companheiro. Eu casei com tudo o que eu queria, fiz uma festa grande, me vesti de noiva, as irmãs da igreja me ajudaram muito. [...] Meu marido [...] gosta muito de ajudar, e na Igreja ajuda até demais (risos). E em casa ele também limpa a casa, lava a louça, e até ajuda a cuidar do meu irmão (JASMINE, AD. **Entrevista**, 2020).

Para compor o ideal do príncipe encantado e a busca pelo homem certo, as jovens mobilizam experiências e traumas (BREder, 2015; MARCO, 2016). Geralmente partindo da observação de histórias familiares, elas relatam certa preocupação com os pais, namorados e demais homens, os quais são vistos como pessoas que ainda precisam mudar ou melhorar para se aproximar do que elas esperam. Na medida em que buscam maior igualdade nas relações, as mulheres parecem questionar a posição submissa da mulher – antes exigida pelos dogmas religiosos.

Podemos voltar aos estereótipos bíblicos (livro base da doutrina cristã e utilizado pelas quatro denominações que as jovens entrevistadas frequentam) para compreender como se constrói a imagem da mulher ideal (GOMES, 2015; LIRA, 2014): no Antigo Testamento, temos Sara, que mesmo na velhice “deu um filho ao seu amado Abraão”, o que, segundo a Bíblia, dá origem ao povo judeu. No Novo Testamento, temos Maria, a “a mãe virgem de Jesus Cristo, discípula ideal de Deus, serva do Senhor e peça essencial de Seus planos” (MARCO, 2016, p. 14). A submissão aparece como característica desejada, pois todas as situações de insubordinação ou desobediência foram punidas: Eva, ao comer a maçã da árvore do conhecimento, foi expulsa do paraíso divino; a “mulher de Ló” (que nem nome recebe) virou uma estátua de sal por não querer abandonar sua cidade; Safira morreu por não ter dado a porcentagem que cabia à igreja ao vender um terreno com o marido. Além desses exemplos, há orientações específicas relacionadas à fidelidade, às formas de se apresentar, ao respeito pelo pai, pelo marido, pelo casamento e filhos.

Ainda na Bíblia (2008), há versículos sobre o homem ser “o cabeça da família” tal como Cristo é “a cabeça da igreja” (Lucas 14:27), e que as mulheres devem ser submissas aos seus maridos (Efésios 5:22-23), devem se casar virgens e castas (Levítico 21:13-14), entre outros. A pesquisadora Marco (2016) explica que a virgindade é considerada uma das maiores provas de bom caráter para a mulher, pois significa que ela sabe se proteger dos prazeres sexuais e das impurezas do mundo. Outro elemento é a obediência, quando a mulher assume seu papel de serva respeitosa – primeiro de Deus, depois da sua família, e então do seu marido.

Por outro lado, tanto Marco (2016) quanto Passos e Freitas (2020) também entendem que esse pensamento tem sofrido outras influências para além das religiosas, pois não se trata apenas de um dogma da igreja, mas de um fator protetivo quando se considera o comportamento de risco assumido por adolescentes e jovens com início precoce da sua vida sexual. O IBGE (2020) registrou nos últimos anos um declínio de 4,9% no número de casamentos e um aumento das disputas pela guarda dos filhos, o que pode ser explicado, conforme Casarin et al. (2020), pelo fato de que as pessoas estão pensando por mais tempo antes de tomar essa decisão, pelo medo de se precipitar e pela vontade de resolver ou alcançar outras ambições antes do casamento.

A ênfase nas realizações pessoais e a busca por outros espaços de satisfação têm levado as pessoas a se afastarem de algumas das leis religiosas e a misturá-las com suas próprias crenças e desejos, assimilando das igrejas apenas aquilo que se adequa aos seus posicionamentos pessoais (NASCIMENTO, 2017). Para manter esses fiéis, as igrejas acabam adotando uma postura menos arbitrária e de maior aceitação para os homossexuais, divorciados, pessoas com vida sexual ativa e outros (PAZ, 2015). Além disso, as igrejas têm se adaptado às demandas próprias da sociedade, sobre as quais não pode mais se manter imparcial, como o aumento dos casos de infidelidade, abuso e violência contra a mulher (CASARIN et al., 2020; SANTOS, 2012).

Jasmine (AD) inclusive reflete que “a gente é da igreja, mas a gente não tem que ser submissa ao homem, a gente tem que andar lado a lado com o esposo e fazer a vontade de Deus”. Para a jovem, o casamento não é submissão, pelo contrário, é a realização plena das necessidades de ambos – o que reflete uma tendência própria do Direito Familiar moderno, no qual o casamento deixa de ser um espaço “arranjado” e hierárquico e se torna um espaço de escolhas e afetos (CANEZIN, 2004). O mesmo é dito por Mulan (CCB), que explica ainda que “pelo menos na minha igreja, a cabeça dos homens está mais aberta sobre a ideia de que a mulher não tem que ser submissa. [...] Hoje temos mais igualdade, principalmente dentro dos casamentos”. No estudo de August (2018), o casamento aparece como categoria que dá à mulher uma nova identidade e lhe confere um *status* social específico de “estar casada”, passando assim a ter mais respeito, autoridade e influência nos grupos de que participa, pois entende-se que alcançou a maturidade.

A maioria das entrevistadas apresenta alguma compreensão ou idealização do que seria a instituição “casamento” e daquilo que atualmente esperam dos seus futuros maridos. Para Merida (IC), o casamento deve ter como bases a fidelidade, compreensão, comunhão, amor, respeito e perdão. Já Moana (ILL) define como uma amizade na qual ambos busquem

pelas “coisas de Deus”, planejem juntos o futuro e poupem dinheiro, mas também utiliza as palavras “companheirismo” e “divisão de responsabilidades”, pois o casal deve decidir juntos sobre sua vida em comum. Há uma percepção sobre a necessidade de apoio mútuo, por isso Mulan (CCB) acredita ser este o espaço para “um segurar o outro, um ajudar o outro” a conciliar a vida profissional, conjugal, familiar; e Esmeralda (AD) partilha dessa opinião, ao dizer que “os dois vão trabalhar, vão estar cansados, então tem que se ajudar”.

Nas teorias sobre Psicologia e Direito da Família, entende-se que o conceito de casamento e da própria família mudou ao longo do tempo. Até meados do século XX, especialmente entre as mulheres da burguesia e nobreza, os casamentos eram arranjos visando favorecer acordos comerciais, e a mulher adquirida pelo marido era considerada sua propriedade, sendo ela responsável pela organização do lar e cuidado com os filhos. Entre as classes mais pobres, era mais comum ocorrerem uniões consensuais, porém dependiam da aprovação das famílias e atendiam sobretudo às necessidades financeiras, pois quanto maior a família, mais mão de obra disponível para compor a renda da casa (LESSA, 2012).

Com a reivindicação das mulheres burguesas para acessar o mercado de trabalho até então masculino, com a luta das mulheres pobres por melhores condições de trabalho, com o surgimento de novas profissões e com o desenvolvimento de métodos contraceptivos, os casamentos foram deixando de ser acordos e passaram a ser projetos, o que exigia a livre vontade e o afeto das duas pessoas que o comporiam (hooks, 2020; LESSA, 2012). Embora ainda existam exceções, principalmente no que se refere ao posicionamento masculino frente às exigências femininas, os casamentos modernos representam – especialmente para as mulheres – a possibilidade de realização individual e de escolha consciente por um parceiro ou parceira que compartilhe valores e compromissos (CANEZIN, 2004; LESSA, 2012).

Também por parte das jovens, há a compreensão do casamento como momento de assumir as responsabilidades características da vida adulta: manutenção da casa, os pagamentos do dia a dia, o cuidado com a família que está sendo formada. Tiana (AD) resume que “ser jovem é isso de não ser casada”, porque na juventude há mais “liberdade de sair para fazer as coisas, estar com os amigos”, enquanto na vida adulta são feitas novas exigências, inclusive dessa capacidade de maturidade emocional e relacional (ERIKSON, 1976) e da vivência de relacionamentos afetivos e sexuais plenos (ABERASTURY; KNOBEL, 1981). Nesta pesquisa, também chama atenção a assunção de que os relacionamentos são naturalmente de orientação heterossexual (FREUD, 1910):

O casamento é a união do homem e da mulher, onde eles crescem juntos e vivem sua vida juntos. Primeiramente, eu quero ter uma festa com meus amigos, minha família, com todos... Mas no momento a gente só faz planos. [...] É com ele que eu quero casar, e eu espero que ele faça o papel dele de marido, de ser um bom papai, de ser um “ensinador” e um protetor do nosso lar (AURORA, ILL. *Entrevista*, 2020).

Ao considerar a matriz heterossexual, as jovens colocam-se novamente na posição de princesas, femininas, cuidadoras e domésticas, enquanto cabe aos homens o papel de virilidade, proteção, ensino e orientação da família (BUTLER, 2015). Destaca-se a multiplicidade de referências e a ambiguidade pela qual os fenômenos são observados, pois há tanto uma busca pelo novo e a crítica à submissão, quanto a aceitação de partes das doutrinas cristãs que se encaixam ao que as jovens desejam.

A ideia do senso comum é a existência de uma “vida normal”, que incluiria casamento, filhos, emprego estável e conciliação entre trabalho e família. A conformidade com esse discurso aparece na fala das jovens entrevistadas por Duarte (2015) e também são retomadas nessa pesquisa, quando as jovens citam as atividades e papéis que cumprirão ao longo da vida.

Há uma lógica implícita na fala das jovens: que o namoro é o caminho para o casamento e este, por sua vez, é o passo em direção à maternidade. Não há espaço para a experimentação, e as jovens entendem que é melhor não se relacionar do que fazer isso sem ambicionar o casamento. Como diz Moana (ILL), que nunca teve namorado, há o desejo por “algo sério”, por isso casar é um “sonho distante”, visto que “as pessoas não querem algo sério, [...] ser virgem na nossa sociedade é cafona”.

Os relatos acima evidenciam elementos como o machismo institucionalizado nas igrejas¹⁵, por exemplo, no fato de a mulher precisar se casar com um pastor para ser pastora (sendo este o sonho de Tiana, AD), e a busca das mulheres por uma certa emancipação e liberdade no campo do trabalho; ao mesmo tempo em que se percebe que o casamento ainda é o “sonho” da maioria das jovens, que querem “se casar com tudo o que tem direito” (Cinderela, CCB; Jasmine, AD). Há diversas formas de encarar essa questão, desde a não aceitação até a conformação com as pressões religiosas para os relacionamentos: como Anna (CCB) e Vanelope (IC), que não tem o matrimônio nos seus horizontes de expectativas, Esmeralda que está “enrolando” o namorado para se casar, mesmo contra as orientações dos

¹⁵ Cubas (2014, p. 39) apresenta as formas específicas de (não) participação das mulheres no mundo eclesiástico e defende que “uma das questões fundamentais para o campo de estudo das religiões é a compreensão da maneira pela qual atividades simbólicas são moldadas pela diferenciação sexual”. No mesmo sentido, Araújo (2017) discute a existência de atividades consideradas femininas ou masculinas, o que delega às mulheres funções muito específicas relacionadas à educação e ao cuidado, de forma que, por exemplo, suas ações profissionais sejam uma espécie de extensão das tarefas domésticas.

líderes, ao mesmo tempo em que Jasmine (AD) se casou rapidamente, por pressão religiosa, e Aurora (ILL) e Cinderela (CCB), que também planejam casar logo.

A menção à maternidade não aparece necessariamente como desejo ou plano, tal como o casamento, mas como processo natural, mencionado quando as jovens falam sobre o que esperam para os próximos 5 a 15 anos. Todas mencionam a casa própria, oito que já estarão casadas e nove dizem que já estarão com filhos – até mesmo aquelas que dizem não querer ter filhos atualmente, como Anna (CCB), Jasmine (AD), Merida (IC), Moana (ILL) e Tiana (AD), porque consideram que hoje estão muito atarefadas ou que já estão muito cansadas de crianças devido às atividades religiosas e de trabalho que já desenvolvem com o público infantil.

Talvez seja importante considerar a faixa etária (18-22 anos), que pode interferir na forma como se compreende ou idealiza a maternidade, sendo que esta aparece como meta ou desejo geralmente a partir dos 25 anos (COSTA, 2015). O IBGE (2020) registrou uma queda de 3% no número de nascimentos em 2019, e 37,4% são de mães com mais de 30 anos de idade, sendo que o número de mulheres com menos de 24 anos que se tornam mães diminuiu de 30% para 20% nos últimos vinte anos. O entendimento da maternidade perpassa construtos sociais, como o estereótipo da mulher-mãe, mas exige a reorganização da vida e dos projetos pessoais, por isso tem sido adiada. Além disso, quando se considera o sonho do casamento, as jovens destacam que gostariam de aproveitar esse momento, viajar e desfrutar a companhia do marido antes de inserir filhos na relação.

Eu me sinto com dificuldades em pensar em coisas tão a longo prazo. Mas acho que já com 15 anos eu vou ter a minha família, talvez já vou ter mudado de ideia e sido mãe, vou estar mais firme em questões financeiras e questões emocionais que ainda me afetam bastante, essas coisas... Também acho que vou estar mais firme com as coisas da igreja. Mas até lá tem muitas coisas para mudar. Talvez já vou ter aprendido a viver melhor sozinha (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

Por outro lado, as jovens também destacam características pessoais que podem atrapalhar ou dificultar a vida a dois, definindo a si mesmas como “difíceis de lidar”. Moana (ILL) diz ser muito orgulhosa e não gostar de ser contrariada; Mulan (CCB) diz que herdou os “genes ruins” do pai e por isso é muito fria e distante, logo, se quiser ter um bom casamento, precisará ser mais passiva e compreensiva com o namorado, sem querer estar sempre certa; já Esmeralda (AD) se considera muito enrolada e traumatizada; e Anna (CCB) diz que não tem “dom para sofrer e sentir dor”, por isso prefere ficar sozinha. Historicamente, há uma postura

de submissão que caracteriza os processos de educação e socialização do gênero feminino (PÁTARO, 2011), o que parece indicar ou acentuar uma postura de conformismo frente aos conflitos enfrentados.

As jovens entendem como “egoísmo” o respeito pleno à própria individualidade, pois entendem que geralmente é necessário se adaptar ou fazer concessões em prol do bem-estar do marido, do namorado, ou das outras pessoas. Duas nuances se destacam nessa compreensão do egoísmo: a religiosa, na qual valoriza-se o altruísmo e o bem-estar coletivo em detrimento da realização individual; e a de gênero, pois mulheres são ensinadas e orientadas a se colocar à disposição das pessoas, pois considera-se que possuem um “instinto” maternal e para o cuidado. Em ambos os casos, voltamos à existência de um estereótipo feminino como uma mulher que nega suas características ou ignora seus desejos para que os outros – em geral, homens – possam realizar os deles. Apesar disso, Anna (CCB) e Vanellope (IC) acreditam que a ênfase em si mesmas é o único caminho válido para alcançar “coisas legais” na vida, pois possuem capacidade de se autorrealizar e não deveriam depender ou se encaixar nas expectativas de outras pessoas.

Na análise de Aberastury e Knobel (1981, p. 17), o “sofrimento, a contradição, a confusão, os transtornos são deste modo inevitáveis; podem ser transitórios, podem ser elaboráveis, mas devemos perguntar-nos se grande parte da sua dor não poderia ser suavizada mudando estruturas familiares e sociais”, o que nos leva a apontar as mudanças já ocorridas nas estruturas das religiões contemporâneas. Conforme resumido por Esmeralda (AD. **Entrevista**, 2020):

[...] minha família me apoia, me dizem que meu marido até pode me sustentar, mas eu posso ser independente. [...] E se eu quiser ficar sozinha, fico! [...] Mas se quiser arrumar um marido, arrumo! [...] Mas que eu seja independente, tenha minhas próprias coisas, sem precisar ficar pedindo.

A partir dessas noções de independência e liberdade, que já foram discutidas nos tópicos anteriores, podemos observar uma nova forma de compreender os relacionamentos amorosos. As jovens entrevistadas anunciaram uma diversidade de definições sobre o casamento e das características desejáveis aos maridos; desde a aceitação das pressões religiosas até sua completa negação. Este é um indício de que a conjugalidade é um tema complexo, no qual a religião não é a única influência, mas apenas um dos fatores em debate, ainda mais quando se considera que ela se configura como reforço para os estereótipos de gênero, que são sociais e culturais e presentes em outras instituições.

Se considerarmos as teorizações de Erik Erikson (1976), podemos dizer que todas as dez entrevistadas estão vivendo o período de intimidade, no qual há a busca pela união e a aceitação da identidade adulta, com maturidade e busca pela independência. As questões de gênero aparecem com muita força, inclusive se materializando na religião, mas coexistem com as idealizações e as significações dadas pelas próprias jovens para o casamento. Mais do que o trabalho e a independência financeira, que serão abordados no tópico seguinte, elas entendem que é o casamento que as tirará da casa dos pais, e com isso deverão assumir novos papéis e responsabilidades. Observamos ainda que as histórias de vida e os relacionamentos familiares, embora tenham apresentado conflitos, permitiriam que as jovens desenvolvessem relativa confiança, autonomia, iniciativa e produtividade, o que permite ter uma identidade mais estável.

Essa identidade aparece de maneira engajada nas experiências de trabalho e estudo das jovens, a partir das quais elas traçam planos para empregos futuros e destacam a busca por mais escolarização e qualificação. Diversas categorias podem ser acionadas para entender os padrões de formação familiar, tais como o nível socioeconômico, local de residência, escolaridade e etnia. A pesquisadora Costa (2015) indica, por exemplo, diferenças consideráveis entre mulheres brancas e negras, visto que as primeiras tendem a ter maior escolaridade e renda, enquanto as segundas estão associadas à maior proporção de união consensual. Se o casamento aparece como o sonho de princesas, o trabalho figura como necessidade real em uma sociedade capitalista e na qual a condição financeira influencia o horizonte de possibilidades. Vejamos então como se dão os planos nesta área vinculada à “independência” das jovens.

3.2.2 Escolarização, profissionalização e trabalho

A emancipação feminina de que falamos anteriormente ocorreu sobretudo com a entrada das mulheres no mercado de trabalho em um número cada vez maior de vagas e profissões (LESSA, 2012). Porém, essa noção foi favorecida ou facilitada pela conjuntura socioeconômica, pois as mudanças na economia, a depressão financeira e aumento do desemprego levaram os homens a estarem “mais dispostos a levar em consideração” a inserção das mulheres em alguns espaços, desde que ainda mantivessem a supremacia branca e a divisão de classe (hooks, 2020, p. 21).

O trabalho é visto por Esmeralda (AD) como fonte de independência e de desenvolvimento dos próprios pensamentos, “conceitos e críticas”, por isso, as mulheres que não tiveram a oportunidade ou possibilidade de trabalhar, como a avó da jovem, acabam

sendo vistas como “mais reprimidas”. Isso se deve, em parte, à dependência que as mulheres acabam vivenciando frente aos maridos, que seriam os provedores da casa, não havendo recursos para que possam investir nos próprios desejos.

O que eu quero na vida é poder crescer profissionalmente [...] e financeiramente para poder ajudar meus pais. [...] para que eles possam estar se aposentando. [...] Sempre foi uma questão importante pra mim o trabalho, e eu preciso muito trabalhar. [...] Eu planejo passar num concurso público para ter alguma estabilidade (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

O pensamento de classe torna-se uma das óticas possíveis para analisar a inserção das mulheres no mercado de trabalho, levando em consideração que as mulheres das camadas populares trabalham a centenas de anos para complementar a renda da família, geralmente em serviços braçais e manuais ou com cuidados domésticos de outras mulheres das classes mais ricas (hooks, 2020). Ainda hoje, mais de 41% da população brasileira trabalha em empregos informais, em sua maioria mulheres e chefes de família (SUDRÉ, 2020). Essa história encontra exemplos nas famílias de Jasmine (AD), Merida (IC), Moana (ILL), Mulan (CCB) e Tiana (AD), que possuem mães, avós ou tias trabalhando como domésticas, diaristas ou cuidadoras; e na própria Jasmine (AD), que atualmente é diarista e babá.

Os empregos que as jovens possuem atualmente expressam necessidades econômicas e corroboram a tese de Abramo e Branco (2008) sobre a juventude brasileira ser trabalhadora, em especial nas classes mais pobres. Todas as entrevistadas relatam estar em empregos provisórios, necessários até que o emprego desejado se concretize. Esmeralda (AD) e Moana (ILL) são auxiliares docentes via PSS (processo seletivo para vaga temporária em instituição pública), e almejam se tornar professoras concursadas no Ensino Fundamental, assim como Aurora (ILL), que ainda está procurando emprego na área de secretariado até terminar a licenciatura, e Jasmine (AD), diarista. Mulan (CCB) já é concursada pelo município na área de saúde, mas deseja ser professora universitária. Merida (IC) é secretária em uma clínica particular enquanto junta dinheiro para abrir seu próprio espaço de atendimento, sendo este um sonho compartilhado por Tiana (AD), que também quer cursar Psicologia. Anna (CCB) e Cinderela (CCB) trabalham nas empresas da família enquanto se preparam para exercer outras profissões em outras cidades. Já Vanellope (IC) trabalha apenas para pagar as contas mensais, mas pretende parar quando assumir seu vocacionado e iniciar os serviços voluntários.

O emprego atual é uma exigência financeira que, se bem administrado, possibilitará mudanças na vida e no *status* social das jovens. Na sociedade capitalista em que vivemos, essa é uma concepção notória, pois palavras como “produtividade” e “meritocracia” ganham

centralidade e incentivam os indivíduos a buscar trabalhos de sucesso e que os levem à “prosperidade”. Trata-se de uma ideologia de ascensão social que é inclusive legitimada pelas igrejas, visto que seus fiéis também procuram consolo divino para as aflições e males financeiros que os atingem (LIMA, 2007).

A independência financeira aparece como fator determinante para as escolhas e projetos futuros, de forma que nove entrevistadas citam que querem fazer um ou duas graduações, especializações e buscar um trabalho menor, de preferência na área de sua formação. Apenas uma das entrevistadas (Vanellope, IC) não pretende cursar uma graduação, e as demais estão fazendo ou já fizeram um curso superior, além daquelas que estão buscando uma nova formação para agregar no currículo e na profissão.

Utilizando a Escala Revisada de Valores Relativos ao Trabalho (EVT-R) para entrevistar 337 jovens, Sousa e Colauto (2020, p. 1) observaram que “os valores do trabalho considerados mais importantes foram aqueles que versam sobre estabilidade no trabalho e independência financeira, os quais constituem o fator segurança”; já aqueles relacionados ao poder, como *status* e prestígio, são os menos importantes e não se configuram como preocupações dessa geração.

No referencial teórico, citamos Feixa e Leccardi (2010) e Pais (1993) para falar sobre a abordagem geracional, e ela parece pertinente para analisar a constituição das identidades e projetos de vida das jovens entrevistadas. Se consideramos a faixa etária no momento das entrevistas – 18 a 22 anos concluídos até fevereiro de 2020 – podemos deduzir que as participantes desta pesquisa nasceram entre os anos de 1998 e 2002, o que as insere na chamada geração Z¹⁶. Trata-se de indivíduos que nasceram no período de advento da internet, por isso crescem tendo mais acesso às tecnologias e a variadas formas de comunicação, o que os diferencia das gerações anteriores; mas também há uma retomada da valorização do emprego como fonte de realização pessoal, tal como era visto nas gerações da metade do século XX.

Já na abordagem de gênero, constatamos que as mulheres compõem 45% da população economicamente ativa (IEDE, 2018) e que as jovens representam 35,9% dos

¹⁶ Os estudos geracionais tiveram início com Karl Mannheim, o qual identificou que num período aproximado de 20 a 25 anos, as pessoas tendiam a apresentar características semelhantes, visto que vivenciaram ou presenciaram (direta ou indiretamente) acontecimentos comuns. Seu grande alvo de estudo são os chamados Baby Boomers, a geração de pessoas nascidas no pós-Guerra (década de 1950), e que possuíam um grande senso de moralidade e de valorização do trabalho, pois foram educados para “reerguer o mundo” destruído pelas grandes guerras mundiais. Posteriormente, outros pesquisadores identificaram a Geração X, composta pelos nascidos entre 1965 e 1980 e que também valorizam o trabalho, mas agora como fonte de enriquecimento e qualidade de vida; e a geração Y, nascida entre 1980 e 2000, que apresentam maior capacidade de socialização, empreendedorismo, criatividade e dificuldade de seguir regras (WELLER, 2010).

trabalhadores de até 24 anos de idade (MARTINS, 2019), porém, são a maioria nos cargos informais (SUDRÉ, 2020), ainda vivenciam diferenças salariais de até 20% (IBGE, 2019) e inúmeros preconceitos (MELO, 2019). Por outro lado, as mulheres jovens são maioria entre os que estão procurando emprego, com aumento no nível de escolaridade e busca por cargos mais flexíveis. Se durante a segunda metade do século XX o surgimento dos anticoncepcionais favoreceu que as mulheres priorizassem suas carreiras em detrimento da maternidade (hooks, 2020), esta já aparece como questão secundária, e a escolarização é vista hoje como o principal fator que tem permitido o destaque das mulheres no mercado de trabalho (MELO, 2019; RIBEIRO; SOUZA, 2018), em especial quando não precisam preocupar-se com o trabalho doméstico ou com as demandas familiares (MELO, 2019) de que as jovens tanto reclamaram nas entrevistas. Aquelas que cuidam da casa ou de seus pais relatam mais cansaço, sentem-se menos produtivas e com mais dificuldade para conciliar as demandas de trabalho e estudo, porém, acreditam que um aumento nos seus rendimentos somado pela melhor distribuição das tarefas domésticas possibilitaria viver mais confortavelmente e menos atarefadas.

[...] ser mulher é ser guerreira, é passar por situações que se fosse homem não aconteceria, como sair na rua com medo pelo simples fato de ser mulher. Muita gente acha que a gente luta apenas pela questão salarial, mas não é apenas salário, é questão de a gente falar “não” e a outra pessoa entender que não é não. [...] Mesmo quando temos trabalho, formação acadêmica, especialização, ainda somos vistas como um sexo frágil, e qualquer coisa que a gente queira debater ou conversar vira questão de drama e de TPM. Não é questão de drama e TPM, a gente só não aceita mais as coisas como eram antigamente. [...] Ser mulher é ser [...] muitas vezes mais forte do que os homens, porque a gente faz muito mais coisas, passa por milhões de coisas e ainda consegue fazer tudo. (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

O dinheiro é visto como facilitador para a concretização dos projetos pessoais, ao mesmo tempo em que as jovens o relacionam ao trabalho e aos estudos, pois possibilita trabalhar naquilo que se deseja ou estudar para alcançar o emprego almejado. Moana (ILL) e Jasmine (AD) falam sobre a importância que o curso superior tem para suas vidas e para as buscas por melhorias financeiras. Há um investimento na formação acadêmica esperando que este se reverta em ganhos no trabalho; porém, Merida (IC) também explica que a realidade é mais complexa e difícil, pois mesmo formadas aparecem novas exigências, por exemplo, na pós-graduação ou em experiências prévias, gerando um ciclo de “decepções”, pois para ter um bom emprego é necessário estudar, mas para estudar precisam de dinheiro, e as empresas geralmente não contratam quem não tem estudo ou experiência. Para conseguir um emprego é

preciso ter escolaridade, “mas pra terminar os estudos você precisa de um emprego”. Trata-se de um ciclo: “estudar pra ter um emprego, trabalhar pra ir pagando os estudos” (Esmeralda, AD).

Moana (ILL) já concluiu o curso de Pedagogia, que Jasmine (AD) está frequentando no momento, mas ambas sonham em juntar dinheiro para poder também fazer Psicologia, curso escolhido por Tiana (AD), Merida (IC) e Esmeralda (AD). Como já citado, observamos nas jovens a predominância das profissões relacionadas ao cuidado, que se expressa tanto em profissões na área de saúde mental e corporal (Merida, IC também é esteticista e Anna, CCB estuda para ser enfermeira) quanto na docência (Mulan, CCB, planeja ser professora universitária) e educação infantil (como Moana, ILL, e Vanellope, IC, que já atuam como educadoras).

Apenas Cinderela (CCB), que cursa Engenharia de Qualidade, destoa no que se refere à escolha de profissões relacionadas ao cuidado. Psicologia, Enfermagem, Estética, Pedagogia e Letras são socialmente lidas como profissões femininas e cursadas principalmente por mulheres (MEC, 2018; PEREIRA, 2021), pois sua realização se dá sobretudo na atuação junto a crianças, estudantes ou outras mulheres, sendo este um espaço possível nos parâmetros estabelecidos – por homens – para as capacidades de uma mulher. “A trabalhadora é vista como uma figura totalmente passiva e indefesa. Essa visão está associada, direta ou indiretamente, à vontade de direcionar a mulher à esfera da vida privada” (PÁTARO; MEZZOMO, 2016, p. 38).

A feminização de algumas áreas ou campos profissionais aparece nos Estudos Feministas em um espaço de crítica, visto que essas profissões geralmente são vistas como menos lucrativas ou pouco interessantes para os homens. A sociedade e a cultura exercem influência na constituição individual e há representações sociais que predominam em dado momento histórico, afetando as escolhas dos indivíduos e a posição que ocupam na sociedade (PÁTARO; MEZZOMO, 2016). Há discursos sobre o que é *ser mulher* e o que é esperado de uma “essência feminina”, sendo esta relacionada ao cuidado, à maternagem¹⁷, à família e ao doméstico (BUTLER, 2015), inclusive no campo do emprego.

¹⁷ Enquanto a maternidade diz respeito à relação consanguínea entre mãe e filho e aos cuidados básicos de alimentação e educação, a maternagem diz respeito às práticas específicas de afeto, cuidado e acolhimento da mãe para com seus filhos, no sentido do amor incondicional, dos sacrifícios e devoção que socialmente se espera das mulheres-mães (WINNICOTT, 1983). Trata-se de um conceito pós-moderno que coloca em debate os valores e ideais sociais sobre ser mulher e os significados de ser mãe em determinado contexto cultural e histórico – ou seja, a maternidade é atemporal e biológica e a maternagem inclui aprendizagens e valores temporal e socialmente localizados e variáveis (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014).

O Censo da Educação Superior (MEC, 2018) aponta que os cursos mais procurados por mulheres são: Pedagogia, Direito, Administração, Enfermagem, Ciências Contábeis, Psicologia, Serviço Social, Fisioterapia, Recursos Humanos, Arquitetura e Nutrição. Trata-se de profissões ligadas ao bem-estar e à saúde, bem como a atuação em problemas sociais e amparo aos necessitados (PEREIRA, 2021). Essas justificativas aparecem também na fala das entrevistadas, e podem evidenciar que as escolhas individuais são orientadas também por fatores sociais, aprendizados, questões de gênero e até mesmo por estereótipos que naturalizam o que é esperado de homens e de mulheres (BUTLER, 2015).

Porém, ao analisar esses dados e confrontá-los com a história de vida das jovens, percebemos que não se trata apenas de uma “inclinação feminina” ou de uma orientação social e de gênero para determinada profissão, mas de uma escolha complexa que envolve, também, a busca por melhores condições de vida, estabilidade e recursos para um futuro mais confortável, sem deixar de considerar as limitações ou possibilidades financeiras e sociais atuais.

[...] a gente fala que dinheiro não é tudo, mas a gente precisa pra ter um conforto maior... Eu gostaria de ajudar minha mãe a terminar de construir a casa dela, ter conforto, ter segurança de conseguir pagar a faculdade até terminar, pensar que eu vou conseguir estabelecer um futuro com esse dinheiro. Então eu gostaria de mudar a questão financeira (ESMERALDA, AD. **Entrevista**, 2020).

A questão econômica se coloca como crucial para entendermos a abordagem de classe, que considera que as mulheres com menor poder aquisitivo tendem a buscar profissões, empregos e áreas do conhecimento também de menor retorno financeiro (hooks, 2020), pois não possuem o capital inicial necessário para investir em outras áreas – como nas engenharias e na medicina, que embora estejam entre as 15 profissões mais procuradas pelas mulheres (MEC, 2018), também possuem o maior índice de desistência do público feminino, devido aos impasses de conciliar os estudos e as demais demandas da vida ou à dificuldade de pagar a mensalidade ou arcar com os custos da graduação (PEREIRA, 2021).

Além disso, o recorte de gênero e classe exige um olhar para a raça, pois há diferenças consideráveis na vivência de mulheres brancas e negras, ainda que de um mesmo estrato social (DAVIS, 2016). Entre as entrevistadas, Moana (ILL) é negra e Esmeralda (AD), Jasmine (AD) e Tiana (AD) se autodeclaram pardas¹⁸, e são elas que abordam a necessidade

¹⁸ Na entrevista, a pergunta sobre autopercepção racial era aberta, isto é, não foram dadas alternativas de resposta, de forma que optamos por manter a fala das jovens sobre serem “pardas”, porém, identificamos este

de ter mais estabilidade financeira e melhores condições econômicas para organizar a própria vida e auxiliar os familiares. Já para as jovens brancas (as três da Congregação Cristã do Brasil, as duas da Igreja Católica e uma da Igreja Luterana Livre), o dinheiro está associado à “liberdade” e “independência”, conforme relatam ter aprendido de seus pais que, embora pobres, apresentam situação financeira mais confortável (ambos os genitores trabalham e a renda mensal é mais estável).

Tiana (AD) explica que gostaria de ganhar três a quatro vezes mais do que ganha hoje, pois sabe que o padrão de vida que quer levar, com uma casa grande, muitos filhos e várias viagens “não é barato”. Jasmine (AD), por outro lado, diz que está conformada com não poder viajar tanto quanto gostaria, “porque não tem dinheiro”, mas acredita que um emprego bom com um bom salário a permitiria, pelo menos, estudar mais e construir a própria casa. Essas falas relacionam-se à pesquisa de Minella et al. (2017, p. 182), que abordam que os jovens que têm percepção do dinheiro como tema complexo e com múltiplas finalidades geralmente fazem economia pessoal e com isso conseguem adquirir “bens que satisfaçam suas necessidades básicas e que lhes proporcionem conforto”.

Quando citam a moradia, todas concordam com o sonho da “casa própria”, tendo como base as conquistas familiares: com exceção de Aurora (ILL), todos os pais possuem residência, ainda que construída no terreno de outros familiares, como é o caso de Moana (ILL) e Tiana (AD). A casa dos sonhos é definida como um local grande, arejado, de paredes claras, bem iluminada e com móveis planejados para todos os cômodos – o que, novamente, implica em condições financeiras melhores, ou, como diz Tiana (AD), “ter um bom dinheiro” para “ter uma vida mais estabilizada”. Minella et al. (2017) explicam que o exemplo dos pais é fundamental para uma vida financeira saudável, visto que há uma propensão dos jovens a contrair dívidas quando não recebem algum tipo de educação financeira, pois estão inseridos em uma sociedade consumista e materialista. Logo, a cultura de manejo do dinheiro depende do tipo de valor atribuído a ele pelos familiares.

Neste sentido, para Jasmine (AD), ter a “casa dos sonhos” é uma vontade por hora adiada, pois depende das condições financeiras, logo, há um caminho a ser trilhado para este objetivo: primeiro um emprego que permita estudar, depois a faculdade, então um trabalho

como um tema problemático dentro dos estudos raciais. No entendimento de Silva e Souza (2019), o termo, que inclusive ainda é utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tende a minimizar as características ou atributos físicos do grupo negro, estabelecendo como padrão o grupo branco. Logo, aqueles que se identificam como pardos geralmente são negros de pele mais clara e que podem ser socialmente lidos como brancos em determinados espaços, principalmente quando comparados com negros retintos. Recorrendo a Foucault (2015), podemos tentar assimilar de que maneira se construiu o discurso de raça em nossa sociedade, visando compreender os impactos para a subjetividade dos indivíduos, principalmente entre a população negra. Este não é o objetivo desta pesquisa, mas julgamos necessário fazer essa breve problematização.

melhor e mais estável, a reserva financeira, e a realização dos objetivos. Vincenzo (2020) explica que a compra de um imóvel ou de um carro é um símbolo de segurança, principalmente entre as classes mais pobres e a população da periferia, pois significa a aquisição de um bem durável. O autor identifica a existência de programas governamentais de financiamento imobiliário, que podem auxiliar os jovens na conquista da casa que desejam, porém, também destaca que os jovens podem optar por continuar morando com os pais para poder economizar dinheiro.

Na percepção das jovens, a estabilidade se daria principalmente por meio de concursos públicos, que são almejados por Aurora (ILL), Jasmine (AD), Cinderela (CCB), Mulan (CCB) e Moana (ILL) após concluírem seus estudos. O alongamento do processo de escolarização de que fala Sennett (2009) aparece nas trajetórias das entrevistadas, visto que apenas uma delas não pretende cursar o Ensino Superior, e as demais já estão na faculdade e objetivam fazer também pós-graduação. Entendemos isso como a tentativa de adquirir novos conhecimentos e habilidades para se inserir em um mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo, pois o emprego é visto como necessidade para melhoria da qualidade de vida.

As condições econômicas também influenciam na escolha dos cursos e das universidades, o que corrobora os dados do IPEA (2018) e do IBGE (2018) sobre a maioria dos jovens optarem por instituições privadas ou à distância por falta de acesso às universidades públicas ou aos cursos considerados “de elite”, como é o caso de Psicologia, citado por Esmeralda (AD), Merida (IC) e Tiana (AD). Ao dizer que “seu sonho sempre foi cursar Psicologia”, Esmeralda (AD) cita que “valoriza imensamente a oportunidade”, por saber que é um curso caro e que está tendo aprendizados importantes. Jasmine (AD) e Aurora (ILL), por outro lado, escolheram um curso mais barato porque “não tinham condições de pagar” e optaram por estudar na universidade pública¹⁹, mas pretendem investir em uma segunda formação. Nesse sentido, Mezzomo e Pátaro (2015, p. 33) identificam que a universidade pública, antes frequentada principalmente pelas “classes sociais mais favorecidas e elites intelectuais”, hoje vivencia um processo de democratização, principalmente devido às políticas de acesso implementadas na última década.

¹⁹ A oferta de Ensino Superior em Campo Mourão se realiza em duas universidades públicas (Universidade Tecnológica Federal do Paraná –UTFPR e Universidade Estadual do Paraná-Unespar), três faculdades privadas de modalidade presencial (Centro Universitário Integrado, Faculdade União de Campo Mourão e Instituição de Ensino Superior de Maringá –UniCesumar) e diversas faculdades semipresenciais e de ensino remoto (como a Unyleya, Estácio, UniBR, Positivo, Uninter, entre outras). A UTFPR conta com cursos de engenharias e tecnologias, tendo um público em sua maioria masculino. Já a Unespar e as demais faculdades têm cursos de licenciatura e bacharelado, e a maioria dos alunos é do sexo feminino (MEZZOMO; PÁTARO, 2015). Há um aumento pela procura dos cursos semipresenciais ou à distância (CASTRO et al., 2018), e não foram encontradas diferenças significativas no prestígio dos cursos se comparado em diferentes modalidades de ensino.

Já Moana (ILL) e Mulan (CCB) falam que, independentemente do local de formação, o grande diferencial será a pós-graduação, também buscada por Esmeralda (AD), que reflete que “a faculdade ainda vai demorar três anos para acabar” e depois tem “a especialização, mestrado e doutorado”, sendo estes momentos de “aproveitar bem a vida” e se divertir enquanto planeja e constrói o próprio futuro. Mulan (CCB) diz que, no futuro, quer trabalhar menos, deixando as horas extras e o segundo emprego no final de semana, para ter uma “vida mais calma” e na qual tenha mais tempo para estudar e se dedicar ao que gosta. Esse também é o plano de Anna (CCB), que diz ter uma “rotina muito frenética” de estudo, estágios, trabalho, investimentos no futuro, atividades durante todos os dias da semana.

Jasmine e Tiana (AD) querem ter mais tempo para viajar, porém, a primeira pretende organizar sua rotina ao passar em um concurso público para ter uma carreira segura e estável, enquanto a outra está investindo em ser *digital influencer*, sendo este um campo incerto e que exige maiores investimentos financeiros na compra de materiais. Por outro lado, Tiana (AD) é a que atualmente possui o emprego melhor remunerado, recebendo mais de dois salários mínimos, e é também a mais descontente, pois diz que já possui uma reserva financeira e que quer aumentar em três vezes o seu rendimento para alcançar maior “estabilidade”. Em seguida, pretende ter mais “liberdade”, o que a permitiria trabalhar com aquilo que realmente gosta: produção de conteúdo nas redes sociais.

Como a própria Tiana (AD) explica, é preciso ter estabilidade antes de buscar a liberdade, o que geralmente implica uma reserva financeira e a resolução das necessidades básicas e existenciais mais urgentes, sendo necessário um “emprego fixo”. Só depois é possível “ser mais nômade” e buscar aquilo que realmente gosta. Jasmine (AD) parece completar o argumento ao dizer que ninguém precisa ser rico, mas ter o suficiente para “poder viajar e curtir um pouco”, dentro e fora do país; porém, a subsistência é mais urgente e precisa ser resolvida, de forma que os demais caprichos ou luxos são vistos como “ainda mais difíceis” até que se alcance um trabalho estável.

Retomando os valores relativos ao trabalho citados por Sousa e Colauto (2020), percebemos que há uma valorização da criatividade e da criação em detrimento de atividades consideradas mecânicas ou automáticas, o que é facilitado pelos avanços tecnológicos e fortalecimento das redes sociais. De acordo com Oliveira Júnior (2020), a contemporaneidade marca um avanço do Terceiro Setor no mercado de trabalho, o que significa o crescimento dos serviços e do empreendedorismo, quando as pessoas são convocadas a desenvolver seus próprios empreendimentos de negócios, inclusive por meio das tecnologias.

Neste sentido, torna-se possível, por exemplo, obter renda de patrocínios por produzir conteúdo virtual. Este é o caso de Tiana (AD), que possui um emprego formal na secretaria de uma faculdade apenas como alternativa para poder se sustentar, enquanto seu verdadeiro sonho é trabalhar como *digital influencer* no Youtube e Instagram, criando vídeos sobre organização e estilo de vida. Seu objetivo é obter rendimentos financeiros a partir das indicações que faz e da monetização das visualizações de seus seguidores (OLIVEIRA JÚNIOR, 2020). Já Aurora (ILL) e Moana (ILL), que também produzem conteúdo para o Instagram, falam sobre vida religiosa e fé em Deus, mas explicam fazê-lo apenas como um *hobby*, pois consideram muito difícil e instável ganhar dinheiro pela internet.

Tanto Tiana (AD) quanto Aurora e Moana (ILL) possuem redes sociais profissionais, nas quais atuam com evangelização, conselhos e direcionamentos para jovens mulheres. Faz parte do plano de vida delas investir mais nesses espaços, mesmo que não tenham o objetivo específico de obter retorno financeiro, pois querem contribuir para o acolhimento de jovens e para a “disseminação” da palavra de Deus. Ao produzir conteúdo *online* voltado para a evangelização, as jovens aproximam-se do teorizado por Ferreira (2014), o qual aborda as práticas de supervisão e de inserção das igrejas em diferentes espaços, inclusive na criação e utilização de redes sociais, que são espaços privilegiados de uso entre os jovens.

Moana (ILL) e Aurora (ILL) explicam que querem poder ajudar outras meninas da mesma faixa etária, no que se refere à “autoestima, ansiedade, dificuldades na família” e outras questões. Por serem temas delicados, as jovens destacam a importância de ler, estudar muito e buscar a orientação de Deus. O atendimento voltado principalmente para “as pessoas necessitadas e pessoas da própria igreja” aparece também como sonho de Tiana (AD), que pretende cursar Psicologia para aperfeiçoar os dons que já identificou possuir na igreja.

Já Merida (IC) pretende abrir uma clínica de estética e psicologia, na qual possa oferecer um cuidado “ao ser humano como um todo”, não só nos aspectos corporais e estéticos, mas também emocionais e psicológicos. Sua escolha pelo curso de Estética veio da observação de que as mulheres precisam melhorar sua autoestima, precisam se cuidar e se embelezar mais, sem deixar de lado a própria saúde. A jovem justifica que a comunidade mourãoense possui muitos casos de depressão, que é um dos males dessa época, por isso, na “clínica que pretende ter futuramente”, diz que vai “buscar e trabalhar com terapias alternativas para ajudar nos casos de depressão”.

Tanto Tiana quanto Merida parecem se inserir na chamada “psicologia cristã”, um tensionamento bastante criticado por pesquisadores como Lionço (2017), que advertem para a necessidade de manter a ética, a laicidade e a recusa de fundamentalismos. O discurso

religioso acaba entrando em conflito com temas sociais, como o feminismo, aborto, homossexualidade, entre outros, o que pode gerar dificuldades. A reivindicação de uma psicologia cristã não encontra respaldo no Código de Ética da Psicologia, que exige um posicionamento isento por parte dos profissionais, de forma que é possível aos indivíduos expressarem suas crenças, porém, o psicólogo deve fazê-lo longe do *setting* terapêutico, pois o atendimento visa exclusivamente a percepção e vivência do paciente/cliente (MACEDO; SÍVORI, 2018).

Entendemos, assim como Haraway (1995), que não é possível alcançar a neutralidade e a imparcialidade, pois a Psicologia não é uma ciência exata e objetiva, é feita a partir de seres humanos que possuem posicionamentos e crenças. Por isso, o preceito religioso que aparece nas vivências das jovens provavelmente irá compor e influenciar seu agir profissional, tal como elas mesmas abordam ao falar sobre os “dons” e direcionamentos divinos que possuem, o que pode ser um problema se não for administrado de maneira ética (LIONÇO, 2017). Embora elas reconheçam as relações desiguais de gênero, partem de um olhar heteronormativo e que ainda tem nuances conservadoras (MACEDO; SÍVORI, 2018) que precisam ser melhor exploradas.

Jasmine (AD) fala que não sabe se irá exercer a profissão para a qual está estudando, porém, caso realize, pretende ser uma boa professora por entender que exercerá influência sobre a vida dos seus alunos, que poderão “ser alguém na vida e pessoas melhores no futuro”. Já Esmeralda (AD), que está “fazendo duas faculdades [Psicologia e Pedagogia] ao mesmo tempo”, diz que é porque “quanto mais a gente aprende, mais a gente consegue transmitir para os alunos”. Também Tiana (AD) destaca a importância do estudo e do “investimento de tempo” na leitura e meditação sobre os temas que serão abordados por ela. Além disso, há o investimento financeiro no material e equipamentos necessários para seu futuro trabalho.

Observamos que o trabalho é bastante associado ao dinheiro, à possibilidade de serem independentes e de possuírem um emprego fixo (como um concurso público) que lhes garanta estabilidade. Nesse sentido, analisamos que se trata de um projeto dentro de um campo de possibilidade existente, porque não é visto como escolha pessoal, mas como obrigação ou necessidade, algo que precisa ser feito para que outros projetos possam ser realizados. Por outro lado, esses projetos incluem novas profissões, sendo estas futuras fontes de realização pessoal ou formas de engajamento em uma atividade que lhes permita fazer a diferença no mundo. Desta forma, percebemos a busca por empregos que se aproximam da personalidade e dos demais desejos das jovens, em especial no que se refere à evangelização e cuidado com o próximo.

3.2.3 A busca por uma vida melhor

Abordamos o casamento, conquista da casa própria, formação da família, investimento na educação e especialização para o trabalho, e a busca por melhores empregos como principais sonhos das jovens. Trouxemos algumas relações entre seus projetos de vida e suas histórias familiares e trajetórias religiosas, identificando que a denominação religiosa parte de uma escolha ou experiência familiar, sendo que ambas – igreja e família – geralmente ditam possibilidades de comportamento e relacionamento amoroso. Ao mesmo tempo, as famílias aparecem como influência na valorização da independência financeira e na construção de uma situação mais confortável. Observamos que, de maneira geral, o principal objetivo parece ser a busca por uma “vida melhor”, na qual as jovens possam se realizar enquanto indivíduos, mas pela qual possam também promover mudanças no mundo, por meio da evangelização e cuidado com o próximo.

Destacamos a existência de um campo de possibilidades e de expectativas sociais e individuais que incidem sobre os planos futuros (VELHO, 2003) e que pode inclusive ser identificado pelas jovens. Tendo isso em vista, neste tópico buscamos sistematizar os conteúdos já discutidos a respeito dos projetos de vida das entrevistadas, tecendo considerações sobre a presença da religião, da família e de outros processos educativos e sociais nesses projetos.

Quando questionadas sobre a forma como elas mesmas interpretam seus projetos de vida, as respostas trouxeram elementos da personalidade, identidade, e identificações com a família, os grupos sociais e as igrejas:

Eu quero ser uma pessoa de luz, onde eu realmente possa levar luz àqueles que não tem, tanto no sentido espiritual, quanto no sentido profissional. [...] **Nossa sociedade vive hoje com essa doença, a depressão, e as pessoas estão vivendo na escuridão, então eu quero ser luz** [...], mostrar que existe uma saída e uma cura para elas (MERIDA, IC. **Entrevista**, 2020).

[...] o que me motiva é tentar ajudar de alguma forma, [...] Por exemplo, com uma conversa. [...] Tô tentando mostrar Deus. A gente sabe que muitos adolescentes estão nessa *vibe*, **e eu como cristã tento passar minha visão como futuro psicóloga, futura professora, e serva de Deus para a vida deles. E esse é o principal motivo pelo qual eu estou sempre ajudando: a preocupação com a saúde mental desses jovens dentro das igrejas. [...] para eles poderem pensar que a saúde mental é importante, que terapia é bom, que a gente precisa ter Deus na vida**, mas uma terapia também pode ajudar. [...] não é bem o Diabo, vamos conversar pra ver se você está passando por alguma coisa. [...] se for mesmo espiritual a gente pode orar juntas; [...] se não eu vou encaminhar pra psicóloga (ESMERALDA, AD. **Entrevista**, 2020).

[...] como professora, eu quero fazer algumas coisas diferentes, eu quero que eles [os alunos pré-adolescentes] pensem mais... porque meu trabalho com eles estava envolvendo muitas coisas sobre autoestima, preconceito, *bullying*, porque eles estavam vivendo muito disso na escola; e foi algo que nós sentamos e conversamos, foram assuntos que eles mesmos pediram (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

[...] pra gostar e fazer a obra de Deus, tem que gostar de gente. Até lidar como psicóloga, a pessoa tem que gostar de gente (TIANA, AD. **Entrevista**, 2020).

Nos fragmentos acima, é interessante considerar a escolha das palavras, pois há termos das futuras profissões – saúde mental, ser professora, ser psicóloga, depressão, autoestima – que mobilizam conteúdos específicos da vida acadêmica; termos da própria vivência jovem – como motivação, “tô tentando”, *bullying*, *vibe*, “tem que gostar de gente”; e termos religiosos – *ser luz*, “sentido espiritual”, “serva de Deus”, “obra de Deus” – que estão relacionados aos aprendizados que tiveram nas igrejas.

Além disso, um dos principais objetivos das jovens no que se refere aos seus projetos para o futuro é trabalhar em áreas de cuidado com o próximo e também nas suas igrejas nos ministérios de evangelização. Tal como teorizado por Gomes (2015) e Santos (2014), observa-se uma influência da religiosidade na esfera privada, mas com ênfase social, visto que possibilita a socialização e o engajamento em projetos sociais, e valorização da vida comunitária. Porém, as jovens entendem que essas atividades precisam ser “permitidas por Deus” (Tiana, AD), logo deve haver oração e preparação até que Deus oriente o pastor da igreja, para que este possa solicitar o trabalho específico da jovem.

Agir por conta própria ou com egoísmo é visto pelas jovens como um pecado que deve ser combatido, por isso há a valorização das experiências grupais e do cuidado com a coletividade, o que parece demonstrar a atualidade das considerações freudianas sobre a religião, sendo esta uma possibilidade de domínio dos instintos individuais em prol do grupo (FREUD, 1927). Como explica Jasmine (AD), quem “é da igreja procura sempre ser melhor, pensa se está agradando a Deus. Sendo o melhor para si mesmo, você também é melhor para o outro, você se sente bem fazendo o bem para o outro”.

Por isso, como já citado, chama a atenção o fato de as entrevistadas buscarem estudos e profissões relacionados aos projetos que desenvolvem nas igrejas, em especial com crianças, adolescentes e jovens. São jovens mulheres que se preocupam com as juventudes e que compreendem o cuidado com o próximo como uma forma de evangelizar e promover sua fé em Deus. Há uma reorientação ou uma nova possibilidade de entender as profissões relacionadas ao cuidado, até então vistas pela perspectiva de gênero como empregos que

operam na lógica feminina; porém, no caso das jovens, essa orientação vai além do gênero e se agrega à instituição enquanto fonte de proteção e à fé como fonte de segurança. A religião, enquanto busca individual, acaba sendo também uma via para aprenderem a olhar para o outro e para pensarem em projetos que contemplam o coletivo. E isso é feito sem que descuidem de si mesmas, pois, conforme visto nos eixos anteriores, em que tratamos do trabalho, da profissionalização e da valorização dos estudos, além do cuidado com a saúde mental, não há uma doação completa, como em geral é cobrado da mulher, mas sim uma dinâmica relacional na qual todos os envolvidos são vistos como igualmente importantes.

A cada dia que passa eu aprendo a ter mais fé nas coisas e nas pessoas. Por mais que muita gente às vezes me fale que não vale a pena, [...] que não vai resultar em valor para mim, que as pessoas não vão nem valorizar e nem lembrar do que eu fiz. O que importa é eu lembrar e estar bem comigo. Então a minha fé e a valorização pessoal de mim mesma é o que eu tenho aprendido (CINDERELA, CCB. **Entrevista**, 2019).

Aprendi a não julgar o outro, acredito que dentro disto está a parte do *bullying* também, porque cada um tem os seus defeitos, as suas qualidades, as suas características. E respeitar até aqueles que estão no nosso meio, ao nosso redor, mas que não tem o mesmo entendimento [religioso] (MULAN, CCB. **Entrevista**, 2019).

No mesmo sentido, Vanellope (IC) explica que a convivência na igreja foi crucial para “aceitar a diferença do outro”, para vencer o “egocentrismo absurdo” em que ela vivia como filha única, para entender que no mundo existem outras pessoas, outros seres humanos que necessitam ser olhados e ouvidos. Também cita que a comunidade religiosa contribuiu para quebrar seu orgulho, seu nervosismo e seu estresse com as situações do cotidiano, pois hoje se sente mais preparada para entender e ter empatia pelas pessoas.

Já Esmeralda (AD) cita que a igreja a influenciou “no sentido de eu perceber que estou na área certa” pois, no trabalho com adolescentes, ela é capaz de “transmitir o que sabe e consegue” a respeito de saúde mental. A jovem também explica que suas atividades religiosas a ajudaram em outros aspectos, por exemplo, como “abrir espaço para falar”, o que contribuiu para vencer a vergonha de se expressar em público. Já Aurora (ILL) explica que a igreja auxiliou na identificação dos seus dons: a habilidade com as palavras, a empatia com o próximo, a dedicação para aprender a tocar instrumentos musicais e a falar com pessoas diferentes.

Há então os aprendizados que as jovens acionam ao pensar sobre as influências da religião em suas vidas: Moana (ILL) fala sobre “ter compaixão, olhar o outro, tentar não

julgar, [...] ter empatia”, além de ter aprendido que não é necessário “ir a África pra fazer missão, tem missão aqui no bairro”, demonstrando que seu chamado para ser missionária implica muito mais em ajudar as pessoas que estão por perto. Cabe citar que a jovem mora em um bairro de periferia na Zona Oeste do município e que sofre com problemas sociais decorrentes da pobreza de sua população, o que tem justificado iniciativas públicas e privadas de apoio às demandas dos moradores. No mesmo sentido, Esmeralda (AD), que também mora em um bairro periférico, mas na Zona Leste, destaca iniciativas realizadas pela sua denominação para atrair e cuidar da população local: aluguel de brinquedos, realização de brincadeiras e projetos lúdicos para crianças, momentos de filme e bate-papo com adolescentes, distribuição de alimentos e refeições, entre outras.

Tiana (AD) pretende sair do Brasil, quer ir para a África e viver algum tempo como missionária internacional, trabalhando mais especificamente com “jovens que sofreram algum tipo de abuso e sofrimento mental”. Porém, pretende voltar ao país e, se for da vontade de Deus e do direcionamento pastoral, pretende ser líder de jovens para “trabalhar com essa juventude” no que se refere à saúde e às novas demandas. O mesmo é dito por Vanellope (IC), que, ao aceitar seu vocacionado como freira, pretende conhecer as missões da igreja fora do país, na África e em Portugal, e “florir onde Deus a plantar” por meio da ajuda aos mais necessitados.

As igrejas evangélicas têm grande participação na amenização ou combate às desigualdades sociais, e que uma das principais frentes de atuação é com a população mais pobre e marginalizada. A Igreja Católica também desenvolve ações nesse sentido, como as citadas por Merida (IC), que menciona a existência da iniciativa Fraternidade O Caminho, no qual os participantes desenvolvem trabalhos sociais “para acolher pessoas de rua, casas de acolhida para dependentes químicos e prostituição” (mais informações sobre a Fraternidade podem ser acessadas em <https://www.ocaminho.org/>). Vanellope (IC) também participa dessas atividades, prepara refeições e auxilia na coleta e distribuição de materiais de higiene e limpeza. Na justificativa das jovens, a igreja possui um “carisma acolhedor, de olhar o outro e querer cuidar” daqueles que são rejeitados pela sociedade, porque “costumam ver Deus nesses múltiplos rostos” (Merida, IC).

Esta também parece ser uma das principais contribuições das igrejas, pois o apelo à vida social e comunitária e o compartilhamento de valores possibilita a inserção e manutenção em um grupo social, o sentimento de pertencimento e maior segurança para fazer projetos e tomar decisões. Tiana (AD) reconhece essa influência ao dizer que a igreja lhe ensinou “a olhar em volta, a pensar nas necessidades das juventudes”.

Jasmine (AD) considera que é “muito difícil” aconselhar adolescentes, porque exige responsabilidade nos posicionamentos, fato que também é marcado por Mulan (CCB), que entende que as palavras erradas podem abalar e inclusive afastar os membros da igreja. Isso ocorre porque cada ação de uma mulher religiosa não é apenas dela, mas tem força de representação. Vanellope (IC) explica que quem “olha de fora” vê apenas o trabalho, o serviço, mas atrás de cada função existe um objetivo maior com a manutenção de toda a comunidade. Trata-se de uma “corrente de bondade”, na qual as pessoas ajudam umas às outras e fazem a diferença no mundo.

Aurora (ILL) pondera que a “sociedade não está bem” e que as pessoas precisam se conscientizar e “buscar mais de Deus”. Cabe refletir que, para essas jovens, o cuidado com o outro e a melhoria da sociedade se dão apenas pela religião, ou seja, as instituições religiosas atuam como mediadoras e fontes de evangelização e salvação para a sociedade. Não foram observados outros elementos envolvidos na criação de um “mundo perfeito”, mas esforços realizados por ou a partir das igrejas.

eu acho que mudaria um pouco a sociedade onde a gente vive, o meio, porque as coisas são muito complicadas. **O que falta nas pessoas hoje é empatia, compaixão, misericórdia divina...** e se isso fosse diferente, o mundo ia ser um lugar melhor (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020 – grifos nossos).

[...] qualquer um tem o dom da caridade, de ajudar o próximo, seja dentro ou fora da igreja. [...] **mas aqui [na igreja] não é exatamente de ajuda ao pobre, mas ao necessitado.** Muitas vezes você tem boas condições, mas não está em um momento bom da vida, e Deus dá a revelação e eles atendem. (MULAN, CCB. **Entrevista**, 2019 – grifos nossos).

[...] tem gente que fala que na igreja não tem divertimento, mas a gente se diverte muito, tem retiro, tem várias coisas para os jovens, para você se sentir bem, não apenas para se sentir atraído dentro da igreja, mas também para você buscar mais de Deus (JASMINE, AD. **Entrevista**, 2020).

Apesar de compreenderem as igrejas como fonte de trabalho social e desenvolvimento humanitário para a coletividade, as jovens também demonstram ambiguidades nas questões identitárias relacionadas à religião. Em alguns fragmentos, observa-se que a religião é tomada como solução ou alternativa mais plausível para os problemas humanos, porém, não é a alternativa que as próprias jovens recomendam ao considerar a própria vida ou suas relações, por exemplo quando elas falam sobre a procura por psicólogos, por profissionais, ou por empregos específicos, ou quando citam o adiamento do casamento (mesmo quando o pastor orienta para o matrimônio), a negativa de cargos e a resistência para aceitar missões na igreja:

Eu pretendo deixar o cargo de superintende, porque embora eu tenha gostado e aprendido muito, eu acho as pessoas um pouco mal-agraçadas. Porque mesmo você se matando, pra elas não está suficiente, [...] por eu ser mais nova, porque mesmo eu sendo professora formada, a pessoa tem vivência. [...] quando eu falo pra tentar fazer alguma coisa diferente, as professoras mais velhas dizem que já estão fazendo daquele jeito há anos, e eu tenho que explicar que as coisas estão mudando, as crianças não são mais as mesmas, [...] vêm cada vez mais agitadas e com mais problemas [...]. É tudo muito tradicional. As pessoas lá ficam travadas na tradição, mas o mundo está evoluindo e as pessoas precisam evoluir também (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

[...] eu não estava pronta, eu não consegui responder ao peso que seria o chamado para mim. [...] Porque a minha família não aceita o fato da vida religiosa, não aceitam o fato de que a filha única vai querer sair de casa, morar fora, virar freira, não casar, não ter filhos... porque vai acabar o nome da família, não vai levar pra frente. E tem essa pressão que a gente carrega nesse mundo machista. [...] Eu sinto que tenho responsabilidades com eles, que não iria me dedicar totalmente; porque é necessário o desapego [...] e eu não conseguiria me desapegar, [...] (VANELLOPE, IC. **Entrevista**, 2020).

A Fraternidade me ajuda bastante porque sempre me faz estar mais próxima de Deus, e me faz fazer as vontades dEle. Mas em algumas partes também tem me prejudicado, no sentido de ter bastante compromisso, porque quase toda semana tenho que estar presente em algum evento [...], então nunca passo com a minha família. Nessas partes tem me prejudicado porque me toma muito tempo. Mas foi uma escolha que eu fiz (MERIDA, IC. **Entrevista**, 2020).

Há uma conformidade no discurso, que dá ênfase à religião, mas pouca força nas ações, visto que as jovens investem mais do seu tempo e força no estudo e no trabalho. Esta pode ser considerada como uma contradição na religiosidade, ao mesmo tempo em que pode ser entendida como uma espécie de transgressão, pois outras esferas da vida são priorizadas, mesmo que as jovens não percebam ou não evidenciem essa relação. Tal como observado por Abramo e Branco (2008, p. 21), “existe um hiato entre a percepção da necessidade e do desejo de mudar o mundo e o engajamento real (ou disposição) para fazê-lo”, pois os ideais e valores de transformação social convivem com a alienação, falta de empenho e acentuação do conservadorismo. Os autores analisam que os jovens contemporâneos tendem a ser mais conservadores do que as juventudes anteriores, principalmente porque refletem tendências próprias da sociedade em que estão inseridos.

Especificamente quanto às personalidades e identidades, as jovens também identificam aspectos de influência familiar, social e religiosa, o que nos leva a pensar sobre a multiplicidade de fatores constituintes de um indivíduo, “assumindo que é a partir das narrativas que constroem as suas experiências (a partir de si mesmas, do lugar de onde falam e

do que tentam fazer ver” (DUARTE, 2015, p. 55). O primeiro deles é a própria família, que evoca sentimentos e experiências contraditórias: Esmeralda (AD) diz que não lhe foi “construída uma liberdade”, pois seu pai fez questão de ensinar que o futuro da jovem seria “aqui perto dos pais”, o que tem dificultado seus planos de estudar em outra cidade, como Maringá. Quando fala sobre seus planos de estudar e fazer uma especialização em outra cidade, a jovem pondera: “meu primeiro obstáculo vai ser meus pais”, que “dificultam a saída e o ficar longe”. A falta de carinho e intimidade com o pai gerou um apego maior da jovem com a mãe, uma mulher que sempre precisou trabalhar para sustentar a casa, o que gerou na jovem grande valorização pelo trabalho.

Moana (ILL), por sua vez, é a única jovem que reconhece e admira o pai. Diferente das demais jovens, que fazem diversas críticas à figura paterna, Moana vê no pai seu maior incentivador, porque mesmo analfabeto e “sem formação, tentou dar o melhor para mim e para o meu irmão, porque ele sabe que faz muita falta não saber ler e escrever”, o que levou a jovem a fazer faculdade e buscar especialização. Nesse mesmo sentido de valorização da família e buscas individuais, Mulan (CCB) se considera “madura”, por estar conseguindo conciliar seus múltiplos papéis: a filha próxima da própria família, a “boa filha” e próxima de Deus, a profissional que acaba de conquistar um bom serviço.

A relação entre pai e filha é ressignificada a partir da religião. Se no âmbito familiar há uma contraposição, sobretudo devido à falta de apoio, à ausência ou ao autoritarismo paterno, na igreja há um espaço privilegiado para o que as jovens consideram como um diálogo direto, para o acolhimento e a observação e auxílio nos planos de vida. Logo, é possível amenizar ou consertar as desavenças que possuem com essa figura paterna, pois Deus seria esse pai perfeito que nunca tiveram, e do qual Freud (1910) já falava. Já a mãe também é ressignificada enquanto amiga, companheira e confidente, o que, para as jovens da Igreja Católica, aproxima-se da figura de Maria, a mãe ideal de Jesus e que expressa um ideal de mulher. Na percepção de Anna (CCB), a maternidade é um “dom”, associado às dores e sofrimentos próprios da condição materna – o que explica sua vontade de ter filhos adotivos e não biológicos, porque o processo seria muito doloroso, mas que a maioria das mulheres deseja enfrentar para dar “continuidade ao nome da família”. Percebe-se, tal como teorizado por Miguens (2018), a força da mulher na perpetuação da sociedade e das tradições.

Moana (ILL), por sua vez, entende que as mulheres são peça fundamental na sociedade, porém, que ainda recebem muito descrédito, tanto por seu gênero quanto pela idade. Ela entende que o jovem é muito imediatista, impaciente e indeciso, mas que ao longo da vida se adquire maturidade para entender que tudo “tem um processo para se conseguir”,

que muitas vezes não é fácil e que depende da motivação recebida pelos adultos, que veem nesse jovem um ser capaz e responsável. Já Vanellope (IC) tem outros problemas, pois, devido à opção de não cursar uma graduação, sente que é “a única com essa idade, com 18 anos, que não faz faculdade”, por isso enfrenta grande pressão familiar e dos amigos para estar estudando ou fazendo “alguma coisa melhor da vida”. Diz que sente grande pressão e que as críticas que recebe não são construtivas, mas apenas aumentam sua sensação de insegurança e solidão por não se sentir apoiada.

Por isso, Anna (CCB) destaca o papel especial dado às amigas na juventude, já que auxiliam na sua identificação e caracterizam o que tem sido “a melhor fase” da sua vida. Também Vanellope (IC), que inclusive mora com duas amigas, destaca o papel e a proximidade do grupo de amigos para formar suas lembranças. Ela explica que ser jovem é “não ter medo de nada”, encarar os próprios receios, porque cada história e informação obtida agora vai gerar uma lembrança. Estas lembranças, por sua vez, constituem a identidade das jovens e são cruciais para que elas entendam quem são e o que querem.

O bom de ser jovem é não ter responsabilidades, porque não tem a própria casa pra morar e cuidar. Porque você quer viver coisas novas, aprender coisas novas, ter novas experiências. A gente quer muitas coisas (AURORA, ILL. **Entrevista**, 2020).

Trata-se de uma fase da vida entendida como um “pico de energia”, sendo este essencial para a realização dos projetos pessoais. Para Moana (ILL), o jovem é imediatista, mas, diferente da adolescência, já é capaz de entender que os planos possuem um processo para serem alcançados. Já para Cinderela (CCB), “o bom de ser uma mulher jovem é ter força e disposição”. Sua concepção positiva é derivada da “história dos pais, da construção que eles fizeram”, porque sempre planejaram o futuro, sabiam o que queriam da vida e lutaram para conquistar seus projetos, sempre amparados pela orientação divina.

Observamos, então, que a divindade é fonte de resposta e auxílio nas ambições pessoais, por exemplo, quando Esmeralda (AD) e Merida (ILL) dizem se sentir muito cansadas por estarem trabalhando e se esforçando muito, chegam em casa exaustas e por isso pedem a ajuda de Deus para não desistir e ter força e ânimo para os próximos dias. A fé em Deus se expressa, então, como fonte de suporte e consolo para lidar com as dificuldades do dia a dia, embora não tire das jovens o seu protagonismo das conquistas e realizações. Tiana (AD) entende que não é papel de Deus lhe “dar” aquilo que ela pede, pois “no geral Deus aprova” aquilo que é pedido em oração, mas se trata de conhecer as próprias características e

o que quer para o seu futuro, e então pedir para que Deus lhe dê as oportunidades e a aproxime de pessoas que tenham propósitos parecidos.

Para Prates (2014, p. 398), há “um deslocamento das grandes narrativas religiosas sustentadas na promessa de salvação [...] para articular as questões do cotidiano, [...] bênçãos e vitórias do dia a dia”; em um processo que Hervieu-Léger (2015) chama de desregulação institucional, pois as formas institucionais dominantes são deixadas de lado em prol da expansão das possibilidades de inserção particular, que responda aos anseios individuais não respondidos pela ciência e pelo desenvolvimento moderno. Logo, como resume Novaes (2013), a religião diminui o enfoque dado ao destino após a morte, para valorizar também as identificações, crenças individuais e possibilidades de projetar a vida no momento atual.

O agir de Deus passa a ser atrelado àquilo que as próprias jovens querem e ao que estão dispostas a fazer na própria vida para que alcancem as bênçãos e planos almejados. Vide a fala de Esmeralda (AD), sobre a importância de fazer a “sua parte” antes de pedir que Deus faça a d’Ele:

Quando eu era mais jovem, eu pensava muito naquela palavrinha que é “tudo o que pedir em meu nome, vos darei em Deus”, sabe? Então eu pedia muito [...] mas antes de você pedir, você tem que estar disposto a abrir mão de alguma coisa. Então eu sempre pensava que era necessário primeiro ter uma parte para mim, ter um momento de oração [...]. Com fé na palavra, tentando ter discernimento, a gente começa a ter outros olhos para as coisas (ESMERALDA, AD. *Entrevista*, 2020).

As demais jovens também identificam processos religiosos e influências divinas nas suas escolhas e ações, ainda que de maneira indireta, pois se trata mais de um direcionamento espiritual e por isso subjetivo, emocional ou psicológico, a partir do que as próprias jovens entendem por espiritualidade e fé – termos que não foram definidos por nós e nem por elas.

Tudo o que eu faço, sou direcionada por ele. Então, enquanto a gente está afastada, a gente não tem direção, sabe? A gente não tem perspectiva de uma vida melhor (TIANA, AD. *Entrevista*, 2020 – grifos nossos).

[...] na igreja a gente pensa mais em conjunto, em grupo, [...] na nossa igreja mesmo [a Congregação Cristã], a gente vai para estar próximo de Deus, **não se fala muito sobre o que você deve fazer.** Então pela igreja não existe essa cobrança [...]. **Mas por estar próximo de Deus sim,** [...] eu tenho certeza que **se eu me afastar de Deus, as coisas não vão ser como eu planejei.** [...] **Deus sabe o que é melhor para mim,** então eu posso estar planejando mil coisas e Deus está planejando trezentas outras coisas diferentes que serão melhores para mim (ANNA, CCB. *Entrevista*, 2019 – grifos nossos).

Não tá tudo 100% melhor, porque na vida cristã existem dificuldades, mas hoje eu tenho a certeza de que Deus está do meu lado e tudo vai ficar bem. [...] Quando eu voltei, eu não fiquei rica e nem mudei de vida. A igreja pra mim não serve para dar lucro. Mas eu senti minha vida indo pra frente [...] eu percebi que Deus nunca me deixou faltar nada, mesmo que eu não estivesse trabalhando. O que mudou foi que eu me vi crescendo de novo, mas é um crescimento espiritual e emocional, e até um pouco psicológico, porque a faculdade estava me sugando muito, eu ficava só trancada em casa, não queria sair; então voltar pra igreja me fez voltar a querer sair e conhecer gente (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

[...] não é nada bom viver sem Deus na vida (ESMERALDA, AD. **Entrevista**, 2020).

Deus está ali, mas você tem que buscar, porque Ele porque ele não vai simplesmente ultrapassar a sua vida sem você permitir (ESMERALDA, AD. **Entrevista**, 2020).

Pelas citações acima, podemos entender que Deus não é visto como figura autoritária ou impositiva, mas que expressa suas vontades ou orientações por meio do diálogo com as jovens (a oração e a vida comunitária na igreja), porém, cabe às jovens aceitar ou não essas influências. Talvez como forma de lidar com as contradições que aparecem na tentativa de conciliar os desejos pessoais com os dogmas religiosos, as jovens criam alternativas e justificativas, entendem o divino como “orientação” que pode ou não ser seguida, pois não é uma imposição, mas uma forma de cuidado. É a proximidade com Deus que permitirá às jovens ouvir seus direcionamentos. Ao mesmo tempo, a religião é vista como fonte de preenchimento, que traz segurança, satisfação e significado para a vida.

A vida religiosa também aparece como alternativa na pesquisa de Campanaro (2018), que analisa especificamente a vivência de mulheres pobres que sofreram violência doméstica, e que encontraram nos grupos religiosos o suporte emocional e cultural necessário resgatar uma percepção de força, família e comunidade. Já Santos (2012) compreende que a religiosidade assumiu papel decisivo na busca por melhor qualidade de vida, inclusive estando associada a resoluções mais efetivas durante a psicoterapia.

Foi com as pessoas da igreja que eu aprendi a persistência, a ter fé, a acreditar, a lutar e buscar pelas coisas. Eu sinto que a igreja foi uma base. Deus é tudo, e as pessoas na igreja me ensinaram que algumas vezes vai ter um não, que algumas vezes vão ter dificuldades, mas que eu preciso ter fé e acreditar, ir em frente cada dia sendo melhor (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

O cuidado desenvolvido pelas igrejas exige, primeiro, o confissão, tal como identificou Foucault (2015). Ainda que apenas a Igreja Católica possua o chamado

“confessionário” (espaço privilegiado para que os fiéis declarem seus pecados ao padre e obtenham a penitência e o perdão), as demais denominações possuem práticas específicas de controle, por exemplo, nas reuniões de jovens e na exigência dos pastores de que seus membros falem sobre seus relacionamentos e obtenham “permissão divina” para vivê-los. Nesse sentido, Esmeralda (AD) e Aurora (ILL) contam sobre a vigilância em seus namoros e a preocupação dos líderes sobre o início da vida sexual das jovens, de forma que opinam na duração dos noivados e falam sobre a importância de não postergar o casamento.

Além disso, há os conflitos geracionais, que são considerados normais ou esperados quando se fala da convivência entre diferentes faixas etárias, e que podem influenciar na definição e realização dos planos de vida. Vanellope (IC) é uma das entrevistadas mais jovens, tem 18 anos, e é a que mais critica as tradições e favorece o embate entre gerações, especialmente porque não tem o desejo de cursar faculdade, se casar, ou ter filhos – o que destoa das demais participantes. Ela explica seus planos para o futuro fazendo alusão ao papel social que se confere às mulheres:

[...] a gente cresce – a gente mulher – com um pensamento de crescer, estudar, fazer faculdade, arrumar um marido, casar, ter filhos e morrer; e quando você dá uma desviada, parece que um monte de fuzis de atacam e você não pode fazer nada. [...] E eu não posso fazer o que eu quero e não posso querer ser feliz. Isso é um saco (VANELLOPE, IC. **Entrevista**, 2020).

A mudança na perspectiva das jovens sobre o casamento perpassa trajetórias religiosas, familiares e principalmente individuais, o que parece estar especialmente ligado aos tópicos anteriores no que se refere às críticas feitas aos pais (figuras masculinas), à valorização dos estudos e à busca por autoconhecimento e autoaceitação:

Eu sempre tive uma ideia de “ser mulher” como ser submissa, ser dona de casa, ser mãe, ser parceira, carinhosa. Depois que eu consegui viver, depois que fiz faculdade, eu percebi que ser mulher vai muito além do que alguns papéis que nós mulheres vamos desempenhar ao longo da vida. Não desmereço quem vai ser mãe ou esposa, mas hoje em dia ser mulher vai muito além disso: é correr atrás dos nossos direitos, é buscar nos sentir completas na nossa profissão, com os nossos desejos. [...] A mulher vai atrás dos seus sonhos e luta por igualdade, não porque a gente quer ser melhor, mas porque a gente quer ter a mesma consideração e o mesmo respeito. [...] hoje em dia nós sabemos que nós, mulheres, somos donas dos nossos próprios corpos, desejos e das nossas vontades. Sabemos que tudo gera uma consequência, mas nós queremos ter a nossa liberdade (MOANA, ILL. **Entrevista**, 2020).

Tal como observado por Berto (2015), o conceito de liberdade parece ser utilizado de maneira contraditória pelas participantes. Mas, como citado por Morin (2005), a autonomia não se dá em termos absolutos, mas relacionais, porque depende do ambiente biológico, cultural e social. Há um entendimento de que essas inúmeras possibilidades e a busca por novos direitos também gera uma sobrecarga de trabalho para as mulheres, visto que suas funções tradicionais – de maternidade, serviço doméstico, cuidado – não foram eliminadas, mas se somaram às atividades de estudo, emprego, vida social e outros espaços que a mulher reivindica e ocupa. Para Anna (CCB), ser dona de casa é um clichê, que pode acontecer apenas se a mulher assim o desejar; porém, deve haver liberdade para que se façam outras escolhas. Já Mulan (CCB) resume que “ser mulher é ser mãe, ser filha, ser esposa, ser tudo de uma só vez”, ter que se organizar sozinha com todos os afazeres e “lutas”.

Para combater as violências de gênero, destaca-se a realização de atividades educativas, sendo que o chamado empoderamento feminino é a tentativa de dar às mulheres instrumentos de poder, como a educação formal, fonte de renda/trabalho, ocupação ou formação acadêmica e/ou profissional, possibilidade de produzir o próprio sustento, entre outras (LIRA, 2014). Oliveira, D. (2017) analisa que é necessário dar voz aos sujeitos femininos para tirá-los da invisibilidade histórica que lhes foi imposta. Já Miguens (2018) aborda a importância de criar coletividades femininas dentro e fora das igrejas.

Neste sentido, algumas palavras apareceram em todas as entrevistas, para se referir à definição de mulher: guerreira, batalhadora, pessoa forte e que não desiste daquilo que quer. Cinderela (CCB) fala ainda que “a mulher não para de lutar. É difícil ver uma mulher que desiste fácil de alguma coisa”, ainda que precise lutar “calada muitas vezes”; e Anna (CCB) explica que a mulher trabalhadora é aquela que “passa por cima de tudo” para realizar seus planos e sonhos, porque assume suas responsabilidades e sabe quem é, sabe onde quer chegar.

Como visto neste tópico, as contradições de ser uma mulher religiosa mesclam o feminino, na questão mais estereotipada das roupas, aparência, docilidade, a religiosidade, que impõe práticas de confissão, valores e regras, além de possibilitar um espaço de socialização, conforto e cuidado, e a juventude, como pico de energia e momento de definição do futuro profissional e familiar. E, junto com a religião, outras esferas aparecem como fonte de influência e identificação, aproximando-se no princípio dialógico de que fala Morin (1990), que implica em manter a unidade e a dualidade, ou seja, mesmo em espaços aparentemente antagônicos, eles podem ser complementares sem que isso se configure como uma contradição intransponível, porque os valores justapostos podem ser necessários um ao outro.

Além da multiplicidade de influências, observamos que os planos das jovens são traçados levando em consideração a busca por uma condição de vida considerada melhor do que a atual, no sentido de permitir mais estabilidade financeira, uma casa mais confortável, um emprego registrado, crescimento na carreira escolhida, além do bem-estar físico e mental, o que se dá por atividades coletivas, participação em projetos sociais, valorização da saúde mental, aproximação da família e, principalmente, da divindade.

Ao mesmo tempo, as jovens percebem o futuro como incerto, no sentido de que podem mudar a depender tanto dos acontecimentos presentes quanto da forma como esses mesmos planos vão se suceder – por exemplo, o casamento de Aurora (ILL) está condicionado à encontrar um emprego, assim como a compra da casa de Moana (ILL) e de Jasmine (AD). Já a profissão de Esmeralda (AD), Merida (IC) e Cinderela (CCB) depende da formação atual, que, por sua vez, está relacionada à condição financeira pessoal e familiar. E quando falamos sobre a indefinição do futuro, a instabilidade e as incertezas que caracterizam o período pós-moderno, podemos resgatar Prigogine (2003, p. 50), que vê o futuro de maneira otimista, pois identifica que “o passado é um passado de violência e de sangue”, enquanto o futuro ainda está em construção.

Um adendo pertinente ao campo de possibilidades

O campo de possibilidades, que contém elementos individuais e sociais (VELHO, 2003), também é um elemento central na realização dos projetos de vida, pois pode significar potencialidades ou limitações a serem enfrentadas pelos sujeitos. Nesse sentido, uma possível lacuna desta pesquisa é que as entrevistas foram realizadas entre novembro de 2019 e fevereiro de 2020, não contemplando o período da pandemia de Covid-19 no Brasil.

A pandemia implicou em novas formas de vida, ainda que passageiras, e estas gerarão repercussões futuras, podendo ser responsável pelo adiantamento, adiamento ou até mesmo cancelamento de determinados projetos e a elaboração de novos planos e significados. Por exemplo, nos planos da entrevistada Cinderela (CCB) havia a festa de casamento, que foi adiada devido à proibição de eventos desde março de 2020 e sem perspectivas de voltar ao “normal”; ou ainda exigiu de Moana (ILL) e Aurora (ILL) a busca emergencial por empregos para auxiliar na renda da casa; e impediu que Anna (CCB) fosse morar em outra cidade no momento.

Prigogine (1996) aborda o imprevisto como fonte de “caos”, no sentido de desorganizar ou exigir novos planos de vida. É neste contexto que podemos tentar entender os impactos de uma pandemia nos projetos das jovens entrevistadas; pois o estado de calamidade

pública e as exigências médicas e sanitárias impuseram novas formas de viver e se relacionar, como a ênfase na higienização dos objetos, uso de máscara, distanciamento social e quarentenas, com confinamento no ambiente doméstico.

Na análise de Borghi, Orrico e Mendes (2021), o contexto atual impõe desafios e os jovens precisam lidar com imprevistos e construir estratégias para lidar com sua condição juvenil e a construção de projetos. As desigualdades sociais foram acentuadas e afetam diretamente as condições de produção da vida, a permanência nos estudos e no trabalho. Os autores explicam ainda que:

As assimetrias nas condições de acesso aos meios de proteção, assistência à saúde e condições básicas de produção da existência, revela uma sociedade estruturada na lógica do capital, que prioriza a economia, mesmo que, para isso, tenha que sacrificar a defesa da vida humana. Isso faz com que exista uma grande contradição entre as demandas essenciais de enfrentamento da Covid-19 e as condições de possibilidades as pessoas em situação de pobreza, no que concerne à observância dos cuidados de prevenção recomendados (BORGHI; ORRICO; MENDES, 2021, p. 118-119).

Recorrendo à Bourdieu (2007), podemos entender que a sociedade hierarquizada prima distâncias sociais, logo, há espaços e bens públicos e privados que são acessados apenas pelas pessoas que possuem maior capital econômico e social – o que não é o caso das nossas jovens entrevistadas, que compõem a parcela de classe mais baixa e que não podem, por exemplo, manter um isolamento rígido porque ainda necessitam trabalho.

Além disso, também houve mudanças no mundo do emprego/trabalho, estudo e na manutenção dos relacionamentos sociais para além do âmbito familiar, e ainda nas vivências religiosas, pois há decretos locais que, em determinadas semanas do último ano (2020-2021), proibiram ou limitaram a realização de celebrações religiosas e “aglomerações” nas igrejas. Ainda assim, 39% dos jovens declaram ainda participar de algum grupo religioso, seja *online* ou presencial, pois as igrejas oferecem apoio e conforto emocional. Por outro lado, diminuiu a adesão à movimentos sociais e partidos políticos, e os jovens mostram-se mais desinteressados por esses temas (CONJUVE, 2020). Por outro lado, aumenta o potencial das “redes de solidariedade”, no sentido de aumentar o ativismo juvenil e de buscar alternativas para minimizar os impactos da falta de emprego e renda e para acessar os direitos até então negados pelo poder público (BORGHI; ORRICO; MENDES, 2021).

Outros temas ganham relevância para além dos posicionamentos partidários, como a necessidade de obedecer às orientações do distanciamento ao mesmo tempo em que precisam lidar com as próprias angústias, a ansiedade quanto ao futuro, e a necessidade de reorganizar a

rotina: as aulas presenciais foram suspensas, aulas virtuais foram implementadas e exigem a inserção do estudo e do trabalho remoto no ambiente doméstico. Ainda mais complexo é o cenário para aqueles que precisam ministrar as próprias vidas concomitante à atenção a filhos, pais e familiares (BORGHI; ORRICO; MENDES, 2021).

O IPEA (2021) afirma ainda que, devido à pandemia, os jovens estão enfrentando outras dificuldades. Além do colapso do sistema de saúde, alto índice de ocupação dos hospitais e mais de 520 mil mortes no país, os brasileiros vivenciam uma crise econômica decorrente sobretudo da má gestão dessa crise. Nesse cenário, aumentou a taxa geral de desemprego, empresas foram à falência, e os jovens viram a diminuição da sua renda, sendo que em 10% houve mudanças significativas na configuração das moradias e participação no rendimento da família e 27% pararam de trabalhar nesse período. Especificamente na faixa etária de 18 a 24 anos, 37% são totalmente dependentes em termos financeiros, 10% são financeiramente independentes, e 19% ainda conseguem auxiliar a família ou outras pessoas do mesmo domicílio. De forma geral, a renda pessoal continuou igual em mais da metade dos casos, porém a renda familiar diminuiu na mesma proporção (CONJUVE, 2020), o que pode indicar a necessidade de os jovens contribuírem mais em suas residências, inclusive buscando complementação, como auxílio emergencial, empregos temporários ou *freelance* (trabalho independente ou sem vínculo).

A taxa de desocupação subiu para 29,8% da população entre 18 e 24 anos, principalmente entre os negros, mais vulneráveis e com menor escolaridade: jovens trabalhadores que não possuem o Ensino Médio completo somam a maior parte dos desempregados, enquanto aqueles com graduação viram crescimento de 4,7% de ocupação (IPEA, 2021). A pesquisa do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE, 2020) observa ainda que 60% dos jovens tiveram alteração na sua rotina e na carga horária de trabalho, seja por redução, aumento ou parada temporária.

Falamos sobre emprego e renda porque estes figuram como temas centrais nos projetos de vida das nossas entrevistadas, e nesse sentido também identificamos mudanças no campo do estudo: 40% dos jovens está estudando nesse período, sem trabalhar; 18% trabalham mas não estudam, como é o caso de Vanellope (IL); 10% não estuda e nem trabalha; e nossas demais entrevistadas compõem os 32% que ainda trabalham e estudam no período da pandemia (CONJUVE, 2020). Cabe lembrar que os estabelecimentos de ensino municipais, estaduais e federais, seja a nível básico ou superior, estão com as aulas presenciais suspensas desde março de 2020, diferente das instituições privadas, que mantém seu funcionamento desde julho de 2020 em modelo híbrido, ou seja, fazendo parte das aulas

em casa (online) e parte presencial na escola ou faculdade. Em Campo Mourão, há previsão de retorno para o Ensino Básico na modalidade híbrida a partir de agosto de 2021, mas a decisão ainda está sujeita ao acompanhamento na diminuição dos casos de Covid no município. Quanto às universidades públicas, estas dependem de decisões estaduais ou federais, logo, de um outro conjunto de estatísticas.

Por fim, a pandemia escancarou as diferenças de gênero no acesso ou inserção na vida social e do trabalho: no período entre março de 2020 a março de 2021, o desemprego masculino aumentou 11% e o feminino 16,4% (IPEA, 2021), sobretudo porque surgiram novas demandas domésticas, trabalho remoto e cuidado com os filhos ou familiares doentes, que foram assimilados pelas mulheres mais jovens (MACÊDO, 2020).

Se, como citamos no referencial teórico, as juventudes constroem suas identidades no entrecruzamento de diversas condições, com influências pessoais, familiares, sociais, culturais, econômicas, históricas e religiosas; e tais aspectos aparecem também na definição dos projetos de vida, que além de manifestarem ideais internos, expressam modos de existir, possibilidades e limitações da realidade e do contexto. Nesse sentido, a pandemia também é um fator a ser considerado. Podemos indicar que nossas pesquisas sejam realizadas a fim de compreender as implicações desse período na vida e nos projetos de mulheres jovens.

Também podemos mencionar a possibilidade de fazer cruzamentos ou buscar relações, aproximações, recorrências ou peculiaridades entre as diferentes trajetórias e identidades religiosas. Nesta pesquisa, trouxemos jovens de quatro denominações diferentes, embora todas cristãs, e podemos tentar entender suas expressões dentro das liturgias próprias de suas igrejas, o que pode ser feito, por exemplo, em entrevistas com líderes religiosos ou análises dos fundamentos e estatutos de cada uma. No momento este não foi nosso objetivo, pois nosso foco na escolha das jovens foi de contemplar as religiosidades cristãs de maneira mais plural, pensando no acesso a elas ou na expressividade de suas denominações no município.

Mais do que sinalizar diferenças ou semelhanças, a participação religiosa evoca questões de espiritualidade e pertença, o que culmina em valores, crenças e práticas organizadas em determinado grupo. Porém, nosso foco não está nesse grupo, mas nas próprias jovens e em seus projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, nos propusemos a investigar as articulações ou influências da religião nos projetos de vida de jovens cristãs, atuantes nas suas respectivas comunidades localizadas em Campo Mourão, no Paraná. Este se mostrou um objetivo complexo, visto que a religião não está presente de maneira direta ou facilmente identificada em termos de determinismo, mas por vezes aparece como fator indireto, que compõe o histórico, a trajetória de vida e o campo de possibilidades que cada jovem vislumbra para si.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com 10 jovens que frequentam igrejas cristãs em Campo Mourão. As jovens possuíam entre 18 e 22 anos em 2020, participam da mesma denominação religiosa desde o nascimento, por influência familiar, e exercem algum cargo na instituição, em especial nos ministérios de crianças, adolescentes e juventudes. Nove jovens trabalham e uma está procurando emprego, além disso, oito cursam Ensino Superior e uma frequenta o Ensino Técnico. São quatro jovens negras e seis brancas, todas de classe baixa, que dependem do trabalho para sobreviver e auxiliar seus familiares. Nas entrevistas, demos destaque aos relatos individuais, buscando valorizar as subjetividades e observar de que maneira cada jovem constrói e elabora sua própria história. Por isso optamos pela abordagem qualitativa dos dados, com foco na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Ao nos questionar, como problema de pesquisa, de que maneira as jovens mulheres articulam as religiões cristãs aos seus projetos de vida, observamos que há uma presença constante dessa dimensão, porém não necessariamente da instituição e dos dogmas, mas de orientações e experiências que acabam influenciando escolhas e possibilidades. Por exemplo, quando o pastor orienta com quem ou quando as jovens irão casar, há uma orientação direta, mas que as jovens recebem de maneira individualizada, podendo adiar ou seguir tal “conselho” a depender de como percebem seus namorados e noivos, como no caso de Esmeralda (AD) e Mulan (CCB), ou de como imaginam sua vida no momento, pois entendem que os casamentos trarão responsabilidades que elas ainda não querem assumir, como no caso de Aurora (ILL) e Moana (ILL). Por outro lado, também há tentativas de rupturas ou tensionamentos frente às tradições, como na escolha de Anna (CCB) por não ter filhos biológicos.

Há, também influências diretas, como no caso de Vanellope (ILL), que pretende ser freira devido ao convívio com outras irmãs religiosas, embora a família não aprove essa

decisão; e as rotinas das jovens Tiana (AD) e Merida (ILL), que explicam que a instituição religiosa faz exigências específicas na organização do dia a dia, de forma que sobra pouco tempo para dedicarem-se a outros temas de seus interesses.

A espiritualidade descrita pelas jovens está ligada aos valores e significados que atribuem para suas próprias vidas, e embora não se limite aos ritos e hierarquias das igrejas que frequentam, tem relação com as crenças ou práticas dessas denominações, com as quais as jovens dizem se identificar. Para além das diferenças que essas denominações possam possuir entre si, observamos que as jovens possuem ideais comuns e projetam seu futuro de maneira semelhante.

De forma geral, a religiosidade é parte importante do cotidiano de todas as jovens entrevistadas, e possui formas de materialização variadas, no sentido de proporcionar momentos de cuidado e evangelização que acabam por influenciar a escolha das futuras profissões ou campos de atuação profissional. As experiências religiosas se misturam e perpassam outros ensinamentos e sentimentos que as jovens possuem. Por exemplo, embora destaquem a importância da saúde mental e da busca por terapia e socialização, também apresentam a igreja como local privilegiado de autocuidado e convivência – todas as entrevistadas abandonaram ou rejeitaram os relacionamentos “do mundo” ao escolher amigos e namorados que frequentam a mesma igreja que elas.

As vivências religiosas e as relações familiares – pautadas essencialmente pela religião, visto que todas as jovens entrevistadas relatam vir de um “berço cristão” – influenciam na identidade das jovens, de forma que elas compõem seus projetos a partir dessas experiências. Se, conforme Giddens (2002), a crença perpassa as demais instituições, isso fica evidente nesta pesquisa ao considerarmos que a família, primeiro espaço de socialização dos indivíduos, se define inicialmente como religiosa. Porém, seguindo as teorizações de Hervieu-Léger (2015), observamos que a religião figura muito mais como espaço de socialização e de aprendizagem do que como objetivo primeiro da vida dos sujeitos; vide o fato de que a maioria das entrevistadas diz que deixaria seus cargos ou atividades na igreja em prol de seus projetos individuais e seculares, e que a própria Vanellope (IC), que vê na igreja sua missão de vida, tem adiado esse sonho em prol de escolhas materiais.

O título escolhido para a dissertação abrange a individualidade das jovens no que se refere às expressões de sua religiosidade, bem como suas contradições: “Deus vai proporcionar isso para você” (Tiana, AD) evoca a divindade individual e personalizada, que atua de acordo com os desejos que seus fiéis procuram e “esperam” de Deus, mas que

depende também da força da fé e das ações que cada jovem está disposta a realizar para manter-se firme na sua crença. Desta forma, as possíveis articulações ou influências da religião se dão na medida de sua participação e do seu próprio entendimento a partir das experiências que possuem com a divindade.

Quando Mulan (CCB) aborda que “busca de Deus qualquer confirmação”, também destaca que há uma nova visão sobre sua religião, na qual Deus não é autoritário, mas um guia que pode confirmar ou fortalecer as escolhas que as próprias jovens fizerem. No mesmo sentido, Vanellope (IC) diz que Deus vai “iluminar suas ideias e pensamentos” para fortalecê-los, e que deve ser “a única pessoa que pode influenciá-la”, inclusive permitindo que a jovem ignore os conselhos da família, pois “é Ele quem tem que mandar”. Logo, há um Deus não mais tradicional e autoritário, mas que conversa e converge para os sonhos das jovens, possibilitando maior segurança e motivação para seguir as escolhas pessoais.

Ainda dentro do objetivo da pesquisa, compreendemos que as temáticas – a saber, identidades, trajetórias religiosas, e projetos – foram abordadas na entrevista e analisadas frente à teoria. Neste sentido, elaboramos tópicos sobre as identidades das mulheres religiosas, no qual citamos as trajetórias familiares e as experiências nas igrejas, possibilitando um percurso para os projetos de vida – visto que estes são elaborados tendo em vista essas múltiplas relações e vivências.

Ao investigar as características de identidade das jovens mulheres cristãs, foi possível analisar e discutir a articulação da dimensão religiosa com os valores e as identidades das jovens, tanto de forma positiva quanto negativa, visto que há elogios à trajetória religiosa da família, aproximação com o divino enquanto fonte de conforto e de autoconhecimento, mas também críticas aos posicionamentos autoritários e a visão de uma mulher submissa e controlada pelo lar. Tal como teorizado por Morin (2000), a dimensão religiosa é simbólica, porque se refere à uma manifestação afetiva e psíquica que permite organizar sonhos e criar formas de vida.

Já ao examinar as experiências e trajetórias dessas mulheres nas comunidades religiosas de que participam, identificamos recorrências no que se refere à motivação para participar de determinada denominação, relações paternas e influência familiar, afastamento e dúvidas no período da adolescência, retorno na juventude e fé genuína a partir da reflexão e da vontade de evangelizar e cuidar do próximo. A igreja é vista como espaço de aprendizado e de contato com a dimensão divina; porém, também possui facetas vistas como negativas, devido aos dogmas relacionados ao *ser mulher*, pois direciona as existências femininas para o casamento e a constituição de uma família.

Há a ideia de que o casamento é “o que Deus idealiza para todos” (Tiana AD), o que justifica que a maioria das jovens antecipem das comunidades um possível pretendente para o seu futuro – ainda que este não faça parte dos planos imediatos. Junto disso há as críticas à religião tradicional, pois “a gente [mulher] não tem que ser submissa” e sim “fazer a vontade de Deus” (Jasmine, AD), o que acaba por tentar igualar homens e mulheres nas atribuições que possuem e nas tarefas que exercem perante a igreja e a comunidade. Embora a religião (enquanto instituição) esteja presente na apresentação e motivação para casamentos em uma mesma denominação, entre pessoas que compartilham a mesma fé, ainda figura como espaço de socialização e não como orientação direta para a concretização desses matrimônios. A influência mais direta aparece na questão da sexualidade, pois, tal como preconizado pelas igrejas, existe apenas o casamento heterossexual e que necessita passar por uma celebração religiosa – não é à toa que oito das dez jovens idealiza esse momento para si.

Foi possível identificar um perfil geral para as entrevistadas: são advindas de camadas populares, de classe média-baixa, heterossexuais, e oito delas já cursaram ou estão cursando o Ensino Superior (as outras duas fazem ou fizeram curso técnico, sendo que uma delas almeja fazer a graduação em breve). O trabalho aparece como categoria relevante e de importância individual e familiar. Nas trajetórias com a família, o pai aparece como figura de autoridade e de limitações, sobretudo devido à visão tradicional da mulher como ser mais frágil e doméstico (apenas o pai de Moana – ILL não é identificado desta maneira). Já a mãe aparece como fonte de cuidado e exemplo de vida, por estimular a independência e a valorização do estudo e da vida financeira.

A classe social é relevante na medida em que vivemos em um sistema socioeconômico no qual é o dinheiro que permite acessar e desfrutar de determinados bens e melhorar a qualidade de vida, fato que é percebido por todas as jovens entrevistadas. Logo, o fator financeiro ganha destaque nas suas trajetórias pessoais e familiares, pois se coloca como influente no campo de possibilidades e orienta escolhas e planos – vide o fato de as jovens trabalharem desde o final da adolescência, buscarem primeiro profissões mais facilmente “empregáveis”, e só depois de juntar dinheiro e se estabilizar, procuram empregos adequados aos seus desejos.

Destacamos também a relevância da raça para compreensão das vivências do feminino e da elaboração de projetos. Duas jovens se identificam como negras e duas como pardas, e todas identificam violências ou dificuldades relacionadas às questões raciais, como o preconceito, a solidão e as dificuldades financeiras, que muitas vezes levam as jovens a aceitar empregos informais e ou fora de sua área de formação. Mesmo entre aquelas que já

dispõem de um salário ou emprego registrado, há a menção às dificuldades financeiras vivenciadas pela família até chegar ao pouco conforto que possuem, e a busca por melhores condições de vida aparece como projeto ou meta mais importante, especialmente no que se refere à estabilidade no emprego e ao desejo de melhores salários. Além disso, de acordo com o Datafolha (2020), mulheres negras e periféricas são a maioria nas igrejas evangélicas e neopentecostais, que oferecem conforto social e emocional para pessoas marginalizadas.

No que se refere às suas expectativas, as jovens entendem que o casamento é um processo “natural” da vida e que é o desejo de Deus para todos os seus filhos, por outro lado, em momento algum foi citado outro modelo de relacionamento para além da união civil monogâmica e heterossexual. Isso também foi observado durante a elaboração do levantamento bibliográfico, apresentado no primeiro capítulo, pois nas vinte e oito teses analisadas não apareceram menções aos jovens homossexuais, às mulheres lésbicas ou transsexuais. A heterossexualidade aparece como pressuposto, no sentido de que não foi diretamente citada, mas deduzida a partir das perguntas, pois, ao questionar sobre relacionamento e casamento, todas as jovens disseram estar ou não interessadas em encontrar um marido (“sexo oposto”). Há uma diferenciação entre casar e viver sozinha, apenas uma das jovens destacou que poderia adotar filhos sem precisar de um companheiro, e outras formas relacionais não foram citadas.

Podemos tentar explicar esse posicionamento pela própria ausência de mulheres não-binárias nos espaços religiosos (QUINTELA, 2020), que geralmente são pouco receptivos às “condutas sexuais desviantes” e as demonizam sob o discurso da “ideologia de gênero” (FERREIRA; AGUIAR, 2018, p. 114), ou à marginalização que estas ainda encontram nos movimentos feministas – embora o feminismo pós-moderno²⁰ incentive pesquisas sobre os diferentes espaços e manifestações das feminilidades, considerando que não há uma essência feminina, mas um “tornar-se mulher”, que se faz nas relações sociais, nos processos de subjetivação, campos de possibilidades e até mesmo nas violências sofridas (BUTLER, 2015).

Cabe apontar aqui que a palavra “feminismo” foi citada por apenas uma das entrevistadas, que ainda fez questão de destacar não se tratar do termo *original*, mas de uma adaptação feita por ela a partir dos preceitos bíblicos. As jovens citam limitações existentes

²⁰ O Movimento Feminista pode ser dividido em três grandes “ondas” de pensamento, ligadas ao contexto e às lutas das mulheres em cada período histórico: a primeira relaciona-se ao movimento liberal e sufragista que “luta contra a discriminação das mulheres e pela garantia de direitos” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649) civis, políticos e de educação; a segunda, iniciada aproximadamente em 1960, postulava a necessidade de valorizar as diferenças entre homens e mulheres para considerar as especificidades femininas e a busca pela essência do “ser mulher”; e a terceira, que ganha força na década de 1990, que é o feminismo pós-moderno, tecnofeminismo ou ciberfeminismo, que questiona essa essência feminina e inverte a lógica da sexualidade para postular que primeiro há o gênero e depois o sexo e o desejo (BUTLER, 2015).

nas suas denominações religiosas, no que se refere à exigência do casamento, à não valorização dos jovens enquanto pessoas experientes e capazes de opinar, e à orientação ao casamento monogâmico heterossexual; porém, adaptam suas crenças e as utilizam na medida de suas possibilidades. A própria Bíblia, livro base da doutrina cristã, é adequada às crenças pessoais, na medida em que alguns versículos são utilizados e outros recebem menos importância. Ao falar das limitações que as mulheres podem sofrer dentro das igrejas, as jovens relatam “avanços” e mudanças, e entendem que algumas das experiências exigidas (como as roupas, cortes de cabelo ou relacionamentos) precisam primeiro passar pela aceitação pessoal, de forma que não são obrigações, mas derivam do entendimento e da espiritualidade profunda. Nesta toada, a palavra “feminismo” se torna cara ao movimento, devido sobretudo aos tabus que representa dentro das igrejas, por estar associada ao divórcio, métodos contraceptivos e aborto, por isso geralmente não é utilizada e sua vivência acaba negada pelas participantes, que preferem definir-se como “mulheres de oração”.

Por fim, ao analisar a forma como as jovens mulheres cristãs elaboram seus projetos de vida, a partir de seus relatos, observamos o que as entrevistadas planejam efetivamente para o seu futuro. Destaca-se a busca pelo casamento e pelo príncipe encantado, que é uma orientação da igreja, mas também uma normativa social e cultural imposta às mulheres; e também a preparação para o mercado de trabalho e inserção no Ensino Superior para encontrar melhores empregos, o que responde às exigências e orientações familiares, mas também mercadológicas. Além disso, buscamos identificar quais as ações e deliberações já realizadas para alcançar tais objetivos, o que nos evidenciou a importância dada aos estudos como fonte de atingir uma profissão ou aumentar a renda, conseguindo assim mais qualidade de vida.

A religião articula possibilidades na medida em que estimula o ensino, o trabalho e os relacionamentos. Além disso, há também a valorização da igreja como espaço social e campo de sociabilidade, que permite a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades, entendidas pelos religiosos como dons. No espaço da religião, há um “ser jovem” que passa pelo descobrimento de si mesmas e dos outros. Como já descrito por Ferreira (2012), a religião aparece como um sistema de força que organiza a vida e supre angústias, pois seguir os dogmas religiosos permite lidar com os fenômenos incompreensíveis da realidade. Por outro lado, na percepção das jovens, as instituições religiosas muitas vezes exigem ampla dedicação de tempo e esforço para a condução das atividades grupais em prol dos objetivos pessoais, o que pode gerar algumas divergências.

Desta forma, há um universo de informações que atravessam as jovens em seus posicionamentos, e a igreja não é o único fator de influência sobre os planos de vida, estudo e trabalho. Ainda que não se possa trazer generalizações, os dados obtidos na pesquisa permitiram visualizar a influência das igrejas na busca por profissionalização e pelo Ensino Superior. A autora Arbués (2015) explica que as igrejas pentecostais tendem a estimular muito mais a educação formal do que nas igrejas católicas, como forma de melhorar a vida dos seus membros, e essa afirmação foi observada nos projetos das jovens mourãoenses.

As múltiplas variáveis pelas quais interpretamos os fenômenos, como a cultura, o gênero e a idade, podem conferir certo relativismo epistêmico à pesquisa; porém, este não é um relativismo ético, pois, como nos explica Veiga-Neto (2002, p. 36), “noções tais como solidariedade, justiça social e igualdade de direitos podem ser tomadas como transcendentais”. Logo, ainda que seja limitada no número de entrevistadas e na abordagem proposta, essa pesquisa pode contribuir para o estudo das religiões bem como para a discussão dos espaços ocupados e mantidos pelas mulheres em nossa sociedade.

FONTES

ASSEMBLEIA DE DEUS

Esmeralda. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2020.

Jasmine. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2019.

Tiana. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2019.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL

Anna. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2019.

Cinderela. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2019.

Mulan. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2019.

IGREJA CATÓLICA

Merida. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2019.

Vanellope. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2020.

IGREJA LUTERANA LIVRE

Aurora. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2020.

Moana. **Entrevistas concedidas a Carolina Casarin Paes.** Campo Mourão, 2020.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, José Eustáquio Diniz et al. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. **Tempo social**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017.
- AMATUZZI, Mauro Martins. Pesquisa fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 93-100, jan./mar. 2009.
- ARAÚJO, Silvete Aparecida Crippa de. **A mulher entre a casa e a rua**: educação e trabalho feminino nos periódicos da Federação Espírita do Paraná (FEP), primeira metade do século XX. 2017. 220f. Tese (Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- ARBUÉS, Margareth Pereira. **Trabalho e fé**: perfil e percepções de mulheres gerentes no setor bancário em Goiânia. 2015. 162f. Tese (Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.
- AUGUST, Mariluce Emerin de Melo. **Missionárias evangélicas brasileiras**: conjugalidade, fé e experiência enquanto solteiras em culturas africanas. 2018. 209f. Tese (Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. Cor e sentido. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2017, p. 81-108.
- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BELLO, Alexandre Toaldo. **Pecuária do amor**: relações afetivo-sexuais das jovens em uma escola da periferia de Porto Alegre. 2014. 143f. Tese (Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BERGER, Peter Ludwing. **O dossel sagrado**: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERTO, Vanessa de Faria. **Irmão sol, irmã lua: Gênero, poder e clausura em um Mosteiro da Ordem de Santa Clara de Assis – São Paulo.** 2015. 209f. Tese (Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BONINI, Lara Grigoletto; MEZZOMO, Frank Antonio; MEZZOMO, Maristela Moresco. Dimensões geográficas dos elementos religiosos presentes na cidade de Campo Mourão – PR. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./abr. 2012.

BORGHI, Idalina Souza Mascarenhas; ORRICO, Nanci Rodrigues; MENDES, Maricleide Pereira de Lima. Tecer a vida em tempos de pandemia: narrativas e aprendizagens de jovens universitários camponeses. **Revista Práxis**, v. 13, n. 25, jun. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Juventude.** Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso em: 31 jul. 2021.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 31 jul. 2021.

BORDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

BREDER, Fernanda. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney.** Rio de Janeiro: E-galáxia, 2015.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 13-34.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CACERES, Pedro Antonio Chagas. **Mortes violentas: o sentido da fé para quem fica.** 2019. 235f. Tese (Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.

CAMPANARO, Priscila Kikuchi. **Religião, imigração e gênero: uma análise a partir de uma chave de leitura feminista pós/des colonial sobre o fenômeno do associativismo religioso entre mulheres imigrantes bolivianas batistas na cidade de São Paulo.** 2018. 202f. Tese (Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, 2018.

CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar**, Maringá, v. 4, n. 1, p. 143-156, 2004.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno.** Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

CASARIN, Shana et al. O efeito da concentração da religião cristã sobre a separação e o divórcio: uma análise por meio de dados em painel para o Rio Grande do Sul. **Sinergia**, Rio Grande, v. 24, n. 2, p. 87-99, jul./dez. 2020.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Reflexões sobre juventude brasileira e engajamento político-social. Entrevista com Lúcia Rabello de Castro concedida à Thaís Serafim e Lara Grigoletto Bonini. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 12, p. 11-19, jan./jun. 2015.

CASTRO, Tainara Rigotti de. Aproximação entre os alunos do Ensino Médio Público do Município de Campo Mourão e o Ensino Superior (UNESPAR): uma ação do colegiado de EPA. **XII EEPA**, Encontro de Engenharia de Produção Agroindustrial, Campo Mourão, nov. 2018.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios**. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.

CIEE, Centro de Integração Empresa-Escola. **Aprendiz Legal**. São Paulo: Fundação Roberto Marinho / CIEE / Gerar, 2021. Disponível em: <aprendizlegal.org.br/>. Acesso em 01 ago. 2021.

CONJUVE, Conselho Nacional de Juventude. **Juventudes e a pandemia do coronavírus**. Brasília: Conjuve/Fundação Roberto Marinho, Rede Conhecimento Social, ONU Educação, 2020. Disponível em: <sinapse.gife.org.br/download/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus>. Acesso em 01 ago. 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos de pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Maria Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.

COSTA, Ingrid Gomes Dias da. **Padrão de formação familiar em diferentes grupos religiosos no Brasil**. 2015. 243f. Tese (Demografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CUBAS, Caroline Jaques. **Do hábito ao ato: vida religiosa feminina ativa no Brasil (1960-1985)**. 2014. 360f. Tese (História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa**. 2 ed. rev. e ampl. de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida?** São Paulo: Summus, 2009.

DATAFOLHA. **Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil – total da amostra**. Instituto de Pesquisas Datafolha, São Paulo, dez. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2sTqmtj>>. Acesso em 31 jul. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Vera. Delinquência juvenil feminina a várias vozes: contributos para a construção de uma tipologia de percursos transgressivos. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, v. 78, n. 78, p. 49-66, maio 2015.

ERIKSON, Erik Homburguer. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FÁVERO, Osmar et al. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio/ago. 2010.

FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira. **Papo de adolescente**: website sobre sexualidade e prevenção de DST/HIV/AIDS para adolescentes envolvidos na igreja. 2014. 193f. Tese (Enfermagem). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FERREIRA, Ismal de Vasconcelos. A religião como necessidade social. **Revista Cogitationes**, Juiz de Fora, v. 3, n. 7, p. 5-17, abr./jul. 2012.

FIGUERÊDO, Raiza Barros de; CRUZ, Fátima Maria Leite. Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. **Estudos Feministas**, v. 25, n. 2, p. 803-828, mai./ago. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. 3 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-64.

_____. Totem e tabu (1913). In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 21-168.

_____. Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor) (1910). In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 169-182.

_____. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: _____. _____. **Obras completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 107-117.

FURLIN, Neiva. **Relações de gênero, subjetividades e docência feminina**: um estudo a partir do universo do ensino superior em teologia católica. 2014. 387f. Tese (Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

GEROTTO, Lorraine Martins; QUEIROZ, Alcimar Silva de. Princesas da Disney e a representação do feminino em face das novas heroínas do século XXI. **Sem. Literatura e Arte Contemporânea**, UFGD, Dourados, abr. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2OIAFjR>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

GIDDENS, Anthony. Os altos contornos da alta modernidade. In: _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 9-38.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Máximas e reflexões**. 2 ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1992.

GOMES, Calil de Siqueira. **Mulheres plurais**: a educação feminina à luz da missão educativa da Igreja Católica. 139f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2015.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014.

GUERRIERO, Silas. Novas configurações das religiões tradicionais, re-significação e influência do universo Nova Era. **Tomo**, São Cristóvão, v. 14, p. 35-53, jan./jun. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 07-41, 1995.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 11 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

_____. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IBGE, Agência de Notícias. **Registro Civil 2019**: número de registros de casamentos diminui 2,7% em relação a 2018. Brasília: Agência IBGE, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2StYmMo>>. Acesso em 31 jul. 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais – Pnad contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/352UfHm>>. Acesso em 31 jul. 2021.

_____. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios contínua 2016-2017**. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2018.

_____. **Cidades**. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2QBvv3Y>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

_____. **Censo demográfico 2010**: características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: IBGE / Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2SBF05z>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

IDÁRRAGA, Maria Rossi. **Identidade sem pertencimento?** Dimensões íntimas da etnicidade feminina no Vaupés. 2016. 393f. Tese (Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

IEDE, Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional. **Igualdade de gênero nas carreiras demanda mudança em casa, na escola e na universidade.** São Paulo: IEDE, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2VGAja1>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

_____. **Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA).** São Paulo: IEDE, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2VGAja1>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Carta de Conjuntura.** Brasília: IBGE / PNAD / IPEA, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3pqUxne>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

_____. **Censo da Educação Superior:** Notas estatísticas 2017. Brasília: INEP / Ministério da Educação / Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED), 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ri1fK5>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

_____. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil.** Minas Gerais: Fundação João Pinheiro/IPEA/PNUD, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2F6BvMK>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

KERVALT, Marcelo. Jovens cangurus: por que eles demoram tanto para sair da casa dos pais. **Gazeta do Povo**, São Paulo, 05 de junho de 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3rUuOU3>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

KRISTEVA, Júlia. **No princípio era o amor:** psicanálise e fé. São Paulo: Verus, 2010.

LEITE, Tiago Pereira. **Jovens na esquina:** dramas e sociabilidades entre jovens da periferia. Porto Alegre: Trajeto Editorial, 2015.

LESSA, Sérgio. **Abaixo à família monogâmica!** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 132-155, jul. 2007.

LIMA, Flaviane Izidro Alves de et al. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. **Doxa, Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33-50, 2017.

LIONÇO, Tatiana. Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37 (spe.), p. 208-223, 2017.

LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. **Elementos teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras:** diálogo com a comunidade-

terreiro Ilé À Se Yemojá Omi Olodô e “o acolhimento que alimenta a ancestralidade. 2014. 271f. Tese (Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, maio/ago. 2020.

MACEDO, Cleber Michel Ribeiro de; SÍVORI, Horacio Frederico. Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de “psicólogos cristãos” brasileiros no século XXI. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 1415-1436, 2018.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. 6 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

MAGNANI, Claudia. **Ûn Ka’ok – Mulheres fortes: uma etnografia das práticas e saberes extra-ordinários das mulheres tikmün’ün - maxakali**. 2018. 387f. Tese (Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MARCO, Flávia Moreno de. **Construções discursivas de virgindade como dispositivo de controle de corpos e desejos femininos**. 2016. 139f. Dissertação (Linguística Aplicada). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 14, n. 24, p. 119-137, 2013.

_____. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun. 2003.

MARQUES, Maria Adriana. **A identidade do homem frente ao protagonismo da mulher na religião: um estudo de caso na igreja evangélica assembleia de Deus na cidade de Goiânia-GO**. 2020. 127f. Tese (Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

MARTINS, Thays. Jovens são os que têm mais dificuldade de conseguir emprego. **Correio Braziliense**, Brasília, abril de 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2MNzfNV>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. **A festa da moça nova: ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna**. 2015. 534f. Tese (Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MATOS, Ralfo; LOBO, Carlos; GARCIA, Ricardo Alexandrino. As mudanças nas preferências religiosas no Brasil contemporâneo. **Cadernos do Leste**, Laboratório de Estudos Territoriais, Belo Horizonte, v. 18, n. 18, p. 1-10, jan./dez. 2018.

MEC, Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior**. Brasília: MEC, 2018.

MELO, Hildete Pereira de. Mulheres aumentam escolaridade em relação aos homens. Entrevista com Hildete Pereira de Melo concedida à Cristina Índio. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, jun. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZP8Js>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **Estudantes universitários no Ensino Superior público paranaense: perfil dos ingressantes na Universidade Estadual do Paraná**. Campo Mourão: Fecilcam, 2015.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; BONINI, Lara de Fátima Grigoletto. “Não tenho religião, apenas a crença em Deus”: trajetórias e compreensões religiosas de jovens universitários. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, ano XI, n. 33, p. 233-266, jan./abr. 2019.

MIGUENS, Fernanda Siqueira. **A Sociedade Sagrada das Polacas: uma tradução da palavra de Deus pelas donas de casa/prostitutas**. 2018. 187f. Tese (Filosofia da Religião). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MINELLA, João Marcos et al. A influência do materialismo, educação financeira e valor atribuído ao dinheiro na propensão ao endividamento de jovens. **Gestão e Planejamento**, Salvador, v. 18, p. 182-201, jan./dez. 2017.

MORAES, Márcia. Do “pesquisar COM” ou tecer e destecer fronteiras. In: TAVARES, G., MORAES, M.; BERNANDES, A. (Orgs.). **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014, p. 131-138.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, Candido (Org.). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 69-77.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 274-289.

_____. O paradigma de complexidade. In: MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 83-113.

MULLER, Ana Paula Fest. **Valores familiares contemporâneos da “Geração Canguru” na perspectiva de pais e filhos**. 2018. 135f. Dissertação (Família na Sociedade Contemporânea). Universidade Católica do Salvador, 2018.

NASCIMENTO, Núbia Costa. **A aprendizagem de um tema que gera conflito entre ciência e crença: uma investigação com estudos do ensino médio técnico**. 2017. 250f. Tese (Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 175-190.

OCUNI CÁ, Cristina Mandau. **Formação feminina no internato de Bor (1933-2011) na Guiné-Bissau: reflexos na educação da sociedade guinense contemporânea**. 2015. 293f. Tese (Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

OLIVEIRA, Fernanda Abreu de; QUEIROZ, Fernanda Marques de; DINIZ, Ilidiana. Divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres no contexto da pandemia da Covid 19. **Rev. Inter-Legere**, v. 3, n. 28, set. 2020.

OLIVEIRA, Francisco de Sousa. **Envolvimento paterno e comportamento da criança em idade escolar: percepção do pai**. 2020. 64f. Dissertação (Psicologia Clínica e da Saúde). Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, 2020.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva Serra de. **Romaria do Bom Jesus da Lapa: reprodução social da família e identidade de gênero feminina**. 2014. 247f. Tese (Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

OLIVEIRA, Daniela Adriana Garces de. **“Toda alma que se eleva, eleva o mundo”**: o discurso do periodismo católico dirigido às mulheres em Portugal (1934-1969). 2017. 338f. Tese (História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

OLIVEIRA, Welligton Cardoso de. **Juventude, religião e conflitos geracionais: entre o discurso institucional e a prática religiosa de jovens pentecostais da Assembleia de Deus em Goiânia**. 2017. 250f. Tese (Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

OLIVEIRA JÚNIOR, Fabio Eduardo de. **As intenções empreendedoras na carreira de digital influencer**. 2020. 14f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Administração). Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Suicide in the world: global health estimates**. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/36VBkPW>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PACHECO, Brenda Fischer Sarcinelli. **Identidade: uma revisão do conceito em psicologia a partir do campo de estudos feministas de gênero**. 2019. 173f. Tese (Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PASSOS, Júlia Rajão Liboni; FREITAS, Laura Maciel. “Não nos deixeis cair em tentação”: uma análise sobre religião e virgindade no Brasil. **Pensata: Revista Alunos do PPG Ciências Sociais da UNIFESP**, v. 9, n. 2, 2020.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio. **Olhares sobre a mulher: o jornal como fonte e recurso pedagógico**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

_____. Onde estão a religião e a política? Compreensões de jovens universitários católicos, evangélicos e sem religião. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 812-844, maio/ago. 2018.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. **Sentimentos, emoções e projetos vitais da juventude: um estudo exploratório na perspectiva da teoria dos modelos organizadores do pensamento**. 2011. 232f. Tese (Psicologia e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

PAVANELLI, Márcia Engel; ARAÚJO, Glauber Souza; SILVA, Vanderlei Dorneles da. Divórcio na sociedade brasileira, na Igreja Adventista do Sétimo Dia e na Bíblia. In: COSTA, Francisco Pinheiro da Silveira; SILVA, Vanderlei Dorneles da; KUNZ, Vandeni Clarice (Orgs.). **Compreendendo a doutrina e a cultura dos adventistas**. Engenheiro Coelho/SP: Unasp, 2017, p. 199-210.

PAZ, Eliane Moreira da Costa. **Os adolescentes em crise de fé e de pertença religiosa: comparação entre católicos e evangélicos**. 2015. 81f. Dissertação (Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

PEREIRA, Eduarda. Profissões preferidas pelas mulheres: conheça 10 carreiras e os salários. **Vai de bolsa**, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3q583xk>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PEREIRA, Ilka Cristina Diniz. **Pelas mãos de mãe Nilza: religião e mulheres negras em Codó-MA**. 2019. 233f. Tese (Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” – o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, set./dez. 2004.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-49, abr. 1997.

PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo. **A marca da promessa: culturas juvenis assembleianas**. 2014. 427f. Tese (Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PRIGOGINE, Ilya. O fim da certeza. In: MENDES, Cândido (Org.). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 49-67.

_____. O fim da ciência? In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 25-44.

QUINTELA, Hugo Felipe. **Uma Eva diferente: experiências e trajetórias evangélicas de mulheres trans**. 2020. 313f. Tese (Ciências Sociais). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.

RIBEIRO, Eliane; SOUZA, Luiz Carlos de. Jovens brasileiros que não estudam nem trabalham. Subsídios para o debate com base nos dados da pesquisa “Agenda Juventude Brasil”. In: CORICA, Agustina; FREY, Ada Freytes; MIRANDA, Ana (Orgs.). **Entre la**

educación y el trabajo: la construcción cotidiana de las desigualdades juveniles en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2018, p. 111-134.

RISCZIK, Jussane Alexandre; STRASSBURG, Samara Cecília Bolicó; FERNANDES, Alessandra Vieira. Reflexões sobre o plantão de atendimento psicológico a partir da caracterização de usuários/as e demandas. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 3-18, jul./dez. 2019.

RODRIGUES, Francisco Jahannes dos Santos. **Aprendizagens experienciais juvenis do movimento espírita cearense.** 2019. 160f. Tese (Educação). Universidade Federal do Ceará, 2019.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e “dominação” do Brasil:** música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono. 2015. 265f. Tese (Sociologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SANTANA, Josineide Siqueira de. **Pedagogia do convento:** oportunidades e limites da formação religiosa feminina. 2018. 334f. Tese (Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos. **Gênero e Psicologia Clínica:** risco e proteção na saúde mental de mulheres. 2012. 198f. Tese (Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, 2012.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. **Mulher Soka em terras santas:** a propagação do budismo em Aparecida do Norte e Juazeiro do Norte. 2014. 156f. Tese (Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **A idade da razão.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. O existencialismo é um humanismo. In: **Coleção Os Pensadores**, vol. XLV. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 7-38.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Adriana Maria Simião da. **Histórias de vida de mulheres romeiras:** experiências socioreligiosas e os processos formativos na terra da Mãe das Dores e do Padre Cícero. 2017. 336f. Tese (Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SILVA, Lorena Alves; PARRIÃO, Karoline Rodrigues. Gênero e divisão sexual do trabalho: o cuidado e a responsabilidade dos filhos pela mulher, como expressão da desigualdade de gênero. **VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, Londrina, out. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3bbQgxt>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SILVA, Marielle Costa; SOUZA, Stela Maris Bretas. Os sentidos atribuídos à cor e raça por alunos de uma escola pública. **Com a palavra o Professor**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 2, p. 144-166, mai./ago. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da; WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA FILHO, José Patrício da. **Caracterização dos encerramentos dos atendimentos realizados no serviço escola de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande**. 2018. 31f. Monografia (Psicologia) Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. **Religiosidade, depressão, ansiedade e ideação suicida entre mulheres privadas de liberdade**. 2018. 112f. Tese (Ciências da Saúde). Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOUSA, Rayane Camila da Silva; COLAUTO, Romualdo Douglas. Valores Significativos do Trabalho para estudantes de Contabilidade das gerações Y e Z. **XX USP International Conference in Accounting**. São Paulo, julho de 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3jMIBJR>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SUDRÉ, Lu. A crise tem rosto de mulher: elas são as mais afetadas pela precarização no país. **Brasil de Fato**, Jornal, São Paulo, 8 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3iNWN6H>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

TENCHENA, Sandra Mara. **O feminino nos mistérios ucranianos da arte e da fé**. 2016. 218f. Tese (Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Maria Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 23-38.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: _____. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 31-48.

_____. **Memória, identidade e projeto**. Projeto Metamorfose. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VICENZO, Giacomo. Casa própria e carro ainda são desejo da maioria dos jovens de periferia. **TAB Uol**, São Paulo, 18 ago. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35vyLW8>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, maio/ago. 2010.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE A

Entrevista 1

Nome:

Idade:

Identidade racial:

Com quem mora:

Renda pessoal / familiar:

Estado civil:

Escolaridade:

Estuda atualmente? (O que? Onde?)

Profissão:

Quando começou a trabalhar?

Descreva o que você faz em um dia comum (sua rotina):

Comunidade Religiosa:

Há quanto tempo participa:

De quais atividades religiosas participa:

Com que frequência?

O que te motivou a participar dessa igreja/comunidade?

O que você aprendeu ou tem aprendido nas suas experiências religiosas?

Desde que passou a frequentar o espaço religioso, quais mudanças aconteceram na sua vida?

Já se afastou da igreja? () Sim () Não Por qual motivo?

O que mudou na sua vida durante esse período de afastamento?

Participa de movimentos / projetos sociais? Quais?

Mulheres que você admira: Por quê?

Homens que você admira: Por quê?

O que é importante para você?

O que você gostaria que fosse diferente?

Quais os melhores aspectos dessa etapa da vida (juventude)?

Quais os piores aspectos dessa etapa da vida (juventude)?

Como seria uma vida perfeita?

O que você faz para ter essa vida que almeja?

Você tem algum projeto de vida?

Há algo mais que você acha importante compartilhar comigo hoje?

Entrevista 2

Gostaria de comentar ou acrescentar algo que pensou depois do nosso primeiro encontro?

O que planeja para o futuro?

O que quer ser? (Fazer faculdade? Trabalhar? Casar?)

Ambiciona exercer cargos na Instituição religiosa? Qual?

Onde quer viver? (Como você imagina sua casa?)

Com quem quer viver?

Como idealiza o casamento? Como imagina o seu marido?

Planeja casar? Quer ter filhos? Tem vida sexual ativa? Usa ou pretende usar métodos contraceptivos?

O que quer fazer?

Como quer viver?

Como você se vê daqui a 5 anos?

Como você se vê daqui a 15 anos?

Quais os acontecimentos ou pessoas te influenciaram a traçar esses projetos?

O que você tem feito para alcançar esse projeto?

O que ainda precisa ser feito?

Para você, o que significa “ser mulher”?

Há algo que você gostaria de acrescentar a essa conversa?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezada,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa *Projetos de vida de jovens mulheres participantes de comunidades religiosas cristãs em Campo Mourão – PR*, que faz parte do PPGSeD/Unespar, sob a responsabilidade de Carolina Casarin Paes, sob orientação da Profa. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, da Universidade Estadual do Paraná, que tem como objetivo identificar as possíveis articulações ou influências da religião nos projetos de vida de jovens mulheres que participam de comunidades religiosas cristãs em Campo Mourão – PR, buscando analisar que elementos religiosos passam a compor as perspectivas de futuro dessas jovens.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP UNESPAR.

DADOS DO PARECER DE APROVAÇÃO

emitido Pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CEP UNESPAR

Número do parecer: 3.554.312

Data da relatoria: 04/09/2019

1. **PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:** A sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: mediante a realização de duas entrevistas semiestruturadas, a serem gravadas em áudio, abrangendo temáticas relacionadas à sua vinculação e trajetória religiosa, valores e sentimentos relacionados à etapa da juventude e seus projetos de vida.

2. **RISCOS E DESCONFORTOS:** Informamos que poderão ocorrer os riscos/desconfortos a seguir: os riscos são mínimos, relacionados principalmente aos possíveis desconfortos referentes ao deslocamento até o local da entrevista ou aos temas das perguntas. Nesses casos, as jovens terão a liberdade para não responderem às questões e/ou sanar suas dúvidas diretamente com a pesquisadora. Para reduzir ainda mais os possíveis riscos, destaca-se que todos os cuidados serão tomados com vistas a evitar que você possa vivenciar qualquer tipo de constrangimento, antes, durante e após a realização da pesquisa. Lembramos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

3. **BENEFÍCIOS:** Os benefícios esperados são que a presente pesquisa contribuirá para a compreensão das identidades das jovens mulheres vinculadas a diferentes comunidades

religiosas, sendo que você terá a possibilidade de dialogar e fazer compreender os elementos de sua identidade, valores e projetos de vida. Ademais, vale ressaltar que todos os resultados serão compartilhados com os participantes da pesquisa.

4. **CONFIDENCIALIDADE:** Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Os áudios de suas respostas durante as entrevistas ficarão disponíveis apenas aos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder, garantindo-se o sigilo das informações. Suas respostas ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum das entrevistas, nem quando os resultados forem apresentados. Além disso, os dados a serem coletados só poderão ser utilizados para fins de publicações científicas, em um período de até 10 anos, contados a partir do ano de 2019. Após este período, os dados serão descartados.

5. **SEGURANÇA:** Foi informado de que será assegurada, bem como sobre a garantia do livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

6. **ESCLARECIMENTOS:** Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UNESPAR, cujo endereço consta deste documento.

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com a **pesquisadora responsável**, conforme o endereço abaixo:

Nome: Carolina Casarin Paes

Telefone: (44) 3518-1873

E-mail: ccpaes@outlook.com

Endereço: Av. Comendador Norberto Marcondes, 733 – Centro – Campo Mourão, PR

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (CEP) envolvendo Seres Humanos da UNESPAR, no endereço abaixo:

CEP UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná. Avenida Rio Grande do Norte, 1.525 – Centro, Paranavaí-PR. CEP 87.702-340

Telefone: (44) 3482-3212

E-mail: cep@unespar.edu.br

7. **RESSARCIMENTO DAS DESPESAS:** Caso a Sra. aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

7.1 CUSTOS: Foi esclarecido de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação, e, que não haverá qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa.

8. PREENCHIMENTO DO TERMO: Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

TERMO

Eu _____, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar **VOLUNTARIAMENTE** da pesquisa realizada por Carolina Casarin Paes, sob orientação da Profa. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro.

Campo Mourão, _____ de _____ de 2020

Assinatura ou impressão datiloscópica